



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**MUSEU NACIONAL**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS**

**CARACTERÍSTICAS DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE  
VILA BETÂNIA**

**Jose Maria Souza Santos**  
**(Yutche)**

**Rio de Janeiro**  
**2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**MUSEU NACIONAL**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS**

**CARACTERÍSTICAS DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE  
VILA BETÂNIA**

**Jose Maria Souza Santos**  
**(Yutche)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Linha de pesquisa: Língua, Cultura e Sociedade

**Rio de Janeiro**  
**2025**

**S237c**

SANTOS, Jose Maria Souza

Características do contato da língua ticuna com a língua portuguesa: uma análise da situação linguística da comunidade Vila Betânia / Jose Maria Souza Santos (Yutche). – Rio de Janeiro, 2025.

164f. : il. (color.)

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro: Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2025.

1. Língua Ticuna. 2. Línguas indígenas. 3. Contato Linguístico. 4. Bilinguismo Indígena. 5. Educação Intercultural. 6. Preservação Linguística. I. Peixoto, Jaqueline dos Santos. II. Título.

**CDD 498**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**MUSEU NACIONAL**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS**

**CARACTERÍSTICAS DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE  
VILA BETÂNIA**

Por

**Jose Maria Souza Santos**

(Yutche)

**Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Banca Examinadora:

---

Presidente: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto (PROFLLIND/UFRJ)

---

Profa. Dra. Beatriz Protti Christino (PROFLLIND/UFRJ)

---

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos Castro (UNIRIO)

---

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis (PROFLLIND/UFRJ)

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa (PROFLETRAS/UFRJ)

## DEDICATÓRIA

*À minha querida Mãe, **Maria do Carmo de Souza**, cujo seu amor e ensinamentos guardarei em minha memória e no meu coração para a eternidade!*

*Jose Maria Souza Santos*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial à minha professora orientadora Jaqueline dos Santos Peixoto, pela dedicação, paciência e pelas valiosas orientações ao longo deste percurso.

Agradeço também a todos os professores do PROFLLIND que contribuíram diretamente para a minha formação. Cada ensinamento compartilhado foi fundamental, e vocês são imprescindíveis na construção deste trabalho.

Agradeço ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND), espaço que me proporcionou não apenas formação acadêmica, mas também crescimento humano. O programa representa um lugar de diálogo, valorização e fortalecimento das línguas e culturas indígenas, possibilitando a construção coletiva de saberes e práticas pedagógicas que respeitam e dignificam os povos originários.

Quero agradecer a minha família, em especial a minha querida mãezinha **Maria do Carmo de Souza**, por tudo principalmente pelos conselhos, incentivos, por acreditar em meu potencial, por não deixar eu desistir dos estudos nos momentos mais difíceis quando várias vezes pensei em desistir desde o Ensino Fundamental, Mãe hoje essa conquista também é sua!

Agradeço também o meu pai Jose dos Santos, os meus irmãos Hóstio, Charles, Matias e o caçulo Lázaro, às minhas irmãs Maria Francisca, Eva Maria, Ana Maria e Ângela Maria, pelo apoio, pelo carinho e por sempre acreditarem em mim. Cada palavra de incentivo e cada gesto de afeto foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço especialmente a minha esposa Gildenir Santana Balieiro (De'tchiãũna), pela paciência, compreensão, companheirismo, incentivo, pela contribuição preciosa nesse trabalho, você foi essencial para que esse trabalho fosse concluído com sucesso.

Agradeço os meus filhos Eduardo, Jovane, Áleffy, Guilherme, Aleksandher, Rayanderson e a minha princesinha Dímillye, vocês são a razão de minha perseverança e me proporcionam força nas buscas para alcançar meus escopos.

Quero agradecer imensamente ao meu povo ticuna, principalmente aos residentes em minha comunidade Vila Betânia/Mecürane pela familiaridade, pela inspiração e, sobretudo pela existência, pois sem a sociedade ticuna/magüta o

mundo perderia significativamente sua beleza, seu encanto. Esse povo que é único e que carregam um imenso valor científico e cultural.

Quero estender meus agradecimentos aos colegas do curso de mestrado pela troca de conhecimentos e experiências e a todos os entrevistados que contribuíram diretamente para que esse trabalho fosse concluído com êxito e a todos os amigos meu eterno agradecimentos.

Por fim, agradeço a Deus, pela dádiva da vida e da saúde, pelo dom da inteligência e pela força concedida em cada etapa desta caminhada. A Ele, nosso Pai maior e arquiteto do universo, entrego minha gratidão por guiar meus passos e iluminar meu caminho.

## EPÍGRAFE

*Enquanto existir uma erva, uma  
árvore ou um rio no planeta,  
nós povos indígenas  
existiremos.*

Edilene Batista Kiriri



## RESUMO

SANTOS, Jose Maria Souza. CARACTERÍSTICAS DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE VILA BETÂNIA. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2025. 164f. Exame de Mestrado (Mestrado Profissional - PROFLLIND) - Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Este estudo tem como foco central compreender os impactos do contato linguístico entre o Ticuna e o português na realidade sociocultural do povo Ticuna residente em Vila Betânia, localizado no Alto Solimões, Amazonas. A partir da problematização “Quais são os desafios dos povos Ticunas em conservar a língua materna e a cultura na atualidade?”, buscou-se investigar as dinâmicas de uso, os fatores que afetam a manutenção da língua Ticuna e as estratégias comunitárias de resistência frente à crescente influência da língua portuguesa nos espaços institucionais e sociais. O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar o desafio em conservar a língua materna e a cultura da sociedade Ticuna na contemporaneidade, especialmente diante das pressões impostas por modelos educacionais hegemônicos, pela presença predominante do português nos contextos escolares e administrativos, e pelas transformações internas vivenciadas pela própria comunidade, como a urbanização, a mobilidade e a mudança de atitudes linguísticas entre as novas gerações. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa com foco etnográfico e sociolinguístico, articulando observação participante, aplicação de questionário sociolinguístico e realização de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade. A pesquisa buscou compreender os usos linguísticos em diferentes faixas etárias e domínios sociais, registrar percepções sobre a língua Ticuna e levantar iniciativas locais de valorização e ensino da língua. Com base nesses dados, foi possível identificar que, embora a língua Ticuna permaneça viva e funcional em diversos contextos, enfrenta desafios significativos relacionados à sua desvalorização simbólica, ao enfraquecimento da transmissão intergeracional e à ausência de políticas públicas eficazes de preservação linguística. Os resultados apontam que a conservação da língua Ticuna depende diretamente do fortalecimento das práticas culturais tradicionais, do reconhecimento institucional da diversidade linguística e do engajamento da comunidade em ações pedagógicas, políticas e simbólicas que reafirmem sua identidade por meio da palavra ancestral.

**Palavras-chave:** Língua Ticuna. Contato Linguístico. Bilinguismo Indígena. Educação Intercultural. Preservação Linguística.

## ABSTRACT

SANTOS, Jose Maria Souza. **Characteristics of the Contact Between the Ticuna Language and Portuguese: An Analysis of the Linguistic Situation in the Vila Betânia Community**. Rio de Janeiro, August 28, 2025. 164f. Master's Exam (Professional Master's Degree - PROFLLIND) - Postgraduate in Linguistics and Indigenous Languages, Federal University of Rio de Janeiro.

This study focuses on understanding the impacts of linguistic contact between Ticuna and Portuguese on the sociocultural reality of the Ticuna people living in the Vila Betânia district, located in Alto Solimões, Amazonas. Based on the problematization “What are the challenges of the Ticuna people in preserving their native language and culture today?”, we sought to investigate the dynamics of use, the factors that affect the maintenance of the Ticuna language, and the community strategies of resistance in the face of the growing influence of the Portuguese language in institutional and social spaces. The general objective of the research is to analyze the challenge of preserving the native language and culture of Ticuna society in contemporary times, especially in the face of pressures imposed by hegemonic educational models, the predominant presence of Portuguese in school and administrative contexts, and the internal transformations experienced by the community itself, such as urbanization, mobility, and changes in linguistic attitudes among new generations. The methodology adopted was based on a qualitative approach with an ethnographic and sociolinguistic focus, combining participant observation, the application of sociolinguistic questionnaires and semi-structured interviews with community residents. The research sought to understand linguistic uses in different age groups and social domains, record perceptions about the Ticuna language and raise local initiatives to value and teach the language. Based on these data, it was possible to identify that, although the Ticuna language remains alive and functional in various contexts, it faces significant challenges related to its symbolic devaluation, the weakening of intergenerational transmission and the absence of effective public policies for linguistic preservation. The results indicate that the conservation of the Ticuna language directly depends on the strengthening of traditional cultural practices, the institutional recognition of linguistic diversity and the engagement of the community in pedagogical, political and symbolic actions that reaffirm its identity through the ancestral word.

**Keywords:** Ticuna Language. Linguistic Contact. Indigenous Bilingualism. Intercultural Education. Linguistic Preservation.

## IRAĀTCHI

SANTOS, Yutche Maria Souza. NORÜ CUA'RÜÜ I TICUNAGA NAMAĀ I TOMAGA: WÜ'I I NGUGÜ NA NHÜ'ĀCÜ Yİ'Ū I TAGA I NUĀ TORÜ ĪANE YA BETANIA YA ME'CÜRANEWA. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2025. 164f. Exame de Mestrado (Mestrado Profissional - PROFLLIND) - Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nhaã ngu' rü nü'ŭ nanhe'ma na nhü' āācū nü'ŭ i cua'ŭ nana nhü'raŭŭ i taga nama'ā i tomaga na ai'cuma wü'i i natücumŭ i dhe'ma'ŭ na yii'ŭ nawa ya Me'cürane, nawa i nuā i dhe'magü'ŭ i ta 'tütape'e i Amazonawa. Rü nawa inaügü i wü'igü'ŭ i ĩnügü na "Nge'ŭ rüü'ŭ i tau'tcha nü'ŭ dhe'ma'ŭ i Ticunaga na nūna nadau'ŭ i taga rü nacūmagü i nū'cūma torü o'igü tü'ŭ ngueēē'ŭ i nhü'ma i dhe'ma'ŭ?, rü na'ca' i ngugütaeŭ na nhü'ācū namaā i cua'ŭ, natürü inanhe'mā i nacūmagü ya ĩane i nhü'ma erü nhü'gacü i duŭgü rü nü'ŭ narü oetanü i taga na'ca i tomaga erü inangue i yatügü arü nguepata'ŭwa. Rü norü cuarüŭ i nhema nguetae rü nawa nü'ŭ i cua'ŭruŭ na nhüāācū namaā i cua'ŭ i taga rü tacūmagü i yi'ema i ticunawa i nhaã ngü'ne'ŭgüwa, na imemare'ŭ na'ca i toraüŭ i ngu'gücūma i tama to'rü i ĩgü'ŭ, i tomagawa inhe'ma'ŭ rü ngu'güpata'ŭwa, na dhe'maācū tama nü'ŭ irüngümaē'ŭca' i torü cua'gü inhe'ma'ŭ i torü ĩanewa, natürü inanhe'ma i taga i nū'cūma torü o'igü nawa ide'agü'ŭ natürü i nhu'ma i yi'ema tama nawa ide'agü'ŭ, erü nhema nhü'ma i buetanü'ŭ i ō'tchanagü rü toācū nanau i nhema de'agü urü'e'na oregü i nhu'ma. Nhu'ma i nacūma i nhu'cū rü nanü'igu rü nü'ŭ nanhe'ma i cua'gü i wü'itchigü i natücumŭ na nhü'āācū nawa yade'agü'ŭ i norü nagagütchigü. Rü wü'itchigü i cua' arü ü rü nanawa'e na ca'wa nanhe'ma'ŭ nūna i torü o'igü i torü ĩanewa dhe'magüŭ. Rü nhema ca rü nanawa'e na tagawa nayi'ŭ na'ca i bu'ŭgü i iarü taunecüā'gü'ŭ rü aŭ'arü taunecüā'gü'ŭ nawa i wü'itchigü i natücumŭ, rü gu'ŭ i nü'ŭ i dau'ŭ rü nanawa'e nana wü'ŭ rü na ütchiga'ŭ i tagawa, nanhemaācū namaā i ngueēētaegü'ŭca' rü nanapora'ŭca' i taga, rü torü ō'tchanagüwa na ngu'ŭca', rü nhü'guacü rü nü'ŭ itaiyarüngau na nü'ŭ i u'ŭ na tama name'ŭ i taga rü natura'ŭ nhanagürü i yatügü, natürü norü ai'cuma i yi'ema rü namē rü namaā tacua' i taga. Rü norü nga'ŭga i ai'cuma i ĩ'ŭ rü namē rü tanaporaēē i taga i yi'ema i Ticunawa rü to' i natücumügü ta' notürü yi'emagü rü tü'ŭ nanhe'ma i cua' rü pora i torü o'igü tü'ŭ ngu'eē'ŭ rü ta'ca' nuā ta'ŭ.

**Oregü i namaā narü wā'ta'ŭ:** Ticunaga. Namaā quide'a'ŭ. mŭ'ŭ i togü natücumŭ nawa ide'a'ŭ. ngu'gü i tagü i u'ŭ.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Vila Betânia, no início de sua formação .....	28
<b>Figura 2</b> - Vila Betânia, Construção das primeiras moradias.....	28
<b>Figura 3</b> – Vila Betânia, avenida Eduardo em agosto de 1983.....	29
<b>Figura 4</b> – Localização da Vila Betânia .....	31
<b>Figura 5</b> – Creche Municipal Indígena Francisca Santana .....	31
<b>Figura 6</b> – Escola Municipal Indígena Monte Sinai.....	34
<b>Figura 7</b> – Escola Municipal Indígena Ngewane e Metacü.....	35
<b>Figura 8</b> – Escola Estadual Dom Pedro I.....	36
<b>Figura 9</b> – Festa da Moça Nova, conhecida em língua Ticuna como Fëpucü .....	46
<b>Figura 10</b> - Maloca Tchirugüne, em Vila Betânia.....	47
<b>Figura 11</b> – Materiais didáticos produzidos por professores ticuna.....	101
<b>Figura 12</b> – Arquivo da pesquisa — formulários preenchidos.....	123

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Distribuição estratificada da amostra por faixa etária e sexo.....	25
<b>Tabela 2</b> – Interferências linguísticas.....	56
<b>Tabela 3</b> – População indígena .....	68
<b>Tabela 4</b> – Exemplos de palavras com vogais orais, nasais e laríngeas .....	70
<b>Tabela 5</b> - Exemplos de palavras com aproximações na fonética e na grafia do português .....	72
<b>Tabela 6</b> – Exemplos de Classificadores Nominais da Língua Ticuna.....	73
<b>Tabela 7</b> – Exemplos de Partículas Modais e Conectores Discursivos da Língua Ticuna.....	74
<b>Tabela 8</b> – Exemplos de Variação Linguística entre Falantes Mais Velhos e Mais Jovens da Comunidade Ticuna.....	106
<b>Tabela 9</b> – Identificação do(a) Professor(a).....	109
<b>Tabela 10</b> – Atuação Profissional.....	111
<b>Tabela 11</b> – Planejamento e Organização Pedagógica.....	113
<b>Tabela 12</b> – Prática Pedagógica e Estratégias de Ensino.....	115
<b>Tabela 13</b> – Avaliação e Compartilhamento de Resultados.....	117
<b>Tabela 14</b> – Frequência de uso da Língua Ticuna entre os(as) moradores(as) da comunidade Vila Betânia.....	124
<b>Tabela 15</b> – Contextos de uso da Língua Ticuna (Pergunta 6).....	125
<b>Tabela 16</b> – Percepção e valorização da língua Ticuna (Perguntas 7–9).....	127
<b>Tabela 17</b> – Contato com o Português e impactos percebidos (Perguntas 10–20).....	129
<b>Tabela 18</b> – Ensino, desafios e perspectivas da Língua Ticuna (Perguntas 25–31).....	132
<b>Tabela 19</b> – Perfil e Práticas Pedagógicas dos Professores Ticuna de Vila Betânia.....	139
<b>Tabela 20</b> – Síntese dos Resultados Sociolinguísticos da Comunidade de Vila Betânia (Seção 6.3).....	143

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada
CEB	Câmara de Educação Básica.
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NEMI	Novo Ensino Médio Indígena
OGPTB	Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PCP	Proposta Curricular e Pedagógica
PPP	Projetos Políticos Pedagógicos
RCA	Referencial Curricular Amazonense
SASI	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
SASI	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
UBSI	Unidade Básica de Saúde Indígena
UBSI	Unidade Básica de Saúde Indígena
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
2.1 Natureza da Pesquisa.....	23
2.2 Locais da Pesquisa e Participantes da Pesquisa .....	24
2.3 Técnicas de Pesquisa.....	26
<b>3 A COMUNIDADE VILA BETÂNIA .....</b>	<b>27</b>
3.1 Localização Geográfica e Contexto Histórico .....	27
3.2 Demografia e Composição Social.....	37
3.3 Aspectos Econômicos e Infraestrutura .....	41
3.4 A Cultura e Tradições Locais.....	45
3.5 Interações com Outras Comunidades.....	50
<b>4 PESQUISA ETNOGRÁFICA DA LÍNGUA TICUNA EM VILA BETÂNIA .....</b>	<b>54</b>
4.1 Objetivos da Pesquisa Etnográfica .....	54
4.2 Métodos e Abordagens de Coleta de Dados .....	62
4.3 Características Linguísticas da Língua Ticuna .....	67
4.4 Preservação da Língua e Desafios Enfrentados.....	75
4.5 Papel da Língua Ticuna na Identidade Cultural .....	81
4.6 Resultados da Pesquisa Etnográfica .....	84
<b>5 PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA DA LÍNGUA TICUNA EM VILA BETÂNIA .....</b>	<b>88</b>
5.1 Contexto Sociolinguístico da Comunidade Ticuna.....	88
5.2 Variação Linguística e Fatores Socioculturais .....	93
5.3 Língua Ticuna e Relações de Poder.....	95
5.4 A Língua Ticuna no Ensino e na Educação Formal .....	97
5.5 Práticas Linguísticas no Cotidiano .....	99
5.6 Mudanças Linguísticas e Contato com Outras Línguas.....	102
<b>6 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUAS PORTUGUESA.....</b>	<b>105</b>
6.1 Análise e Interpretação dos Dados Sociolinguísticos.....	108
6.2 Perfil Sociolinguístico e Pedagógico dos Professores Ticuna de Vila Betânia.....	118

6.3 Percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna.....	123
6. 4 Análise Integrada dos Resultados Quantitativos Percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna.....	136
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
7.1 Análise Unificada das Práticas Pedagógicas e do Contato Linguístico na Comunidade Vila Betânia.....	139
7.2 Análise unificada da percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna.....	142
7.3 Síntese e Encerramento das Considerações Finais.....	146
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES SOBRE ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICAS PROFISSIONAIS .....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O USO DA LÍNGUA TICUNA NA COMUNIDADE DA VILA DE BETÂNIA E AS CARACTERÍSTICAS DE SEU CONTATO COM A LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>157</b>
<b>ANEXO - COOFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA TICUNA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ.....</b>	<b>164</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A comunidade indígena Vila Betânia está localizada no Alto Solimões, no município de Santo Antônio do Içá, estado do Amazonas. Trata-se de uma região marcada pela forte presença do povo Ticuna, uma das maiores etnias indígenas do Brasil em número populacional. Situada em um território de relevante diversidade sociocultural e linguística, Vila Betânia representa um espaço emblemático de resistência cultural e de tensões no contato entre os saberes tradicionais e as imposições do mundo não indígena, especialmente no que se refere à escolarização e ao uso das línguas. A localidade, como outras comunidades ticuna, está inserida em um contexto onde a presença da escola, da língua portuguesa e das tecnologias comunicacionais tem provocado significativas transformações no modo de vida tradicional (Braúlio, 2017; Oliveira, 2019).

Historicamente, a comunidade construiu sua identidade a partir de um sistema complexo de relações de parentesco, territorialidade e pertencimento linguístico. Conforme relatado por Felipe (2018), o povo Ticuna se organiza em clãs e subclãs com territórios definidos, e essa organização se reflete em suas práticas sociais, espirituais e educativas. A língua Ticuna, como elemento essencial dessa identidade, é o principal meio de transmissão de saberes ancestrais, histórias míticas e valores comunitários, sendo utilizada nos rituais, no cotidiano e, em todos os casos, ainda como língua materna exclusiva de sua população.

No entanto, as dinâmicas sociolinguísticas de Vila Betânia têm mudado com o fortalecimento da escolarização formal em língua portuguesa, o que tem gerado desafios quanto à preservação da língua nativa. Estudos etnográficos revelam que a inserção da escola na comunidade nem sempre respeita os tempos, espaços e epistemologias indígenas, provocando tensões entre os discursos pedagógicos ocidentais e os saberes tradicionais (Araújo, 2015; Caviedes, 2017). Embora haja iniciativas de valorização intercultural, como a produção de materiais bilíngues e a formação de professores indígenas, ainda persiste uma lacuna entre a política e a prática. Mendonça e Oliveira (2020) observam que muitos educadores enfrentam dificuldades para adaptar os conteúdos oficiais às realidades culturais da comunidade, o que pode comprometer a eficácia da proposta bilíngue e intercultural.

O Parecer CNE/CEB nº 14/99 e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena reconhecem que comunidades como Vila Betânia

demandam uma educação específica, intercultural e bilíngue que respeite seus modos próprios de ensinar e aprender, além de suas línguas e tradições (BRASIL, 1999). Essa prerrogativa foi reafirmada pelo Parecer CNE/CEB nº 13/2012, que salienta a importância da autonomia dos povos indígenas na gestão de suas escolas, o que inclui a definição dos currículos, dos tempos escolares e das línguas de instrução. Em Vila Betânia, essa autonomia tem sido exercida parcialmente, com avanços na criação de Projetos Políticos Pedagógicos próprios e na valorização das práticas educativas tradicionais, como o uso da oralidade, dos mitos fundadores e das formas próprias de educar.

Nesse cenário, Vila Betânia surge como um exemplo vivo de como os povos indígenas têm buscado reinventar suas práticas socioculturais e educacionais diante das pressões externas. Conforme destacam Catachunga, Schwartz e Silva (2021), há uma tensão constante entre a preservação da identidade étnica e os processos de aculturação provocados pelo contato prolongado com o Estado e suas instituições. Apesar dessas dificuldades, a comunidade tem demonstrado protagonismo na defesa de sua cultura e de sua língua, articulando resistências e recriações em diversos espaços de atuação.

A realidade linguística de Vila Betânia, portanto, não pode ser compreendida de maneira homogênea, pois envolve múltiplos fatores como geração, escolarização, migração, presença de políticas públicas e relações interétnicas. Como demonstrado por Carvalho (2015; 2017), a atitude linguística dos jovens ticuna da região tem variado conforme o grau de envolvimento com a escola e com os contextos urbanos. Em alguns casos, a língua portuguesa tem ganhado predominância no espaço público e nos ambientes escolares, enquanto a língua Ticuna se restringe às interações domésticas e aos rituais. Essa fragmentação do uso linguístico evidencia um processo de contato linguístico assimétrico, em que a língua indígena tem a possibilidade de enfraquecer ao longo dos tempos se não forem adotadas estratégias eficazes de manutenção a sua vitalidade.

Compreender a comunidade Vila Betânia implica reconhecer sua complexidade histórica, cultural e linguística, marcada por processos de resistência, negociação e transformação. A análise da situação linguística da comunidade, à luz das políticas públicas e dos referenciais teóricos da sociolinguística e da etnografia da linguagem, permite não apenas mapear os impactos do contato entre o português e a língua Ticuna, mas também propor caminhos para fortalecer uma educação

escolar indígena que seja verdadeiramente intercultural, decolonial e promotora da diversidade linguística e cultural.

Esse contato não se limita a uma simples justaposição de códigos, mas reflete relações assimétricas de poder, herança histórica da colonização e da institucionalização da escola como espaço de hegemonia da língua portuguesa. Conforme observa Santos (2022), o ensino bilíngue nas escolas indígenas, embora previsto em diretrizes legais, ainda é permeado por tensões e desafios que resultam em desequilíbrios no uso e na valorização das línguas em contato.

A língua Ticuna, pertencente à família linguística isolada Ticuna, caracteriza-se por uma estrutura morfossintática complexa, com traços tonais e sistemas pronominais marcados, diferindo profundamente da estrutura do português. Essa distância estrutural favorece a ocorrência de fenômenos de interferência linguística, que se manifestam tanto no nível fonológico quanto no sintático, sobretudo entre falantes bilíngues em fase de transição linguística, como crianças e jovens escolarizados.

Segundo Carvalho (2017), tais interferências são recorrentes no discurso de estudantes Ticuna universitários, evidenciando um processo de acomodação linguística influenciado pela norma do português escolar e urbano. Nesse contexto, observa-se também o fenômeno de alternância de código (*code-switching*), entendido como a passagem sistemática e funcional entre duas línguas no interior de um mesmo evento comunicativo, seja entre enunciados distintos ou dentro de uma mesma frase. Longe de representar deficiência linguística, o *code-switching* constitui uma estratégia comunicativa própria de falantes bilíngues, mobilizada para atender a demandas discursivas, identitárias e contextuais específicas.

No entanto, quando ocorre em contextos marcados por assimetrias de poder entre as línguas em contato, como no caso do Ticuna e do português, essa alternância pode revelar uma prática bilíngue funcional, porém instável, refletindo pressões sociolinguísticas que tendem a privilegiar a língua dominante em detrimento da língua indígena.

Outro aspecto relevante do contato linguístico diz respeito às atitudes linguísticas dos falantes, muitas vezes moldadas pelas experiências escolares e pelo prestígio social atribuído ao português. A pesquisa de Silva Coelho e Martins (2021) demonstra que muitos estudantes ticuna percebem a língua portuguesa como instrumento de ascensão social, o que pode contribuir para o enfraquecimento da

língua nativa, especialmente quando associada a uma imagem de atraso ou limitação comunicativa fora da comunidade. Esse processo se intensifica quando não há uma política linguística efetiva de valorização da língua Ticuna nos espaços educativos, fato que fragiliza seu uso nas esferas formais e compromete sua transmissão geracional.

Do ponto de vista sociocultural, o contato com o português influencia diretamente os modos de significação e os discursos identitários. Em contextos como o da Vila Betânia, pela proximidade da cidade, onde há presença de instituições estatais e maior circulação de bens e pessoas, observa-se um deslocamento linguístico gradual, especialmente entre as gerações mais jovens. Conforme observado por Cazuza (2021), em comunidades ticuna próximas a centros urbanos, a língua portuguesa tende a se tornar dominante nas interações escolares e até em eventos comunitários, enquanto a língua Ticuna passa a ser restrita a determinados contextos tradicionais ou rituais.

No entanto, esse processo não ocorre sem resistência. Há comunidades que têm se mobilizado para fortalecer o uso da língua Ticuna por meio de práticas educativas interculturais, produção de materiais didáticos bilíngues e valorização das narrativas orais como forma de ensino. Esse posicionamento é reforçado pelo Parecer CNE/CEB nº 13, de 10 de maio de 2012, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, que defende uma educação escolar indígena orientada pela valorização das línguas indígenas, do bilinguismo e da interculturalidade como práticas educativas de resistência e emancipação. Por isso, como problematização deste estudo a seguinte pergunta é essencial: Quais são os desafios dos povos Ticunas em conservar a língua materna e a cultura na atualidade?

O objetivo geral deste estudo é analisar o desafio em conservar a língua materna e a cultura da sociedade ticuna na atualidade em Vila Betânia no Alto Solimões-AM. Portanto, fazendo-se necessário os seguintes objetivos específicos: Estudar a contextualização histórica e características da sociedade Ticuna na comunidade de Vila Betânia; pesquisar sobre os desafios contemporâneos da sociedade Ticuna; demonstrar as ações e iniciativas para a valorização e preservação da língua e cultura Ticuna em Vila Betânia.

Essa pesquisa sobre o desafio em conservar a língua materna e a cultura da sociedade Ticuna é importante por vários motivos. Em primeiro lugar, as línguas e as

culturas indígenas são partes do patrimônio cultural da humanidade e representam a diversidade humana. Por meio da pesquisa, é possível compreender melhor as ameaças e desafios enfrentados pelas sociedades indígenas, incluindo o enfraquecimento de sua língua materna e cultura, e desenvolver estratégias para proteger e preservar essas riquezas. Além disso, a pesquisa pode ajudar a ampliar a compreensão sobre a importância da língua materna e da cultura na identidade e autoestima dos indivíduos e comunidades, e no desenvolvimento de suas capacidades sociais, culturais e econômicas. Ao fomentar a pesquisa e o conhecimento sobre essas questões, é possível contribuir para a valorização e preservação da diversidade humana e cultural.

A presente dissertação está estruturada em sete capítulos, além de apêndices e anexos, buscando articular a análise etnográfica e sociolinguística da língua Ticuna na comunidade de Vila Betânia, no Alto Solimões, estado do Amazonas. Cada capítulo apresenta objetivos específicos e contribui para a compreensão integral da situação linguística e cultural da comunidade.

O **Capítulo 1 – Introdução** apresenta o contexto da pesquisa, destacando a localização geográfica da comunidade de Vila Betânia, suas características históricas, sociais e culturais, bem como os desafios decorrentes do contato linguístico entre a língua Ticuna e o português. O capítulo contextualiza a problemática da preservação da língua e cultura Ticuna, fundamentando a relevância do estudo e apresentando o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa.

O **Capítulo 2 – Metodologia da Pesquisa** descreve a natureza da pesquisa, os locais e os participantes envolvidos, bem como as técnicas e instrumentos utilizados para a coleta de dados. São detalhadas as estratégias etnográficas e sociolinguísticas adotadas, garantindo a transparência e a validade do estudo.

O **Capítulo 3 – A Comunidade Vila Betânia:** analisa em profundidade a comunidade estudada, abordando sua localização geográfica, histórico, demografia, composição social, aspectos econômicos, infraestrutura, cultura e tradições locais, bem como as interações com outras comunidades. Este capítulo fornece o pano de fundo necessário para compreender os contextos socioculturais e linguísticos em que a língua Ticuna é utilizada.

O **Capítulo 4 – Pesquisa Etnográfica da Língua Ticuna em Vila Betânia** apresenta os objetivos específicos da pesquisa etnográfica, os métodos de coleta de

dados, as características linguísticas da língua Ticuna, os desafios enfrentados para sua preservação e o papel da língua na identidade cultural da comunidade. Também são discutidos os resultados preliminares obtidos por meio das observações e entrevistas etnográficas.

O **Capítulo 5 – Pesquisa Sociolinguística da Língua Ticuna em Vila Betânia** examina o contexto sociolinguístico da comunidade, abordando a variação linguística e os fatores socioculturais, a relação da língua Ticuna com as estruturas de poder, seu uso no ensino formal e nas práticas cotidianas, bem como as mudanças linguísticas decorrentes do contato com outras línguas, especialmente o português.

O **Capítulo 6 – Análise Sociolinguística do Contato da Língua Ticuna com a Língua Portuguesa** realiza uma análise detalhada dos fenômenos linguísticos resultantes do contato entre a língua Ticuna e o português, incluindo interferências estruturais, alternância de código, atitudes linguísticas e processos de aculturação. O capítulo relaciona as observações etnográficas e sociolinguísticas às práticas educativas e políticas públicas que influenciam a preservação da língua.

O **Capítulo 7 – Considerações Finais** apresenta a síntese dos resultados obtidos, refletindo sobre os desafios e estratégias para a preservação da língua e cultura Ticuna em Vila Betânia. O capítulo finaliza destacando as contribuições da pesquisa para a valorização da diversidade linguística e cultural, bem como possíveis caminhos para futuras investigações.

Os **Apêndices e Anexos** incluem instrumentos de pesquisa, como questionário aplicado a professores e à comunidade, e documentos relevantes sobre a cooficialização da língua Ticuna no município, permitindo a reprodução dos procedimentos metodológicos e a consulta aos dados utilizados no estudo.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1 Natureza da Pesquisa

A metodologia adotada neste estudo é fundamentada em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, com base na perspectiva etnográfica e sociolinguística. A pesquisa visa compreender as características do contato linguístico entre a língua Ticuna e a língua portuguesa na comunidade indígena Vila Betânia, considerando as práticas comunicativas cotidianas, os contextos educacionais e as dinâmicas sociais e culturais que envolvem o uso das línguas. Conforme Gatti (2004), a pesquisa qualitativa é apropriada para investigações que buscam interpretar os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, sendo especialmente relevante em contextos nos quais a linguagem, a cultura e a identidade são elementos centrais.

A natureza etnográfica da pesquisa se justifica pela necessidade de compreender o fenômeno linguístico dentro de seu contexto cultural específico. A etnografia, como método de investigação, permite uma imersão nas práticas sociais da comunidade, possibilitando a observação direta, a escuta sensível e o registro sistemático das interações entre os falantes. Conforme Oliveira (2019), o método etnográfico é essencial para acessar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas práticas linguísticas, especialmente quando essas práticas estão associadas a relações de poder, resistência e pertencimento. Neste sentido, a etnografia da linguagem contribui para revelar como o uso das línguas se articula à identidade étnica, à memória coletiva e à experiência histórica dos Ticuna.

Paralelamente, a pesquisa adota uma orientação sociolinguística crítica, baseada nos pressupostos de que a língua é um fenômeno socialmente condicionado e que o contato entre línguas, especialmente em contextos minoritários, reflete e reproduz desigualdades sociais. A sociolinguística, segundo Bortoni-Ricardo (2004), possibilita compreender os efeitos do contato linguístico a partir de categorias como variação, mudança linguística, bilinguismo, atitudes linguísticas e política linguística. Dessa forma, a pesquisa articula os dados empíricos às reflexões teóricas que evidenciam a situação de contato assimétrico

entre o português, língua de prestígio e dominação, e a língua Ticuna, língua indígena que já sofreu influência externa, mas ainda resistente e viva na comunidade.

## 2.2 Locais da Pesquisa e Participantes da Pesquisa

Essa pesquisa foi realizada na comunidade indígena Vila Betânia, situada no município de Santo Antônio do Içá, na região do Alto Solimões, estado do Amazonas. Esse território é habitado predominantemente pelo povo Ticuna e se configura como um espaço de relevância etnolinguística, no qual o contato entre a língua Ticuna e a língua portuguesa se manifesta de forma intensa e multifacetada. A escolha da comunidade como local de pesquisa justifica-se primeiramente porque é o local de residência do pesquisador que também pertence à etnia e sempre almejou estudar mais profundamente para entender com notoriedade os aspectos sociolinguísticos deste povo, também pela sua expressiva concentração populacional indígena, pela presença de escolas indígenas bilíngues e pela complexidade das interações linguísticas cotidianas. A inserção do pesquisador no local se deu por meio da convivência, de visitas e diálogo com anciões e educadores experientes da comunidade, respeitando os princípios éticos de escuta, reciprocidade e anuência prévia da liderança da comunidade especificamente para a realização do estudo, em conformidade com as orientações da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012).

Os participantes da pesquisa foram selecionados com base em critérios de faixa etária, gênero e identificação étnica, a fim de permitir uma visão abrangente da situação linguística local, contemplando diferentes gerações e experiências sociolinguísticas. Ao todo, participaram 36 pessoas, divididas em 6 faixas etárias e igualmente representadas por sexo: 3 crianças do sexo masculino e 3 do sexo feminino com menos de 10 anos; 3 adolescentes de cada sexo entre 10 e 19 anos; 3 jovens adultos de cada sexo entre 20 e 29 anos; 3 adultos de cada sexo entre 30 e 39 anos; 3 adultos de cada sexo entre 40 e 49 anos; e 3 idosos de cada sexo com 50 anos ou mais. Essa amostragem diversificada possibilitou captar as diferentes concepções, formas de uso, percepção e transmissão da língua Ticuna, bem como



as influências do português nas distintas etapas do ciclo de vida. A distribuição detalhada dos participantes por faixa etária e sexo é apresentada na **Tabela 1**.

**Tabela 1** - Distribuição estratificada da amostra por faixa etária e sexo

<b>Faixa etária</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total por faixa</b>
Menos de 10 anos	3	3	6
10 a 19 anos	3	3	6
20 a 29 anos	3	3	6
30 a 39 anos	3	3	6
40 a 49 anos	3	3	6
50 anos ou mais	3	3	6
<b>Total geral</b>	<b>18</b>	<b>18</b>	<b>36</b>

Fonte: Jose Santos, 2025.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário sociolinguístico estruturado, composto por 32 questões, abrangendo informações pessoais, uso da língua Ticuna, contato com a língua portuguesa, ensino e transmissão da língua, desafios e perspectivas, além de espaço para considerações finais. O instrumento foi aplicado de forma anônima, garantindo o sigilo e o respeito às opiniões dos participantes, e suas respostas forneceram uma base rica para a análise qualitativa do fenômeno de contato linguístico observado na comunidade.

Com essa configuração metodológica, os dados obtidos permitiram compreender não apenas os aspectos formais e funcionais do uso das línguas, mas também os fatores socioculturais, afetivos e ideológicos que atravessam a escolha linguística dos falantes de Vila Betânia. A diversidade dos perfis dos participantes contribuiu para o mapeamento das tendências geracionais na manutenção ou transformação das práticas linguísticas, revelando elementos importantes para a análise da vitalidade da língua Ticuna em meio a presença do português como língua de prestígio e escolarização.

O trabalho de campo foi conduzido por meio de observações participantes, entrevistas semiestruturadas com falantes Ticuna de diferentes faixas etárias, professores indígenas atuantes nas escolas da comunidade, bem como com lideranças locais. Além disso, foram coletados documentos escolares, como projetos políticos pedagógicos, planos de aula e materiais didáticos bilíngues utilizados na educação formal. Essa triangulação de fontes visa conferir maior robustez analítica

aos dados obtidos e garantir uma compreensão mais ampla da situação linguística da comunidade.

### 2.3 Técnicas de Pesquisa

A análise dos dados será orientada por categorias emergentes da própria realidade observada, articulando os registros de fala, as práticas sociais de uso das línguas e os discursos institucionais sobre a educação escolar indígena. O tratamento dos dados segue os procedimentos da análise interpretativa, buscando identificar padrões de comportamento linguístico, contradições e resistências nos processos de uso, transmissão e valorização das línguas em contato.

Assim, a metodologia do presente estudo reflete o compromisso com uma investigação situada, ética e comprometida com a realidade dos povos indígenas, respeitando seus saberes e modos próprios de significar o mundo. A pesquisa, ao unir os referenciais da etnografia e da sociolinguística crítica, pretende contribuir para a compreensão do contato linguístico.

### **3 A COMUNIDADE VILA BETÂNIA**

#### **3.1 Localização Geográfica e Contexto Histórico**

A comunidade indígena Vila Betânia está situada na zona rural do município de Santo Antônio do Içá, na região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, uma das áreas com maior densidade populacional indígena do Brasil. A região é tradicionalmente habitada pelo povo Ticuna, pertencente a uma das maiores etnias do país, cuja presença se estende por diversas comunidades distribuídas ao longo dos rios mais especificamente nas regiões médio e alto Solimões e seus afluentes principalmente o rio Içá. Vila Betânia, em particular, constitui um território estratégico não apenas pela sua localização regional próxima à tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru, mas também por sua importância sociocultural como espaço de articulação entre o modo de vida tradicional e os desafios da contemporaneidade. Conforme relatado por Felipe (2018), o povo Ticuna ocupa historicamente essa região com forte vínculo aos seus territórios ancestrais, sustentando formas próprias de organização social, ritualística e transmissão de saberes.

O processo de formação da comunidade de Vila Betânia está profundamente ligado à dinâmica de deslocamentos induzidos por pressões externas, como a presença de missões religiosas, expansão da fronteira agrícola e políticas estatais de integração. Ainda que a história local não esteja plenamente documentada em registros escritos formais, a memória coletiva dos anciãos e os relatos orais indicam que a fundação da comunidade remonta a um movimento de reunião de famílias ticuna em busca de melhores condições de sobrevivência, moradia, segurança e acesso a serviços como educação e saúde (conforme ilustra a figura 1 e 2). Em estudo realizado por Cazuza (2021), observa-se que muitas comunidades indígenas da região do Alto Solimões foram formadas em torno de missões ou programas de assistência oficial, o que gerou um novo arranjo territorial e influenciou diretamente os modos de vida indígenas.

**Figura 1** - Vila Betânia, no início de sua formação



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia

**Figura 2** - Vila Betânia, Construção das primeiras moradias



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia

A história da comunidade indígena Vila Betânia ganha um marco simbólico e geográfico significativo a partir da referência à avenida Eduardo, em agosto de 1983 (conforme ilustra a figura 3), momento que representa não apenas uma data, mas um ponto de inflexão na consolidação territorial e na reestruturação comunitária do povo Ticuna na região. Essa data é frequentemente mencionada nas narrativas orais dos anciãos como um momento de reorganização da comunidade em torno de novos referenciais institucionais e sociais, marcando o início de um período de maior

interlocução com o Estado brasileiro e com as missões religiosas que atuavam no Alto Solimões.

**Figura 3** – Vila Betânia, avenida Eduardo em agosto de 1983



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia

A implantação de espaços urbanos dentro da comunidade, como a referida avenida, não deve ser compreendida apenas como uma tentativa de urbanização, mas também como um reflexo das pressões externas para adequação aos modelos administrativos e espaciais não indígenas. De acordo com Catachunga, Schwartz e Silva (2021), muitos desses espaços, como escolas, ruas nomeadas e centros religiosos, foram criados a partir da mediação entre os interesses dos órgãos estatais, igrejas e lideranças indígenas locais, em um processo que resultou na redefinição das territorialidades tradicionais. Assim, a avenida Eduardo, referida no contexto de 1983, representa uma tentativa de reorganizar a vida comunitária com base em parâmetros que viabilizassem a chegada de infraestrutura, recursos públicos e presença institucional, como a escola e a unidade de saúde básica.

A década de 1980 é considerada um período crucial para os povos indígenas da região amazônica, marcado pela intensificação das políticas de reconhecimento de terras, da atuação do movimento indígena e da presença de missões

evangélicas, que influenciaram diretamente as práticas religiosas, culturais e linguísticas. Conforme argumenta Oliveira (2021), esse período foi ambivalente para as comunidades ticuna: por um lado, trouxe avanços em termos de direitos e visibilidade; por outro, gerou tensões em relação à autonomia e à preservação dos modos de vida tradicionais. A criação de marcos espaciais como a avenida Eduardo pode ser lida como expressão dessa dualidade, pois simboliza tanto a chegada de serviços e comunicação com o exterior quanto a fragmentação de formas ancestrais de ocupação territorial.

Do ponto de vista sociolinguístico, a fixação da comunidade em estruturas mais permanentes e com influência urbana contribuiu para o crescimento da escolarização em língua portuguesa, aumentando a exposição dos jovens ao português e, gradualmente, influenciando o uso da língua Ticuna. Carvalho (2017) observa que a urbanização parcial de comunidades indígenas está diretamente associada à mudança nos hábitos linguísticos, principalmente entre as gerações mais novas, que passam a utilizar o português em maior frequência nos contextos escolares e institucionais.

A menção à Vila Betânia na avenida Eduardo, em agosto de 1983, deve ser compreendida como uma referência simbólica à consolidação física, histórica e cultural da comunidade, marcando uma transição entre o modelo tradicional de organização e as novas formas de territorialidade mediadas pelo contato com o Estado e com agentes externos. Essa data remete não apenas à delimitação de um espaço físico, mas também à ressignificação da identidade comunitária diante das pressões por adaptação, resistência e afirmação cultural.

Além disso, a localização da comunidade à margem dos rios (conforme ilustra a figura 4) facilita a comunicação com outras aldeias e com centros urbanos como Santo Antônio do Içá e Amaturá, mas também expõe os moradores a influências externas constantes, como o trânsito de mercadorias, missionários e agentes estatais. Esse cenário geográfico singular contribui para a intensificação do contato com a língua portuguesa, principalmente nas relações comerciais e institucionais, o que influi diretamente as práticas linguísticas locais. Como apontado por Lopes (2022), a fronteira amazônica se configura como um espaço de contato e de tensão entre diferentes cosmologias, línguas e sistemas de valor, sendo as comunidades ticuna particularmente impactadas por essas dinâmicas.

**Figura 4 – Localização da Vila Betânia**



Fonte: Google Maps, 2025

A história de Vila Betânia também se entrelaça com os processos de escolarização indígena, uma vez que a implantação da escola na comunidade representou não apenas a ampliação do acesso à educação formal, mas também a introdução de novos códigos linguísticos e culturais (conforme ilustra a figura 5). A escola, embora vista por muitos como instrumento de inclusão e mobilidade social, também gerou mudanças significativas na dinâmica linguística da comunidade, conforme observa Oliveira (2019), ao colocar o português como língua de prestígio e instrução, em detrimento da língua Ticuna, tradicionalmente transmitida de forma oral e comunitária.

**Figura 5 – Creche Municipal Indígena Francisca Santana**



Fonte: Jose Santos, 08/04/2025



A Creche Municipal Indígena Francisca Santana representa um marco importante na trajetória da educação infantil voltada para os povos indígenas na comunidade Vila Betânia. Seu surgimento responde à crescente demanda por espaços de cuidado e aprendizagem que respeitem as especificidades culturais e linguísticas do povo Ticuna, especialmente no que diz respeito ao acolhimento de crianças pequenas em um ambiente educativo que valorize os saberes tradicionais e a língua materna desde os primeiros anos de vida. A implantação da creche reflete uma conquista da comunidade frente à política pública municipal, mas também evidencia os desafios persistentes na efetivação de uma educação verdadeiramente intercultural e bilíngue, como preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (BRASIL, 2012).

O nome da creche, em homenagem a Francisca Santana — chamada em língua materna de Go'tanüna por pertencer à nação de Saúva — carrega um importante valor simbólico, ao remeter à memória de uma liderança comunitária cuja história se cruza com a origem de Vila Betânia. Francisca Santana foi uma importante diaconisa, que contribuiu significativamente para a evangelização e para a formação das gerações mais jovens da comunidade. Este gesto de nomeação, como observa Santos Luciano (2017), constitui uma forma de preservar a memória coletiva e afirmar o protagonismo indígena nos processos educativos. A creche, mais do que um espaço de cuidado, atua como ambiente de formação cultural, onde as crianças têm contato com narrativas míticas, cantos tradicionais, jogos e a língua Ticuna em sua forma mais cotidiana e espontânea.

Contudo, os desafios enfrentados por essa instituição não são poucos. Conforme apontado por Oliveira (2019), uma das principais dificuldades das instituições de ensino indígena na primeira infância é a ausência de materiais pedagógicos adequados à realidade cultural local, bem como a escassez de profissionais formados dentro de uma perspectiva intercultural. Ainda que todos os professores atuantes na equipe da creche Francisca Santana são indígenas ticuna, a atuação desses profissionais frequentemente se dá em condições precárias, com formação inicial limitada e sem apoio técnico-pedagógico presente diariamente, o que compromete a efetividade da proposta bilíngue estruturada.

A presença da língua portuguesa também é um fator que tensiona o cotidiano educativo da creche. Embora a proposta seja centrada na valorização da língua



Ticuna, muitas vezes a pressão por alfabetização em português e os modelos escolares não indígenas acabam se impondo, gerando conflitos entre as expectativas da comunidade e as exigências do sistema educacional. Segundo Carvalho (2015), esse desequilíbrio linguístico precoce pode afetar negativamente a autoestima linguística das crianças e provocar um distanciamento gradual da língua materna. Por isso, instituições como a Creche Municipal Indígena Francisca Santana precisam ser continuamente fortalecidas por meio de políticas linguísticas consistentes, formação docente contextualizada e escuta ativa das lideranças comunitárias.

A Creche Municipal Indígena Francisca Santana é um espaço de grande relevância para a continuidade cultural e linguística do povo Ticuna em Vila Betânia, sendo fundamental para o processo de transmissão intergeracional da língua e das práticas culturais tradicionais. Sua existência reafirma o direito das crianças indígenas a uma educação que respeite sua identidade e contribui, ainda que com desafios, para a preservação da diversidade linguística e cultural na Amazônia brasileira.

Além disso, a presença das instituições escolares na comunidade Vila Betânia, representadas pela Escola Municipal Indígena Monte Sinai (conforme ilustra a figura 6 abaixo), Escola Municipal Indígena Ngewane e Metacü (conforme ilustra a figura 7 abaixo), e a Escola Estadual Indígena Dom Pedro I (conforme ilustra a figura 8 abaixo), evidencia o esforço local e estatal para garantir o direito à educação básica às populações indígenas do Alto Solimões. Cada uma dessas escolas possui características próprias de funcionamento, estrutura curricular e relação com a cultura Ticuna, mas compartilham o desafio de mediar a convivência entre os saberes tradicionais e os conteúdos formais estabelecidos pelas legislações educacionais nacionais e estaduais. A pluralidade de instituições demonstra o esforço da comunidade e do poder público em promover uma educação escolar diferenciada e intercultural, conforme previsto nos Pareceres CNE/CEB nº 14/99 e nº 13/2012, que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (Brasil, 1999, 2012).

A Escola Municipal Indígena Monte Sinai se destaca pelo papel formativo desempenhado junto às séries iniciais, atuando com crianças que se encontram em fase de alfabetização e que vivenciam de forma mais intensa o uso da língua Ticuna em seus lares. Nessa fase, a escola tem a missão de desenvolver práticas

pedagógicas que respeitem os ritmos próprios da aprendizagem indígena e favoreçam a manutenção da língua materna. Contudo, conforme apontado por Oliveira (2019), um dos entraves recorrentes nesse nível de ensino é a ausência de materiais didáticos bilíngues adequados à realidade local, o que acaba reforçando a centralidade do português como língua da escola, ainda que não seja a mais falada entre os estudantes nas fases iniciais.

**Figura 6** – Escola Municipal Indígena Monte Sinai



Fonte: Jose Santos, 08/04/2025

Já as Escolas Municipais Indígenas Ngewane e Metacũ têm se firmado como espaço de resistência cultural e afirmação da identidade Ticuna. O Projeto Político-Pedagógico da escola Metacũ valoriza os saberes ancestrais, as práticas rituais e a oralidade como eixos norteadores do currículo, aproximando os conteúdos escolares do cotidiano comunitário. Esse esforço reflete a busca pela construção de uma escola com base nos princípios da interculturalidade e da autonomia pedagógica, como defendido por Santos Luciano (2017), que reconhece o papel da escola indígena na desconstrução das hierarquias coloniais do saber e na afirmação dos conhecimentos dos povos originários. A escola promove eventos culturais, projetos escolares que fortalecem a língua Ticuna e o contato frequente com lideranças locais, o que fortalece o vínculo entre a escola e a comunidade.

**Figura 7 – Escola Municipal Indígena Ngewane e Metacü**



Fonte: Jose Santos, 21/01/2025

Por sua vez, a Escola Estadual Indígena Dom Pedro I, embora esteja integrada à rede estadual de ensino, enfrenta o desafio de equilibrar as exigências curriculares do Novo Ensino Médio Indígena (NEMI) com a preservação da identidade linguística e cultural Ticuna. O documento orientador do NEMI no Amazonas prevê uma formação geral básica articulada a itinerários formativos com foco no “Bem Viver Indígena”, mediação sociocultural e processos criativos (Amazonas, 2023). Apesar disso, muitos professores enfrentam dificuldades na implementação efetiva dessa proposta devido à escassez de formação continuada, de apoio pedagógico e de infraestrutura adequada. Segundo a Matriz Curricular Intercultural de 2015 e atualizações posteriores, o ensino médio indígena deve contemplar componentes como Língua Indígena, Conhecimentos Tradicionais, Direitos Indígenas e Formas Próprias de Educar, mas sua concretização depende de uma articulação contínua entre políticas públicas, gestores, educadores e lideranças comunitárias (Amazonas, 2015).

No entanto, o Projeto Político Pedagógico da referida escola preconiza por oferecer conhecimentos que garanta a todos os seus discentes o direito de uma educação capaz de respeitar e valorizar todo o conhecimento produzido no contexto cultural do povo indígena Ticuna, a fim de que possa organizar, sistematizar e gerir

sua própria proposta de educação que atenda às expectativas dos alunos e que possa proporcionar o bem viver da comunidade.

**Figura 8** – Escola Estadual Dom Pedro I



Fonte: Jose Santos, 08/04/2025

As quatro escolas e a creche desempenham, cada uma a seu modo, um papel crucial na formação das novas gerações Ticuna, sendo espaços de disputa simbólica entre a valorização do idioma indígena e a imposição hegemônica do português como língua do progresso e da escolarização formal. Conforme destacado por Carvalho (2015), o contato linguístico no espaço escolar é intensificado por meio das interações diárias, das práticas avaliativas e dos materiais didáticos, o que pode provocar mudanças graduais nas atitudes linguísticas dos estudantes. Nesse sentido, fortalecer essas instituições escolares passa por reconhecer a centralidade da língua Ticuna na construção identitária de seus falantes e garantir políticas linguísticas afirmativas que respeitem e promovam a diversidade cultural e linguística no contexto amazônico.

Desta forma, a localização estratégica e o contexto histórico de formação da comunidade Vila Betânia revelam um espaço em constante negociação entre tradição e modernidade, entre o enraizamento territorial e os fluxos de interação com o mundo externo. Compreender esses aspectos é fundamental para interpretar as dinâmicas linguísticas observadas na comunidade e para propor estratégias que respeitem sua identidade, promovam a valorização da língua Ticuna e fortaleçam a autonomia cultural de seu povo.

### 3.2 Demografia e Composição Social

O perfil populacional da comunidade indígena Vila Betânia reflete a diversidade etária, a presença majoritária do povo Ticuna e as transformações sociais que acompanham os processos de escolarização, urbanização parcial e contato intercultural. A comunidade é composta por um número significativo de habitantes, com predominância de famílias extensas, organizadas de forma tradicional segundo os princípios de clãs e subclãs, e uma distribuição etária que evidencia uma população jovem em sua maioria. Crianças, adolescentes e jovens adultos representam a faixa mais expressiva da pirâmide populacional local, o que demanda atenção especial das políticas públicas nas áreas de saúde, educação e geração de oportunidades para as novas gerações (Caviedes, 2017).

A estrutura familiar predominante é marcada pela coabitação de múltiplas gerações em uma mesma unidade doméstica, o que reforça os laços intergeracionais e favorece a transmissão de saberes tradicionais, incluindo a língua Ticuna, os rituais e os conhecimentos sobre o território. De acordo com o estudo de Freitas (2018), essa configuração familiar é característica das comunidades Ticuna do Alto Solimões e representa uma base sólida para a manutenção da identidade étnica. No entanto, a presença crescente de serviços públicos, como escolas e postos de saúde, tem introduzido novos padrões de moradia e organização comunitária, contribuindo para o surgimento de unidades familiares mais nucleares, principalmente entre os jovens casais.

A população da Vila Betânia também se destaca pela sua vitalidade cultural, expressa na prática cotidiana da língua Ticuna, nas festividades tradicionais e nos sistemas próprios de autoridade. As lideranças comunitárias são geralmente reconhecidas pelo respeito adquirido ao longo da vida e pelo domínio dos conhecimentos ancestrais, sendo referências centrais na condução de decisões coletivas e na mediação com instituições externas. Essa demografia, marcada por um equilíbrio entre tradição e renovação, apresenta desafios e oportunidades para a continuidade cultural da comunidade, sobretudo diante da intensificação do contato com a língua portuguesa e com práticas sociais oriundas do mundo não indígena (Maroldi et al., 2018).

Com base no levantamento dos participantes da pesquisa sociolinguística realizada no âmbito deste estudo, observa-se uma distribuição equilibrada entre os

sexos e uma presença significativa de crianças e adolescentes, o que reafirma o caráter jovem da comunidade e o papel central da escola como mediadora dos processos de socialização e formação identitária. Essa configuração demográfica reforça a urgência de políticas públicas que considerem a especificidade indígena não apenas em termos culturais, mas também em termos populacionais, como argumenta Santos (2022), ao defender que a juventude indígena deve ser ouvida e reconhecida em suas demandas contemporâneas.

O perfil populacional da Vila Betânia é composto por uma comunidade numerosa, predominantemente jovem, marcada por fortes vínculos familiares e culturais, e atravessada por dinâmicas que refletem tanto a resistência aos processos de assimilação quanto a adaptação às mudanças impostas pelas estruturas institucionais e sociais do entorno. Compreender essa demografia é fundamental para avaliar a vitalidade da língua Ticuna e propor estratégias eficazes de valorização da cultura local no contexto das políticas linguísticas e educacionais (Alcântara Ferreira; Zitkoski, 2017).

A organização social da comunidade indígena de Vila Betânia está profundamente enraizada nas estruturas tradicionais do povo Ticuna, que se orientam por sistemas de clãs, subclãs e grupos de pertencimento com funções simbólicas, sociais e espirituais específicas. Esses grupos desempenham papel fundamental na estruturação das relações sociais, na transmissão de saberes e na preservação da identidade étnica. Cada indivíduo Ticuna pertence a um clã determinado pelo nascimento, e essa filiação define não apenas sua posição social e papel dentro da comunidade, mas também suas obrigações cerimoniais, regras de casamento e formas de atuação nos processos decisórios coletivos. Segundo Freitas (2018), os clãs são unidades centrais da vida social Ticuna, responsáveis por organizar a vida cotidiana, os rituais de passagem e a lógica de parentesco que permeia todas as esferas da existência comunitária.

Esses grupos de pertencimento não são estáticos, mas sim adaptáveis às transformações sociais e históricas. A vivência nas escolas, o contato com o não indígena e a presença de instituições externas introduzem elementos que desafiam as formas tradicionais de organização, ao mesmo tempo em que provocam novas formas de resistência e ressignificação dos laços sociais. Apesar dessas mudanças, os clãs continuam exercendo grande influência, especialmente na escolha de lideranças, nos casamentos e na divisão de tarefas cerimoniais. A existência de

regras exogâmicas, por exemplo, ainda é fortemente respeitada, orientando os indivíduos a se casarem com membros de outros clãs para garantir a continuidade do equilíbrio entre os grupos e preservar a cosmovisão Ticuna sobre a complementaridade das forças sociais (Rocha, 2019).

A liderança comunitária também se estrutura com base nesse sistema de pertencimento. Os líderes geralmente são escolhidos entre os membros mais respeitados de determinados clãs, cujos conhecimentos sobre as narrativas míticas, a língua Ticuna e os rituais tradicionais conferem legitimidade para a condução dos assuntos coletivos. Conforme destaca Cazuya (2021), esse tipo de liderança é diferenciado da lógica ocidental baseada em autoridade formal ou cargos eletivos, pois está fundamentada na confiança comunitária e na trajetória de vida do indivíduo dentro da coletividade. Além disso, os grupos de pertencimento se articulam com as práticas educativas, sendo comuns os momentos em que anciãos de determinados clãs compartilham histórias, cantos e conhecimentos com as novas gerações, fortalecendo a transmissão oral da cultura.

Na perspectiva dos jovens, no entanto, essas estruturas vêm sendo tensionadas por novas formas de organização, sobretudo aquelas vinculadas à escolarização, à religiosidade e ao acesso a tecnologias. Muitos jovens reconhecem a importância dos clãs, mas transitam entre múltiplas identidades e redes de pertencimento que incluem tanto os vínculos tradicionais quanto os grupos de amigos da escola, espaços religiosos e atividades externas à aldeia. Como observa Santos Luciano (2017), essas camadas identitárias múltiplas não anulam os pertencimentos originários, mas compõem uma realidade híbrida que exige da comunidade uma constante negociação entre tradição e inovação.

Assim, a organização social da comunidade Vila Betânia revela-se complexa e dinâmica, sustentada por uma rede de pertencimentos coletivos que transcendem a simples convivência territorial e se projetam como pilares da coesão étnica e cultural. Compreender esses sistemas é essencial para qualquer análise linguística, educacional ou política que pretenda dialogar de forma respeitosa e eficaz com os povos indígenas, reconhecendo que a língua, a cultura e a identidade estão profundamente imbricadas às formas próprias de pertencer e viver em coletividade.

A mobilidade populacional na comunidade indígena Vila Betânia tem se intensificado nas últimas décadas, refletindo as transformações sociais provocadas pelo avanço da escolarização, das políticas públicas e da presença de agentes



externos. Tradicionalmente, o povo Ticuna mantinha formas de organização territorial baseadas na estabilidade e na ocupação contínua de contextos ligados à ancestralidade e ao pertencimento clânico. No entanto, com a ampliação do acesso ao ensino médio e superior, muitos jovens passaram a deixar a comunidade temporariamente em busca de formação acadêmica em centros urbanos como Santo Antônio do Içá, Benjamin Constant, Tabatinga, Tefé, Manaus e até em outros lugares fora do Amazonas em universidades que oferecem aos indígenas uma maior possibilidade de acesso ao ensino superior como a UnB, UNICAMP, UFSCar, UNILA, UFFS. Esse deslocamento, embora contribua para a formação de lideranças indígenas com maior inserção institucional, também gera impactos na transmissão intergeracional da cultura e da língua Ticuna, especialmente quando esses jovens passam longos períodos afastados das práticas comunitárias (Santos et al., 2020).

Além da saída de membros da própria comunidade, há presença de pessoas não indígenas em Vila Betânia desde sua fundação, principalmente por meio da atuação de professores, profissionais de saúde, agentes de instituições religiosas e funcionários públicos. Esses indivíduos, embora em número reduzido, desempenham papéis significativos na vida social da comunidade, uma vez que ocupam posições de mediação entre os saberes locais e as exigências do mundo exterior. Vale ressaltar que nos últimos anos diminuiu significativamente o número de profissionais não indígenas atuando em Vila Betânia, isso devido o avanço dos próprios ticunas em formações profissionais que hoje ocupam papel de destaque em diferentes setores importantes na comunidade. Contudo, a convivência entre indígenas e não indígenas nem sempre ocorre de forma harmônica, sendo marcada por assimetrias culturais e linguísticas. Como destaca Catachunga, Schwartz e Silva (2021), a presença de não indígenas em territórios tradicionais muitas vezes provoca alterações nas dinâmicas linguísticas locais, uma vez que o português se torna a língua de referência nos contatos institucionais e nas interações cotidianas com esses agentes externos.

A atuação dos professores não indígenas, por exemplo, tem gerado debates na comunidade sobre a legitimidade das práticas pedagógicas que desconsideram a língua Ticuna e os referenciais culturais locais. Embora haja esforços para a formação de professores indígenas e o fortalecimento de uma escola diferenciada, muitos conteúdos ainda são transmitidos exclusivamente em português, contribuindo para um processo de substituição linguística sutil, mas perceptível. Oliveira (2019)



observa que esse fenômeno ocorre com maior intensidade quando a escola passa a ser percebida como o único caminho para o “progresso” e quando os professores não indígenas não recebem formação intercultural adequada para atuarem em contextos específicos como os de Vila Betânia.

Do ponto de vista da mobilidade interna, também é comum que membros da comunidade circulem entre diferentes aldeias Ticuna próximas, seja por motivos familiares, religiosos, cerimoniais ou de acesso a serviços. Essa circulação fortalece os laços intercomunitários e a coesão étnica, permitindo que a língua e os costumes sejam compartilhados em uma rede mais ampla do que os limites físicos da aldeia. No entanto, quando esses deslocamentos se dão para fora do território étnico, principalmente em contextos urbanos, há um risco maior de aculturação e de enfraquecimento da prática cotidiana da língua nativa, como alerta Carvalho (2017), ao tratar da experiência dos estudantes Ticuna universitários que enfrentam dificuldades de manter o uso do Ticuna em espaços institucionais dominados pelo português.

Portanto, a mobilidade populacional e a presença de não indígenas em Vila Betânia são fenômenos interligados que alteram significativamente as relações sociais, as práticas educativas e o pleno uso das línguas no cotidiano da comunidade. Embora tragam oportunidades de acesso a novos saberes e direitos, também impõem desafios à preservação da identidade cultural e linguística do povo Ticuna, exigindo políticas públicas sensíveis às particularidades da vida indígena e um olhar atento à valorização das formas tradicionais de organização e expressão.

### 3.3 Aspectos Econômicos e Infraestrutura

As atividades econômicas desenvolvidas na comunidade indígena Vila Betânia estão profundamente ligadas ao modo de vida tradicional do povo Ticuna, refletindo uma economia de subsistência baseada no uso sustentável dos recursos naturais e na valorização dos saberes ancestrais. A pesca, a agricultura de pequena escala, o extrativismo vegetal e a produção artesanal constituem as principais formas de sustento das famílias, que organizam suas rotinas de trabalho segundo os ciclos da natureza e as necessidades coletivas. A agricultura praticada na comunidade é predominantemente voltada ao cultivo de mandioca, cana, banana e

outras espécies nativas, com destaque para a produção da farinha como item essencial da alimentação local. Esse sistema agrícola segue os princípios da roça tradicional, em que o plantio e a colheita são realizados com base em conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração, o que reafirma o vínculo entre cultura, território e trabalho (Felipe, 2018).

A pesca, por sua vez, é uma das atividades mais importantes, tanto como fonte alimentar quanto como prática cultural e social. Os rios da região do Alto Solimões, em destaque o rio Içá, oferecem uma diversidade de espécies que abastecem a comunidade e, ocasionalmente, geram excedentes que são comercializados em feiras locais ou trocados entre aldeias. Em alguns períodos do ano, a pesca é intensificada por eventos sazonais, como o “período do defeso”, que regulam o uso sustentável dos recursos e envolvem normas comunitárias de preservação, mostrando como os Ticuna mantêm uma relação equilibrada com o meio ambiente. Além disso, a confecção de artesanatos, como cestos, cerâmicas, cocares e colares, representa uma fonte complementar de renda, principalmente para mulheres da comunidade, que encontram nesses saberes uma forma de resistência cultural e econômica (Silva Filho, 2020).

No entanto, apesar da forte presença de práticas tradicionais, a comunidade também passou a depender de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família e o pagamento do Seguro Defeso, aos pescadores artesanais associados atendidos pelo governo federal. Esses auxílios, embora representem uma importante complementação à economia local, também introduzem novas formas de organização financeira, influenciando o consumo e o acesso a bens e serviços externos. Conforme observa Oliveira (2019), a inserção em políticas sociais nacionais é ambivalente: ao mesmo tempo em que garantem direitos, pode gerar certa dependência e contribuir para a descaracterização das práticas autônomas de produção.

Outro aspecto relevante é o envolvimento de alguns membros da comunidade em atividades remuneradas fora do território, como serviços administrativos, escolares ou em organizações não governamentais, o que indica uma gradual diversificação das estratégias econômicas. Jovens com formação escolar mais avançada também buscam oportunidades em centros urbanos, muitas vezes retornando à comunidade com experiências que contribuem para a gestão de projetos ou para a melhoria das condições de vida local, ainda que esse movimento

nem sempre seja contínuo. Cazuya (2021) destaca que esse fluxo entre o tradicional e o institucional compõe uma economia indígena em transição, marcada por múltiplas estratégias que se articulam em torno da sobrevivência física e cultural.

Os meios de subsistência em Vila Betânia revelam um equilíbrio delicado entre o que se herda dos ancestrais e o que se negocia com o mundo exterior. A economia local permanece profundamente ancorada na relação com a natureza e nos princípios de coletividade, mas também absorve, com criticidade, os elementos da modernidade que podem interferir na autonomia comunitária. Esse cenário evidencia a complexidade da realidade econômica indígena, que exige políticas públicas sensíveis às formas próprias de produzir, compartilhar e viver dos povos originários da Amazônia (Medeiros, 2018).

As principais fontes de renda em Vila Betânia estão concentradas nos comércios locais, no funcionalismo público — incluindo servidores efetivos e contratados que atuam para a prefeitura municipal, para o governo estadual e para o governo federal —, assim como nos benefícios recebidos por aposentados da previdência social.

Há cerca de três anos, a comunidade de Vila Betânia tem sido periodicamente visitada por turistas, predominantemente estrangeiros, interessados em conhecer as tradições do povo Ticuna, que ocorrem geralmente na Maloca Tchirugüne. Essas visitas também contribuem para a geração de renda econômica para a comunidade.

A infraestrutura da comunidade indígena Vila Betânia apresenta características típicas de muitas localidades indígenas situadas na região do Alto Solimões, onde os avanços em termos de acesso a serviços públicos coexistem com limitações estruturais significativas. As moradias, em sua maioria, já são construídas com materiais industrializados, como madeira beneficiada, telhas de alumínio e principalmente alvenaria, especialmente em construções institucionais como escolas, igrejas e unidades de saúde, isso se intensificou nos últimos anos. A disposição espacial da comunidade ainda conserva elementos do modelo tradicional ticuna de ocupação territorial, em que as casas se organizam em torno de espaços coletivos de convivência, como a maloca da comunidade denominada “Tchirugüne”. No entanto, a expansão da malha urbana interna e a construção de vias de acesso, como a Avenida Eduardo, referida simbolicamente na história local, refletem a influência das políticas de infraestrutura implementadas desde a década de 1980 (Cazuya, 2021).

Em relação ao abastecimento de água, a comunidade conta com poços artesianos ou sistemas de captação de água de superfície, que nem sempre garantem abastecimento contínuo ou qualidade adequada da água para consumo. O saneamento básico é precário, com ausência de rede de esgoto e tratamento de resíduos, o que expõe a população, sobretudo crianças e idosos, a riscos sanitários recorrentes. O fornecimento de energia elétrica é surpreendentemente estável oferecido pela rede pública de distribuição, o que permite o uso de eletrodomésticos e equipamentos eletrônicos nas residências e instituições, mas em pouquíssimas ocasiões apresenta instabilidade no sistema de fornecimento. Esses desafios estruturais comprometem diretamente a qualidade de vida e o funcionamento dos serviços públicos essenciais, como saúde e educação (Apinajé, 2017).

No que diz respeito ao acesso à saúde, a comunidade dispõe de uma Unidade Básica de Saúde Indígena (UBSI) do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI), vinculada a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) com atendimento permanente realizado por uma equipe de profissionais não indígenas e também agentes indígenas de saúde com visitas de equipes multidisciplinares. Ainda assim, a frequência dos atendimentos e a disponibilidade de medicamentos são limitadas, exigindo, em muitos casos, o deslocamento dos moradores para a sede do município ou para outras localidades em que oferecem melhores estruturas e disponibiliza melhor tratamento de saúde. Como destaca Souza et al., (2020), a precariedade na infraestrutura de saúde em territórios indígenas representa não apenas uma falha técnica, mas uma violação ao direito fundamental à saúde diferenciada, conforme previsto na Constituição Federal e nas diretrizes da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.

Como mostra a análise das instituições educacionais, educação é um dos setores mais estruturados na comunidade, com a presença de diversas instituições de ensino, como a Creche Municipal Indígena Francisca Santana, a Escola Municipal Indígena Monte Sinai, a Escola Municipal Indígena Ngewane, a Escola Municipal Indígena Metacü e a Escola Estadual Indígena Dom Pedro I, que atendem desde a educação infantil até o ensino médio. Essas escolas funcionam como núcleos de organização social e articulação entre o saber tradicional e os conteúdos formais, embora enfrentem desafios relacionados à infraestrutura física, como algumas salas não climatizadas, mobiliário precário, ausência de laboratórios e bibliotecas, além da rotatividade de professores. Segundo o documento do Novo

Ensino Médio Indígena do Amazonas (Amazonas, 2023), é necessário que os investimentos em infraestrutura escolar estejam acompanhados de políticas curriculares que valorizem a língua e os conhecimentos indígenas, assegurando condições dignas para o desenvolvimento de uma educação intercultural efetiva.

O transporte, por fim, representa outro grande obstáculo para a mobilidade dos moradores e para a garantia dos direitos sociais básicos. O acesso fluvial é o principal meio de locomoção até a sede municipal ou outras comunidades, sendo dependente das condições climáticas e da disponibilidade de embarcações. Em períodos de cheia ou seca, o deslocamento torna-se ainda mais difícil, dificultando a chegada de profissionais de saúde, alimentos, materiais escolares e atendimento a emergências. Conforme argumenta Oliveira (2019), o isolamento geográfico, somado à negligência estrutural do Estado, contribui para a manutenção de desigualdades que afetam diretamente o bem-estar dos povos indígenas.

Assim, a análise da infraestrutura e do acesso a serviços públicos em Vila Betânia revela um cenário de avanços pontuais e carências persistentes, que exigem políticas públicas integradas, respeitosas às especificidades culturais e territorialmente sensíveis. Garantir o direito à infraestrutura básica adequada, à saúde de qualidade e à educação escolar indígena valorizada é um passo essencial para a promoção da dignidade, da autonomia e do bem viver dos povos indígenas da Amazônia.

### 3.4 A Cultura e Tradições Locais

As práticas rituais e a espiritualidade constituem o núcleo vital da cultura Ticuna, moldando a vida cotidiana, as relações sociais e a compreensão do mundo na comunidade indígena Vila Betânia. A cosmologia Ticuna é profundamente marcada por uma visão cíclica e relacional da existência, em que os seres humanos, os espíritos da floresta, os rios, os animais e os ancestrais estão interligados por forças invisíveis que regulam a harmonia da vida. Essa espiritualidade se manifesta por meio de danças ancestrais, rituais tradicionais, festas cerimoniais, cantos sagrados e práticas xamânicas. Em Vila Betânia, essas manifestações acontecem no interior da maloca Tchirugüne e, são conduzidas com rigor simbólico e transmitidas oralmente entre gerações. Entre esses rituais, destaca-se a Festa da

Moça Nova, conhecida em língua Ticuna como Fëpucü (conforme ilustra a figura 9), que marca a transição da infância para a vida adulta das meninas da comunidade. Essa cerimônia envolve o recolhimento da menina, a transmissão de ensinamentos pelas mulheres mais velhas, pinturas corporais, uso de máscaras e a realização de cantos e danças que reforçam a identidade coletiva e o vínculo com os ancestrais (Felipe, 2018).

**Figura 9** – Festa da Moça Nova, conhecida em língua Ticuna como Fëpucü



Fonte: Tucum Brasil, 2025

A espiritualidade Ticuna não é separada da vida social e ambiental, mas integrada a todas as dimensões do existir. O conhecimento dos ciclos naturais, da medicina tradicional, das narrativas míticas e dos interditos alimentares faz parte de um sistema de saberes que guia o comportamento individual e coletivo, especialmente nos momentos considerados críticos, como nascimento, puberdade, doença e morte. Os pajés, figuras centrais nesse universo simbólico, desempenham o papel de curadores, conselheiros e mediadores entre o mundo dos vivos e o mundo espiritual. Conforme aponta Freitas (2018), os rituais realizados pelos pajés envolvem cantos específicos, uso de plantas sagradas, sopros e rezas, sendo considerados fundamentais para manter o equilíbrio espiritual da comunidade.

**Figura 10** – Maloca Tchirugüne, em Vila Betânia



Fonte: Nelson Franco, 04/06/2023

A maloca Tchirugüne é o espaço apropriado onde a maioria das manifestações culturais tradicionais de Vila Betânia acontecem, pois, a mesma foi construída com a finalidade de ser um local específico para a transmissão do conhecimento ancestral e assim promover a conservação das tradições do povo da referida comunidade.

No entanto, as práticas sagradas têm enfrentado desafios nos últimos anos devido à influência de religiões cristãs, principalmente evangélicas, que se expandiram na região com a presença de missões desde meados do século XX. Em alguns casos, houve a proibição de rituais tradicionais por parte de líderes religiosos convertidos, o que provocou tensões internas e afetou a continuidade de determinadas manifestações espirituais. Segundo Catachunga, Schwartz e Silva (2021), esse embate entre espiritualidades não deve ser visto como simples substituição de uma crença por outra, mas como um processo de negociação identitária e ressignificação simbólica, no qual os Ticuna reinterpretem suas crenças a partir dos novos contextos socioculturais.

Ainda assim, muitas famílias da Vila Betânia preservam com firmeza os rituais tradicionais, considerando-os essenciais para manter viva a memória ancestral e fortalecer os vínculos com a terra, os espíritos e a comunidade. A realização de festas coletivas, a manutenção de locais sagrados e a prática dos cantos cerimoniais

continuam sendo estratégias de resistência cultural diante da pressão por homogeneização religiosa e cultural. Esses rituais não apenas reforçam o pertencimento étnico, mas também desempenham função educativa, transmitindo valores como respeito, reciprocidade, solidariedade e cuidado com a natureza (Lopes, 2022).

As práticas rituais e a espiritualidade Ticuna em Vila Betânia revelam um universo complexo e profundo de significados, onde o sagrado e o cotidiano se entrelaçam continuamente. Proteger essas manifestações implica reconhecer que a espiritualidade indígena é parte inseparável da identidade, da língua e do território, sendo, portanto, elemento essencial para qualquer política de valorização cultural e de educação diferenciada voltada aos povos originários da Amazônia (Souza Araújo et al., 2021).

Neste contexto, os saberes tradicionais e a transmissão oral do conhecimento ocupam um lugar central na organização cultural do povo Ticuna e se expressam de maneira viva e cotidiana na comunidade indígena Vila Betânia. A oralidade, longe de ser uma simples forma de comunicação, é compreendida como um meio privilegiado de ensino e aprendizagem, por meio do qual são repassados conhecimentos ancestrais sobre a natureza, o corpo, os ciclos da vida, os rituais, os mitos fundadores e as normas de convivência coletiva. Desde muito cedo, as crianças são inseridas em contextos dialógico ativo, participando de narrativas contadas por anciãos, cantos tradicionais, histórias míticas e conselhos de vida que constituem a base da formação cultural Ticuna. Conforme explica Santos Luciano (2017), a educação indígena não se dá apenas na escola, mas em todos os espaços da comunidade, sendo conduzida por diversas figuras de autoridade simbólica, avós, pajés, parteiras, caçadores, cantores e líderes, que compartilham saberes a partir de suas experiências e vivências.

A transmissão do conhecimento ocorre de maneira situada e contextualizada, ou seja, vinculada diretamente à prática concreta e ao tempo do aprendizado. Não há, na tradição Ticuna, uma separação rígida entre teoria e prática, pois os saberes são repassados em meio às atividades cotidianas, como a pesca, o plantio, o preparo de alimentos, a confecção de artesanatos e a participação em rituais. Esse modelo pedagógico é profundamente relacional, valorizando a observação, a repetição e o respeito à autoridade dos mais velhos. Segundo Oliveira, Oliveira e Petraglia (2021), a ruptura dessa cadeia de transmissão pode comprometer não



apenas o domínio técnico dos saberes, mas principalmente a identidade cultural das novas gerações, que passam a viver entre dois mundos, o da tradição e o da escola, sem o devido reconhecimento da validade de seus conhecimentos originários.

Na comunidade de Vila Betânia, a valorização da oralidade continua sendo um traço marcante da vida coletiva, embora com pequena interferência pelo avanço das mídias digitais, pela presença de pessoas não indígenas na comunidade e pela imposição de currículos uniformizados na educação formal. Ainda que existam iniciativas de inclusão dos saberes tradicionais no espaço escolar, muitas vezes esses conhecimentos são tratados de forma superficial ou folclorizado, sem o devido respeito à sua complexidade e profundidade simbólica. O Parecer CNE/CEB nº 13/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, ressalta a importância de integrar os sistemas de conhecimento indígena às práticas pedagógicas escolares, reconhecendo a oralidade como forma legítima de construção de saberes (Brasil, 2012). No entanto, a implementação dessa proposta enfrenta obstáculos concretos, como a ausência de materiais didáticos bilíngues e a falta de formação adequada para os docentes indígenas.

Apesar dessas dificuldades, muitos educadores indígenas da comunidade têm se mobilizado para registrar narrativas orais, promover com mais frequência cantos tradicionais e incorporar os saberes locais ao currículo escolar. Essa ação política e pedagógica visa assegurar que os estudantes reconheçam o valor de sua própria cultura e desenvolvam uma autoestima étnico-linguística que os fortaleça diante das pressões externas. A escola, nesse contexto, pode ser não apenas um espaço de ensino formal, mas um território de reafirmação identitária e continuidade cultural (Garcia, 2016).

Portanto, os saberes tradicionais e a transmissão oral do conhecimento em Vila Betânia constituem pilares fundamentais da resistência Ticuna, articulando passado, presente e futuro na construção de uma educação que respeita a diversidade epistêmica e valoriza os modos próprios de ensinar e aprender. Garantir a preservação desses saberes significa, mais do que tudo, ouvir a voz dos mais velhos, reconhecer sua autoridade e proteger os espaços coletivos onde a palavra circula como fonte de sabedoria, memória e vida.

### 3.5 Interações com Outras Comunidades

As relações intercomunitárias entre Vila Betânia e outras aldeias Ticuna do Alto Solimões e rio Içá constituem um aspecto essencial da organização social e cultural da comunidade, sendo pautadas por vínculos históricos de parentesco, cooperação ritual, alianças matrimoniais e circulação de saberes e bens. Diferentemente de uma concepção isolada de aldeia, os Ticuna compreendem suas comunidades como partes de uma rede maior de pertencimento étnico, onde as fronteiras territoriais são atravessadas por relações afetivas, espirituais e políticas. A interdependência entre as aldeias se manifesta, por exemplo, nas festividades, nas quais membros de diferentes comunidades se deslocam para participar como convidados ou como parte do apoio coletivo necessário à realização dos rituais nos eventos. Esses eventos reafirmam a coesão étnica e permitem a transmissão intergeracional de saberes, danças e cantos cerimoniais, fortalecendo o sentimento de unidade do povo Ticuna (Felipe, 2018).

Além das celebrações, as trocas entre as aldeias também ocorrem em atividades cotidianas, como a troca de produtos agrícolas, peixes, artesanatos e medicamentos tradicionais. Essa circulação é facilitada pelos rios que conectam as comunidades da região, funcionando como vias naturais de integração cultural e econômica. Conforme relata Cazuza (2021), esse intercâmbio não apenas garante a subsistência mútua em tempos de escassez, mas também reafirma valores tradicionais de solidariedade e reciprocidade, pilares da ética comunitária indígena. O sistema de parentesco, que ultrapassa os limites da aldeia, também fortalece essas conexões, pois casamentos entre membros de diferentes comunidades são comuns e reforçam alianças políticas e sociais que perduram por gerações.

Do ponto de vista educacional, muitas aldeias mantêm diálogo constante em torno da construção dos Projetos Políticos Pedagógicos de suas escolas, trocando experiências e estratégias para fortalecer a educação bilíngue e intercultural. Essa cooperação se estende à participação em encontros de professores indígenas, conselhos escolares e fóruns de lideranças, onde as comunidades articulam coletivamente demandas junto às secretarias de educação e demais órgãos públicos. Segundo Santos Luciano (2017), essa articulação intercomunitária tem sido fundamental para garantir a inclusão de conteúdos culturais específicos nos

currículos escolares e para pressionar o Estado pela valorização dos saberes tradicionais e da língua Ticuna.

Apesar das distâncias geográficas e das dificuldades logísticas, a manutenção dessas relações intercomunitárias é vista como parte essencial da vida social em Vila Betânia. Elas representam uma forma de resistência frente ao isolamento imposto pelas políticas coloniais e uma reafirmação constante da identidade étnica Ticuna como um sistema relacional que se estende além do território imediato. A troca de experiências, a ajuda mútua em situações de conflito e a participação em decisões coletivas maiores demonstram que a comunidade não está isolada, mas inserida em uma rede sociocultural dinâmica, que se atualiza a partir da tradição e da agência dos próprios sujeitos indígenas (Silva Coelho et al., 2021).

As relações intercomunitárias com outras aldeias Ticuna desempenham um papel estratégico na preservação da cultura, da língua e da autonomia política dos povos indígenas do Alto Solimões. Elas permitem a continuidade das práticas ancestrais e criam espaços de mobilização coletiva que desafiam a fragmentação provocada pelas estruturas institucionais impostas pelo Estado. Reconhecer e valorizar essas redes de cooperação é fundamental para qualquer ação que vise à sustentabilidade cultural e ao fortalecimento da autodeterminação dos povos indígenas na Amazônia brasileira (Araújo, 2015).

Os contatos entre a comunidade indígena Vila Betânia e as comunidades não indígenas, bem como com os centros urbanos próximos, como Santo Antônio do Içá e Amaturá, têm se intensificado nas últimas décadas, alterando significativamente as dinâmicas sociais, culturais e linguísticas do povo Ticuna. Essas interações ocorrem em múltiplas esferas da vida comunitária, desde o acesso a serviços públicos, como saúde e educação, até a participação em mercados informais, instâncias administrativas e instituições religiosas. A aproximação com os centros urbanos tem possibilitado, por um lado, a ampliação do acesso a bens materiais, programas de assistência social e formação acadêmica; por outro, tem produzido tensões em relação à preservação da identidade étnica, o fortalecimento da língua Ticuna e à valorização dos modos tradicionais de vida. Conforme observa Santos (2022), a escolarização em língua portuguesa e a presença constante de agentes externos nas escolas, igrejas e postos de saúde criam um ambiente de constante exposição

aos valores da sociedade envolvente, o que afeta especialmente os jovens em processo de formação identitária.

Os deslocamentos até os centros urbanos são frequentes para resolver questões burocráticas, acessar serviços de saúde especializados, realizar compras ou participar de formações continuadas. Em muitos casos, jovens e adultos permanecem por longos períodos fora da comunidade, seja para estudar, trabalhar ou acompanhar tratamentos de saúde, e retornam com novos repertórios linguísticos, comportamentais e tecnológicos que, ao serem reinseridos no cotidiano da aldeia, provocam transformações sutis e, por vezes, conflitantes. Esse movimento de ida e volta caracteriza o que Cazuza (2021) chama de “circularidade identitária”, em que os sujeitos transitam entre contextos distintos sem abandonar completamente suas referências culturais, mas adaptando-se às exigências do mundo externo.

A presença de comunidades não indígenas nas redondezas também interfere diretamente nas práticas cotidianas da comunidade Vila Betânia. Relações comerciais, alianças políticas e, ocasionalmente, conflitos por território ou recursos naturais marcam essa convivência, que nem sempre ocorre de forma equitativa. As populações ribeirinhas, colonas e urbanas frequentemente acessam políticas públicas com maior facilidade, o que evidencia desigualdades estruturais historicamente construídas e reproduzidas. Como destaca Catachunga, Schwartz e Silva (2021), as fronteiras entre o mundo indígena e o não indígena não são apenas geográficas, mas também simbólicas, expressando-se em práticas de exclusão, estigmatização e negação do conhecimento tradicional.

No campo religioso, por exemplo, a presença de missionários evangélicos não indígenas tem influenciado os sistemas de crença tradicionais da comunidade, muitas vezes deslegitimando as práticas xamânicas, os rituais ancestrais e os saberes espirituais Ticuna. Essa substituição simbólica tende a enfraquecer a transmissão oral e o valor das lideranças tradicionais, provocando divisões internas entre famílias que adotam religiões ocidentais e aquelas que mantêm os rituais indígenas. Oliveira (2019) analisa que esse tipo de influência religiosa exerce forte impacto na organização social, pois redefine os papéis de autoridade e reconfigura as noções de sagrado e profano dentro da comunidade.

Ainda assim, a comunidade de Vila Betânia tem buscado formas de dialogar com o mundo exterior sem abrir mão de sua identidade. A participação em

conferências indígenas, projetos culturais, formações para professores e eventos escolares interinstitucionais tem permitido que lideranças e educadores da comunidade articulem estratégias de defesa dos direitos linguísticos e culturais do povo Ticuna. A inserção em espaços urbanos e a interação com comunidades não indígenas, portanto, não se dá de forma passiva, mas como um processo complexo de negociação, resistência e apropriação crítica, que evidencia a capacidade do povo Ticuna de se adaptar sem se descaracterizar (Dias, 2021).

Dessa maneira, os contatos com comunidades não indígenas e centros urbanos representam tanto desafios quanto possibilidades para a comunidade de Vila Betânia. Esses encontros revelam a necessidade de políticas públicas que reconheçam e respeitem a autonomia dos povos indígenas, promovam o interculturalismo com base no diálogo e garantam a valorização das línguas e saberes originários como elementos centrais para a sustentabilidade cultural e social na Amazônia.

## 4 PESQUISA ETNOGRÁFICA DA LÍNGUA TICUNA EM VILA BETÂNIA

### 4.1 Objetivos da Pesquisa Etnográfica

Compreender o uso cotidiano da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia é fundamental para captar as dinâmicas reais do bilinguismo em contexto indígena e os modos como os falantes manejam suas línguas no dia a dia. O uso da língua Ticuna vai muito além de uma função comunicativa instrumental: ela é, sobretudo, um marcador identitário, um repositório de memórias ancestrais e uma ferramenta de organização simbólica e social. Em contextos familiares, a língua Ticuna continua sendo a principal forma de expressão, especialmente entre as gerações mais velhas e em situações ligadas à oralidade tradicional, como o aconselhamento dos anciãos, a contação de histórias míticas e a realização de cantos cerimoniais. Conforme destaca Felipe (2018), a língua é o elo que conecta os indivíduos à sua ancestralidade, ao território e às normas éticas da coletividade, sendo transmitida em momentos cotidianos de convivência que envolvem práticas como a pesca, o plantio e os rituais comunitários.

Nas interações entre crianças e adultos no ambiente doméstico, observa-se o uso pleno da língua Ticuna como única língua de comunicação, embora esse padrão comece a ser tensionado pela presença do não indígena nas famílias e pelo crescente acesso das crianças à escola e ao conteúdo em português. Em contextos escolares e administrativos, o uso do português tende a se intensificar, o que leva a uma alternância constante entre os dois idiomas nas escolas. Esse fenômeno, conhecido na sociolinguística como *code-switching*, é comum em comunidades bilíngues, e se manifesta com frequência em Vila Betânia, sobretudo entre os jovens, que adaptam sua fala conforme o interlocutor e o espaço de circulação. Como aponta Carvalho (2017), essa prática linguística revela tanto uma adaptação às exigências do meio quanto um indício de mudança nas normas de uso da língua nativa, que pode se tornar cada vez mais restrita a contextos informais e íntimos.

No ambiente escolar, o uso da língua Ticuna varia conforme os conteúdos aplicados e o projeto político-pedagógico das escolas. Em algumas instituições da comunidade, especialmente nas séries iniciais, há esforço para manter o Ticuna como língua de instrução ou de apoio, sobretudo por parte de educadores indígenas.

No entanto, a escassez de materiais didáticos bilíngues e a exigência das avaliações externas em português dificultam a consolidação da prática pedagógica na língua materna. Oliveira (2019) analisa que essa dificuldade acaba por reforçar o português como língua de prestígio e acesso ao mundo “de fora”, enquanto o Ticuna, mesmo sendo valorizado culturalmente, expõe o desafio de se restringir à oralidade privada e não institucionalizada.

Além disso, o uso da língua também está profundamente relacionado ao contexto ritualístico e espiritual. Os rituais tradicionais, as rezas e os cantos cerimoniais continuam sendo realizados exclusivamente em Ticuna, o que demonstra a centralidade da língua na cosmovisão do povo. A manutenção dessas práticas linguísticas é vital para a preservação da identidade étnica e do sistema de crenças tradicional. Freitas (2018) aponta que, nesses contextos, o Ticuna não é apenas um idioma, mas um modo de existir no mundo, carregado de significados que não são traduzíveis para o português.

Identificar as transformações linguísticas decorrentes do contato entre a língua Ticuna e a língua portuguesa é essencial para compreender os efeitos profundos e progressivos que essa relação assimétrica tem produzido no repertório linguístico e na estrutura funcional da língua indígena. Esse processo de contato não se limita à convivência entre dois sistemas linguísticos distintos, mas envolve dinâmicas complexas de poder, dominação cultural e escolhas identitárias. A língua portuguesa, historicamente associada à escolarização, ao acesso a serviços públicos e à mobilidade social, passou a ocupar espaço pontual na vida dos Ticuna, em alguns contextos deslocando sutilmente a língua materna de seus usos tradicionais. Conforme aponta Carvalho (2015), esse deslocamento se manifesta por meio de fenômenos como a redução do vocabulário Ticuna em domínios especializados, a substituição lexical por empréstimos do português e a perda de distinções morfossintáticas fundamentais para a gramática da língua.

Na comunidade de Vila Betânia, essas transformações são perceptíveis especialmente entre as gerações mais jovens, que convivem com a língua portuguesa desde os primeiros anos de escolarização e, em alguns casos, quando o pai ou a mãe não é indígena, adquirem o português simultaneamente ou até mesmo antes do pleno domínio do Ticuna. Essa situação de bilinguismo desequilibrado, conforme definido por Bortoni-Ricardo (2004), favorece o surgimento de formas de

fala híbridas, nas quais estruturas sintáticas e elementos lexicais do português são incorporados ao discurso em Ticuna.

Esse processo gera configurações linguísticas que tensionam as fronteiras entre os sistemas em contato, desafiando a estabilidade estrutural da língua indígena em determinados contextos de uso. Embora tal hibridismo linguístico possa ser interpretado como uma estratégia adaptativa e criativa dos falantes, ele também sinaliza a vulnerabilidade sociolinguística do Ticuna diante das pressões sociais, escolares e institucionais exercidas pelo português.

As interferências linguísticas mais comuns observadas incluem a substituição de termos Ticuna por palavras portuguesas em áreas como a tecnologia, a saúde e a administração escolar, (conforme a tabela 2). Cazuza (2021) identifica, por exemplo, a tendência crescente de omissão ou simplificação de marcadores tonais e pronominais específicos do Ticuna em contextos bilíngues, o que compromete a integridade estrutural da língua e sua inteligibilidade plena entre falantes tradicionais. Essas mudanças indicam um processo de erosão linguística, que pode evoluir para uma situação de substituição parcial ou enfraquecimento da língua, caso não sejam adotadas medidas de revitalização ou fortalecimento cultural.

**Tabela 2** – Interferências linguísticas

<b>Tipo de interferência</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplo (hipotético/ilustrativo)</b>	<b>Possível Impacto</b>
Empréstimo lexical	Uso de palavras portuguesas no meio da fala Ticuna.	“Tchama rū motogu ciudadewa tchaũ.” “Eu vou de moto para a cidade.”	Redução do vocabulário original da língua Ticuna.
Códigos alternados ( <i>code-switching</i> )	Alternância de línguas dentro da mesma conversa ou frase.	“Hoje tem aula e depois tem canto em Ticuna.”	Pode enfraquecer a fluência plena na língua Ticuna.
Simplificação fonológica	Omissão ou modificação de sons típicos da língua Ticuna.	Redução de tons ou ausência de distinção vocálica específica.	Dificulta a compreensão entre falantes mais velhos e mais



			jovens.
Traduções literais do português	Adaptação semântica direta de expressões portuguesas para o Ticuna.	Tradução de “fazer sentido” com estrutura literal Ticuna.	Introdução de estruturas estranhas à lógica da língua indígena.
Substituição de termos culturais	Abandono de conceitos tradicionais em favor de equivalentes ocidentais.	Uso de “professor” em vez de “ensinador tradicional”.	Enfraquecimento da visão de mundo própria da cultura Ticuna.

Fonte: Jose Santos, 2025

Outro aspecto importante é o impacto das transformações linguísticas na autoimagem e na valorização da língua por parte dos falantes. Muitos jovens, ao internalizarem o prestígio do português como língua da escola e do “sucesso” social, passam a considerar o Ticuna como um idioma “menos útil”, o que leva à sua rejeição ou ao uso restrito a contextos familiares. Oliveira, Oliveira e Petraglia (2021) analisam que essas atitudes linguísticas negativas são fruto de um processo histórico de estigmatização das línguas indígenas no Brasil, perpetuado tanto pelas instituições quanto pelas práticas cotidianas que desvalorizam os saberes tradicionais.

Apesar disso, há também movimentos de resistência dentro da própria comunidade, que procuram reafirmar o valor da língua Ticuna como patrimônio imaterial e instrumento de resistência cultural. Professores indígenas, lideranças comunitárias e famílias conscientes do desafio e da possibilidade do enfraquecimento linguística têm buscado estratégias para promover o uso contínuo da língua, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. A produção de materiais didáticos bilíngues, a realização de oficinas de contação de histórias e a introdução da língua Ticuna como componente obrigatório no currículo escolar são algumas das ações que visam frear o avanço da substituição linguística (Silva et al., 2018).

Levantar as percepções e atitudes dos falantes em relação à sua língua materna é essencial para compreender os fatores subjetivos e afetivos que

influenciam o uso, a valorização e a continuidade da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia. Essas atitudes linguísticas estão diretamente relacionadas ao modo como os membros da comunidade veem a si mesmos, interpretam sua história e projetam o futuro de sua identidade cultural. A língua Ticuna não é apenas um instrumento de comunicação, mas um elemento simbólico que expressa pertencimento étnico, memória coletiva e formas próprias de compreender o mundo. Conforme Carvalho (2017), as atitudes linguísticas podem atuar como indicadores decisivos nos processos de manutenção ou deslocamento linguístico, pois o valor atribuído pelos próprios falantes à sua língua influencia diretamente sua transmissão intergeracional.

Na comunidade de Vila Betânia, os dados preliminares da pesquisa indicam que há um sentimento generalizado de orgulho em relação à língua Ticuna, especialmente entre os adultos e idosos, que a associam à força cultural, à sabedoria dos antepassados e à autonomia do povo. Os entrevistados consideram a língua como “a raiz” ou “a alma” do seu povo, ressaltando que, sem ela, os Ticuna perderiam sua essência. Essa valorização simbólica, no entanto, convive com sentimentos ambíguos, especialmente entre os mais jovens, que por vezes percebem o Ticuna como uma língua mais utilizada no espaço comunitário, pouco funcional em contextos urbanos, e até mesmo alvo de preconceito quando utilizada fora da comunidade. Essa tensão revela uma realidade sociolinguística complexa, marcada pela convivência entre o orgulho étnico e a pressão pela adoção do português como língua de prestígio e mobilidade social (Santos, 2022).

As escolas também exercem significativa influência sobre essas percepções, na medida em que promovem, ainda que indiretamente, uma hierarquização entre as línguas. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012) determinem o respeito à língua materna e incentivem o ensino bilíngue, na prática, a presença majoritária do português como língua de instrução e avaliação reforça sua hegemonia. Muitos estudantes internalizam a ideia de que o domínio do português é necessário para “ter maior chance de vencer na vida” ou para “entender o mundo lá fora”, o que acaba por minar a autoestima linguística relacionada ao uso do Ticuna. Oliveira, Oliveira e Petraglia (2021) destacam que essa naturalização do português como “melhor” ou “mais útil” tem impactos duradouros na decisão dos jovens sobre quando, com quem e em que contextos falar sua língua materna.

Entretanto, é importante ressaltar que a resistência cultural se manifesta nas formas como a comunidade Ticuna tem buscado afirmar o valor da sua língua, mesmo em contextos de adversidade. Todos os entrevistados relataram que ensinam o Ticuna a seus filhos em casa, utilizam a língua em eventos comunitários e fazem questão de que seus filhos participem das atividades tradicionais que a comunidade realiza. Essa prática cotidiana de resistência linguística revela um esforço consciente de manutenção da identidade cultural, mesmo diante de um cenário de um presente bilinguismo assimétrico. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), a atitude positiva em relação à língua é um dos fatores mais eficazes na reversão de processos de deslocamento linguístico, sobretudo quando se articula a políticas educativas consistentes.

Refletir sobre o papel da escola indígena na preservação da língua Ticuna exige compreender a escola não apenas como uma instituição de ensino formal, mas como um território de disputa simbólica, onde diferentes visões de mundo, línguas e saberes entram em diálogo ou confronto. Na comunidade Vila Betânia, a presença da creche e de outras escolas indígenas como a Monte Sinai, a Ngewane, a Metacü, e a Dom Pedro I revela uma tentativa de institucionalizar o direito à educação diferenciada, bilíngue e intercultural, conforme previsto nos Pareceres CNE/CEB nº 14/99 e nº 13/2012, que orientam a política nacional de educação escolar indígena (BRASIL, 1999; BRASIL, 2012). No entanto, a efetivação dessa proposta esbarra em múltiplos desafios, que vão desde a ausência de materiais didáticos bilíngues contextualizados até a fragilidade na formação docente voltada às especificidades linguísticas e culturais do povo Ticuna.

A escola, em seu papel ideal, deveria ser um espaço de valorização da língua materna, de fortalecimento identitário e de produção de conhecimentos a partir das realidades locais. Isso significa que o ensino em Ticuna não pode se restringir a momentos isolados, mas deve permear todo o processo pedagógico, desde a alfabetização até o ensino médio. No entanto, conforme analisa Oliveira (2019), o que se observa em muitas comunidades indígenas, é que a presença da língua portuguesa como língua de instrução e como exigência das avaliações externas tende a sobrepor-se à língua Ticuna, mesmo quando esta é reconhecida formalmente no currículo. Esse cenário contribui para a gradual desvalorização do Ticuna, especialmente entre os jovens, que podem associar o domínio do português

ao sucesso escolar e profissional, enquanto a língua materna é ponderada a contextos informais e familiares.

A atuação dos professores indígenas, quando devidamente formados e fortalecidos por políticas públicas adequadas, representa uma das principais estratégias de resistência ao desvanecimento linguístico. Muitos desses educadores se esforçam para desenvolver projetos pedagógicos que incluam a oralidade tradicional, a contação de histórias, os cantos cerimoniais e os saberes do território como parte do conteúdo escolar. Segundo Santos Luciano (2017), essas práticas constituem formas de decolonização do currículo e de afirmação das epistemologias indígenas, tornando a escola um espaço de reconexão com a cultura e com a história do povo. A produção de materiais didáticos bilíngues e a articulação entre a escola e os anciãos da comunidade são exemplos de iniciativas que contribuem significativamente para a preservação da língua Ticuna, promovendo sua permanência nas novas gerações.

No entanto, a manutenção dessa proposta exige condições materiais, reconhecimento institucional e investimento contínuo na formação docente. A escola não pode ser apenas o espaço de reprodução da língua portuguesa e de valores hegemônicos de matriz ocidental, mas deve assumir uma posição ativa na valorização da diversidade linguística e no enfrentamento do preconceito linguístico ainda presente em muitos contextos sociais.

Nesse sentido, o conceito de língua minorizada não se refere a uma suposta inferioridade estrutural ou funcional da língua, mas a uma condição sociopolítica, na qual determinados idiomas são historicamente desvalorizados, silenciados ou excluídos dos espaços de prestígio e poder institucional. Línguas minorizadas são aquelas cujos falantes enfrentam restrições no uso público, educacional e administrativo de sua língua, apesar de sua vitalidade interna e de sua importância cultural.

Como enfatiza Bortoni-Ricardo (2004), a escola ocupa um lugar ambíguo nesse processo: pode atuar como instrumento de homogeneização cultural e linguística, reforçando hierarquias simbólicas, ou pode se constituir como espaço de transformação social, ao assumir a defesa das línguas minorizadas como parte de sua missão educativa, contribuindo para o fortalecimento da identidade, da autoestima linguística e do direito à diferença.

Assim, as escolas indígenas em Vila Betânia possuem papéis estratégicos e, ao mesmo tempo, importante na preservação e fortalecimento da língua Ticuna. Elas são, ao mesmo tempo, lugares de desafios e de possibilidades. Suas funções não se limitam à instrução formal, mas se estende à promoção de uma educação que respeite a história, a cultura, a língua e os modos próprios de ensinar e aprender dos povos indígenas. Para que esse papel seja plenamente exercido, é necessário o compromisso do Estado em garantir recursos, formação e autonomia curricular, mas também é fundamental o envolvimento da comunidade, que, ao reconhecer o valor de sua língua na escola, reafirma sua dignidade, sua identidade e seu direito à diferença.

## 4.2 Métodos e Abordagens de Coleta de Dados

A observação participante foi um dos principais métodos utilizados na coleta de dados desta pesquisa de abordagem etnográfica e sociolinguística realizada na comunidade indígena Vila Betânia, sendo essencial para compreender as práticas linguísticas em seus contextos naturais e socioculturais. Trata-se de uma abordagem qualitativa que pressupõe o envolvimento direto do pesquisador no cotidiano da comunidade, com o objetivo de captar as dinâmicas linguísticas, sociais e culturais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos. Ao acompanhar atividades cotidianas como reuniões comunitárias, aulas nas escolas, momentos familiares, rituais e conversas informais, foi possível registrar como a língua Ticuna se manifesta em diferentes situações, com distintos interlocutores e em variados domínios de uso. Essa imersão permitiu uma escuta sensível e uma observação contextualizada dos processos de alternância linguística, dos momentos de predomínio do português e das situações em que o Ticuna se revela como língua central de pertencimento (Carvalho, 2015).

A presença do pesquisador foi orientada pelo princípio ético da não interferência e da escuta respeitosa, conforme recomenda Gatti (2004), para quem a observação participante é uma estratégia fundamental em contextos onde a oralidade, o gesto, o silêncio e os rituais possuem significados específicos e muitas vezes invisíveis ao olhar externo. Durante a realização da pesquisa, foram aplicados **questionários sociolinguísticos e entrevistas semiestruturadas** com os professores da comunidade, permitindo a coleta de informações detalhadas sobre suas práticas pedagógicas, uso da língua Ticuna e do português, estratégias de ensino e avaliação. Os dados obtidos possibilitaram a **reflexão analítica sobre as relações linguísticas e sociais na escola**, bem como a compreensão das perspectivas dos docentes em relação à educação bilíngue e à valorização da identidade cultural na comunidade de Vila Betânia.

A língua portuguesa foi utilizada como principal língua de interlocução na aplicação dos questionários **sociolinguísticos e entrevistas semiestruturadas**, sobretudo porque os participantes compreendiam e se comunicavam também em

português, em grande parte em função de sua escolarização e do contato recorrente com instituições (escola, saúde, órgãos públicos). Além disso, a opção pelo português contribuiu para a padronização da aplicação do instrumento, reduzindo variações de interpretação entre respondentes e facilitando o registro e a comparação das respostas.

No entanto, em alguns casos, também foi utilizada a língua ticuna (Magüta), com o apoio de um intérprete, especialmente quando se observou que o participante demonstrava maior conforto comunicativo em ticuna, apresentava dúvidas na compreensão de termos em português ou quando a natureza das perguntas exigia maior precisão de sentido. Assim, o uso combinado do português e do ticuna buscou minimizar possíveis limitações metodológicas relacionadas à proficiência linguística dos participantes e assegurar maior fidelidade às respostas, respeitando as preferências linguísticas e o repertório bilíngue presente na comunidade.

Os registros realizados por meio questionários sociolinguísticos e entrevistas semiestruturadas se constituíram como material empírico de grande valor, pois revelaram aspectos do uso da língua Ticuna que dificilmente emergiriam apenas por meio de entrevistas ou questionários.

A observação participante também possibilitou acompanhar como a língua Ticuna é usada em práticas educativas não escolares, como nas rodas de conversa com os anciãos, nas oficinas de artesanato, nos ensaios de canto tradicional e nos momentos coletivos de preparo de alimentos. Em todos esses contextos, a língua materna assume um papel de mediação cultural profunda, servindo não apenas para comunicar, mas para ensinar, socializar e reafirmar os laços comunitários. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2004), é nas interações cotidianas que a linguagem revela sua função social mais plena, sendo possível observar os processos de variação e mudança linguística a partir da vivência concreta dos falantes.

A observação também evidenciou o impacto do contato com o português no comportamento linguístico das crianças e adolescentes. Em contextos escolares, por exemplo, foi recorrente a observação que os professores utilizavam mais o português nas leituras dos conteúdos desde os primeiros anos escolares. Em contrapartida, em eventos culturais organizados pela própria comunidade, notou-se o domínio pleno do uso do Ticuna como língua identitária, com jovens participando ativamente de cantos, encenações e discursos em sua língua materna. Esses

momentos foram registrados atentamente, com especial atenção às reações dos participantes, ao vocabulário utilizado por eles.

A aplicação de questionário sociolinguístico foi uma das principais estratégias metodológicas adotadas nesta pesquisa para investigar a situação do contato linguístico entre a língua Ticuna e a língua portuguesa na comunidade Vila Betânia. O instrumento foi elaborado com base nos referenciais da sociolinguística crítica e da etnografia da linguagem, sendo estruturado com questões abertas e fechadas que buscavam captar tanto os usos efetivos das línguas quanto as atitudes, percepções e experiências subjetivas dos falantes em diferentes faixas etárias e contextos sociais. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2004), os questionários sociolinguísticos, quando contextualizados culturalmente, são ferramentas importantes para compreender não apenas o que os sujeitos dizem sobre a língua, mas como articulam linguagem, identidade e poder em suas respostas.

O questionário utilizado nesta pesquisa foi composto por 32 questões divididas em cinco blocos temáticos: dados pessoais; uso da língua Ticuna em diferentes situações; contato com a língua portuguesa e suas implicações; ensino e transmissão da língua; desafios e perspectivas para a língua Ticuna e ainda as considerações finais. Houve, ainda, um espaço destinado a comentários livres, em que os participantes puderam expressar suas opiniões, críticas ou sugestões. A aplicação foi realizada presencialmente, com apoio de intérpretes indígenas nos casos em que os respondentes apresentavam dificuldade de leitura em português, especialmente entre algumas crianças e alguns idosos. A escolha dos participantes considerou critérios de idade, gênero e inserção social, permitindo uma amostra diversificada e representativa da comunidade, conforme indicado no planejamento metodológico da pesquisa.

As respostas obtidas por meio do questionário forneceram dados fundamentais para a análise sociolinguística do fenômeno de contato. Foi possível identificar, por exemplo, que a maioria dos entrevistados utiliza a língua Ticuna com amigos e, especialmente, em casa, nas interações familiares, enquanto o português está permanentemente presente nos contextos escolares, administrativos e nas interações com não indígenas. Essa distribuição funcional das línguas reflete um bilinguismo assimétrico, no qual o português se impõe como língua associada a diferentes situações formais, enquanto o Ticuna permanece predominante nos espaços informais, comunitários e nas redes de sociabilidade interna da



comunidade. Essa constatação está em consonância com o que aponta Carvalho (2017), ao afirmar que o contato prolongado com o português tende a deslocar a língua indígena para um papel residual, a menos que haja políticas consistentes de valorização e uso efetivo da língua materna em todos os espaços sociais.

Outro aspecto relevante captado pelo questionário diz respeito às atitudes linguísticas. Alguns jovens demonstraram reconhecer o valor cultural da língua Ticuna, mas associam o português a oportunidades de estudo, trabalho e acesso à cidade. Essa dualidade revela um conflito identitário que precisa ser compreendido à luz das transformações socioculturais vividas pela comunidade. Em contrapartida, os mais velhos expressaram firmeza com a vitalidade da língua e destacaram o papel da família na sua preservação. Esses dados dialogam com as análises de Santos Luciano (2017), que defende a importância de escutar as vozes indígenas para compreender os sentidos atribuídos à linguagem e para construir políticas linguísticas que não partam de diagnósticos externos e homogêneos.

A análise do questionário foi conduzida de forma qualitativa, buscando padrões, recorrências e contradições nas respostas. Os dados foram triangulados com as informações do diário de campo e das entrevistas, permitindo uma compreensão mais abrangente e contextualizada da realidade sociolinguística de Vila Betânia. A aplicação do questionário sociolinguístico, portanto, não apenas forneceu informações objetivas sobre o uso das línguas, mas revelou as representações subjetivas e os sentidos atribuídos pelos próprios falantes à sua língua materna, mostrando que a conservação da língua Ticuna passa necessariamente pelo reconhecimento das vozes e das experiências daqueles que a vivem no cotidiano.

As entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade indígena Vila Betânia constituíram uma etapa fundamental da coleta de dados desta pesquisa, permitindo o aprofundamento das percepções individuais e coletivas sobre o uso da língua Ticuna, suas transformações, desafios e perspectivas de preservação. Diferentemente dos questionários, que buscavam obter uma amostra mais ampla de comportamentos e atitudes, as entrevistas tiveram como foco a escuta qualificada e sensível de sujeitos estratégicos da comunidade, como professores indígenas, lideranças locais, pais e mães de alunos, jovens bilíngues e, especialmente, anciãos detentores de saberes tradicionais. Esse tipo de abordagem é defendido por Gatti (2004) como essencial em pesquisas qualitativas que buscam compreender

fenômenos complexos e simbólicos, como é o caso da relação entre língua, identidade e resistência cultural em contextos indígenas.

As entrevistas foram conduzidas com base em roteiros flexíveis, permitindo que os entrevistados abordassem livremente temas relacionados à sua trajetória linguística, ao papel da língua Ticuna em sua formação, às mudanças percebidas nas práticas linguísticas ao longo das gerações, e às ações que consideram importantes para garantir a continuidade da língua no futuro. Essa flexibilidade metodológica possibilitou o surgimento de narrativas ricas e profundamente enraizadas na experiência concreta dos participantes, revelando dimensões subjetivas que não seriam captadas por meio de instrumentos padronizados. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), a entrevista semiestruturada, quando realizada com abertura dialógica e escuta atenta, permite que os sujeitos assumam a condição de coautores da pesquisa, oferecendo interpretações sobre sua própria realidade.

Entre os dados mais relevantes obtidos nas entrevistas, destaca-se o reconhecimento unânime da importância da língua Ticuna como elemento central da identidade cultural. Os entrevistados, sobretudo os mais velhos, expressaram preocupação com o avanço do português nas escolas e nas interações institucionais, e relataram que a língua materna precisa ser cada vez mais utilizada pelas crianças, principalmente em espaços formais e institucionais. Alguns apontaram que pouquíssimos jovens ainda “ficam com vergonha” de falar Ticuna na cidade, evidenciando a presença de um processo de estigmatização linguística internalizado, conforme analisado por Oliveira (2019).

As entrevistas também evidenciaram experiências de resistência linguística e cultural por parte de professores indígenas que, mesmo com dificuldades estruturais, buscam inserir conteúdos em Ticuna nas aulas, desenvolvem projetos pedagógicos bilíngues e engajar os alunos na produção de narrativas orais e escritas em sua língua materna. Essa postura ativa dos educadores reflete o que Santos Luciano (2017) chama de “protagonismo epistêmico indígena”, ou seja, a capacidade das comunidades de defenderem seus próprios modos de ensinar, aprender e se expressar, mesmo diante das imposições externas. Vários entrevistados defenderam que a escola deve ser não apenas um espaço de ensino do português, mas também um lugar de fortalecimento da língua e da cultura Ticuna, desde que haja apoio institucional e materiais didáticos adequados. Essa percepção foi acompanhada de relatos sobre o papel das famílias e da escola na transmissão da língua, com

destaque para a valorização das práticas orais tradicionais, como as histórias míticas, os cantos cerimoniais e as conversas com os mais velhos como formas eficazes de manter viva a língua no cotidiano.

Além das falas mais políticas, as entrevistas trouxeram elementos emocionais e simbólicos sobre o vínculo afetivo com a língua. Para praticamente todos os entrevistados, falar Ticuna é uma forma de honrar os antepassados, de manter viva a memória do povo e de ensinar às novas gerações o valor da coletividade e do respeito à natureza. Essas dimensões subjetivas, muitas vezes negligenciadas por abordagens quantitativas, foram captadas com profundidade graças à natureza dialógica e relacional das entrevistas, que permitiram aos participantes expressar suas vivências em seus próprios termos.

Portanto, as entrevistas semiestruturadas revelaram-se não apenas uma técnica de coleta de dados, mas um momento privilegiado de escuta e de construção compartilhada de conhecimento, contribuindo de maneira decisiva para a compreensão da complexidade do contato linguístico na comunidade Vila Betânia e para a formulação de propostas sensíveis à realidade sociocultural dos povos Ticuna.

#### 4.3 Características Linguísticas da Língua Ticuna

A língua Ticuna é classificada como pertencente a uma família linguística isolada, o que significa que, até o presente momento, não foi comprovada sua relação genética com nenhuma outra língua indígena das Américas. Essa classificação confere ao Ticuna um lugar de destaque entre as línguas indígenas do continente, tanto do ponto de vista tipológico quanto histórico. Falada majoritariamente pelos povos Ticuna da região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, bem como em territórios limítrofes da Colômbia e do Peru, a língua Ticuna permanece viva e amplamente utilizada em diferentes contextos sociais.

Os dados demográficos mais recentes, ver tabela 3, reforçam a relevância desse cenário. De acordo com o Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população indígena no Brasil atingiu 1.694.836 pessoas, representando um crescimento expressivo em relação aos censos anteriores. Um dado particularmente significativo é que, pela primeira vez, a maioria

da população indígena passou a residir em áreas urbanas (53,97%), enquanto 46,03% permanece em áreas rurais. Essa mudança no perfil de residência intensifica os contextos de contato linguístico e amplia a exposição das línguas indígenas — entre elas o Ticuna — à língua portuguesa, especialmente nos espaços institucionais, escolares e administrativos.

No caso específico do povo Ticuna, estudos como o de Felipe (2018) indicam que mais de 40 mil pessoas utilizam a língua Ticuna em contextos cotidianos, o que a coloca entre as línguas indígenas com maior número de falantes no Brasil. Esse dado evidencia uma importante forma de resistência sociolinguística frente aos processos históricos de colonização, evangelização e escolarização forçada em língua portuguesa. Contudo, o avanço da urbanização indígena, evidenciado pelo Censo 2022, aponta para novos desafios no que se refere à manutenção linguística, à transmissão intergeracional e à garantia de políticas públicas que assegurem o uso e a valorização do Ticuna tanto em contextos rurais quanto urbanos.

**Tabela 3** – População indígena

<b>Ano do Censo</b>	<b>População Indígena Total</b>	<b>População Indígena Urbana</b>	<b>População Indígena Rural</b>
<b>1991</b>	294.131	71.026	223.105
<b>2000</b>	734.127	383.298	350.829
<b>2010</b>	817.963	324.834 (36,22%)	502.783
<b>2022</b>	<b>1.694.836</b>	<b>914.746 (53,97%)</b>	<b>780.090 (46,03%)</b>

Fonte: IBGE, 2010; 2020; FELIPE, 2018.

A origem da língua Ticuna, embora ainda cercada de lacunas arqueológicas e etno-históricas, está ligada a um longo processo de ocupação do território amazônico por grupos que desenvolveram formas altamente sofisticadas de interação com a natureza e de transmissão oral do conhecimento. Estudos linguísticos apontam que a língua apresenta traços altamente diferenciados em comparação com outras línguas indígenas da região, especialmente no que se refere à sua estrutura tonal, à morfologia aglutinante e ao uso extensivo de pronomes classificadores que indicam gênero, número e localização no espaço (Carvalho, 2015). Esses traços tornam a língua Ticuna não apenas distinta, mas

extremamente rica para a análise linguística, exigindo uma escuta especializada e um conhecimento cultural profundo para sua compreensão e documentação.

A condição de língua isolada fortalece o argumento de que o Ticuna constitui um patrimônio linguístico singular e de alto valor científico e cultural. A ausência de parentesco linguístico conhecido com outras línguas indígenas reflete um processo autônomo de desenvolvimento linguístico, o que reforça a importância de sua preservação. Para Santos (2022), a singularidade da língua Ticuna deve ser reconhecida não apenas como objeto de estudo, mas como expressão de uma cosmovisão própria, cuja complexidade se manifesta em todos os aspectos da vida social, espiritual e territorial dos Ticuna. Nesse sentido, estudar a origem e a classificação da língua é também um ato de reconhecimento da diversidade epistemológica dos povos indígenas, muitas vezes invisibilizada por narrativas homogêneas da história nacional.

Apesar da vitalidade atual da língua, seu *status* como idioma isolado e historicamente marginalizado a coloca em posição desafiadora frente ao avanço do português como língua de escolarização, institucionalização e comunicação interétnica. Essa tensão entre isolamento linguístico e exposição social é central para os debates sobre política linguística e educação bilíngue, que precisam considerar não apenas o número de falantes, mas a complexidade estrutural, o enraizamento territorial e o valor simbólico da língua para seus usuários. Reconhecer a origem isolada da língua Ticuna é, portanto, um passo fundamental para compreendê-la em toda sua profundidade, garantindo que sua especificidade seja respeitada, valorizada e transmitida às futuras gerações como parte inalienável do patrimônio imaterial brasileiro (Almeida, 2015).

Além disso, a fonologia da língua Ticuna é uma de suas características mais complexas e distintivas, especialmente por apresentar um sistema tonal altamente desenvolvido, que a diferencia de maneira significativa do português e da maioria das línguas indígenas brasileiras. O sistema tonal da língua Ticuna utiliza variações de altura na entoação das sílabas para distinguir significados lexicais e gramaticais, ou seja, a entonação não é apenas um recurso expressivo, mas um traço estrutural obrigatório. Essa marca tonal pode alterar completamente o significado de uma palavra, mesmo que sua forma segmental, isto é, a sequência de consoantes e vogais, permaneça a mesma. Conforme aponta Carvalho (2017), a língua Ticuna possui pelo menos três tons fonêmicos principais: alto, médio e baixo, que se

combinam de forma complexa e imprevisível em diferentes contextos lexicais e morfossintáticos, o que exige domínio preciso por parte dos falantes nativos.

Essa tonalidade não é percebida de forma intuitiva por falantes de línguas não tonais, como o português, o que pode gerar dificuldades na aprendizagem por parte de professores não indígenas ou alunos Ticuna expostos prioritariamente ao português desde a infância. A tonalidade, na língua Ticuna, opera tanto em unidades isoladas quanto em sequências sintagmáticas, afetando não só o vocabulário, mas também a gramática. Por exemplo, a marcação de pluralidade, pronomes e formas verbais pode estar condicionada ao uso correto dos tons. Bortoni-Ricardo (2004) observa que sistemas tonais como o do Ticuna representam um desafio significativo para as propostas de educação bilíngue, pois a grafia e a leitura em línguas tonais exigem práticas fonológicas específicas que nem sempre estão presentes nas formações convencionais de professores.

O inventário fonêmico da língua Ticuna também apresenta particularidades relevantes. Além de tons, há uma presença de fonemas glotais e nasais com funções contrastivas, além de vogais orais (a e i o u), nasais (ã ã ĩ õ ũ ü) e laríngicas (a' e' i' o' u' ü) que participam ativamente na construção do significado das palavras.

**Tabela 4** – Exemplos de palavras com vogais orais, nasais e laríngicas

Orais	Nasais	Laríngicas
Arawiri = sardinha	Ãtape = cobra	A'wü = espécie de sapo
Eta = paxiuba	Ënũ = camarão	E'e = sujo
Irimawa = limão	ĩcũ = tatu	l'ra = pequeno
Otere = sapota	Õmi = lagarta	O'wü = breu
Ui = farinha	ũĩ = anum (pássaro)	U'cawe = besouro
	ũca = rato	Ü'acũ = sol

Fonte: Jose Santos, 2025

A nasalidade está muito presente no diálogo ticuna, nesse caso, não é um simples traço fonético, mas desempenha papel fonêmico, ou seja, sua presença ou ausência altera o significado de uma palavra, exemplo (ĩpata = casa; i'pata = casa pequena). O sistema consonantal, embora relativamente reduzido, apresenta combinações com vogais que, em conjunto com a entonação tonal, resultam em uma fonologia rica e sutil. Como aponta Santos (2022), o domínio do sistema fonológico Ticuna requer uma percepção auditiva refinada e uma prática constante

com os padrões tonais da língua, sendo por isso uma das áreas mais sensíveis à interferência do português, cuja entonação não é fonêmica.

A presença do português no cotidiano da comunidade Vila Betânia tem produzido pequena influência perceptível na fonologia Ticuna, especialmente entre as gerações mais jovens. Em algumas situações, observa-se a perda de distinções tonais, a substituição de sons específicos por aproximações fonéticas e até na grafia do português, e a simplificação de padrões entoacionais.

**Tabela 5** – Exemplos de palavras com aproximações na fonética e na grafia do português

Palavras em ticuna, usados pelos antigos em Vila Betânia	Palavras com aproximação na fonética e na grafia do português, usadas por jovens atualmente em Vila Betânia	Palavras em português
Cumana	Feyãũ	Feijão
Pe'ru	Panera	Panela
Nguepata	Eicora	Escola
Ngueẽẽruũ	Prufetchura	Professora
Nho'õ	Caitanha	Castanha

Fonte: Jose Santos, 2025

Esse fenômeno, já documentado em outras comunidades Ticuna por Cazuya (2021), pode levar à redução da inteligibilidade da fala entre gerações, dificultando a comunicação com os anciãos e comprometendo a transmissão precisa do vocabulário tradicional e dos cantos cerimoniais. Muitos desses cantos, baseados em padrões tonais fixos, dependem da preservação fonológica para manter seus significados espirituais e históricos, o que torna o enfraquecimento da prática de tonalidade uma consternação para a cultura como um todo.

A morfologia e a estrutura gramatical da língua Ticuna revelam uma organização linguística profundamente distinta da lógica gramatical do português, apresentando traços característicos de uma língua aglutinante, em que as palavras são compostas por diversos morfemas que se combinam para expressar significados complexos. Na língua Ticuna, os verbos, substantivos, pronomes e marcadores discursivos são carregados de informações gramaticais que, em português, exigiriam sentenças inteiras. Essa estrutura permite a condensação de ideias em uma única unidade lexical, na qual o sujeito, o tempo verbal, a negação, o aspecto e o objeto podem estar incorporados em uma só palavra. Segundo Carvalho (2015), essa riqueza morfológica é um dos aspectos que torna a língua Ticuna altamente funcional e expressiva, ao mesmo tempo em que apresenta desafios significativos à aprendizagem por falantes não nativos.

A morfologia verbal da língua Ticuna é particularmente complexa, com flexões que indicam não apenas o tempo e o aspecto, mas também a modalidade e a evidencialidade, ou seja, a forma como o falante teve acesso à informação (se por observação direta, dedução, ou relato de terceiros). Além disso, a língua apresenta



marcadores pronominais obrigatórios que concordam com o sujeito e, em certos casos, com o objeto da oração, configurando um sistema pronominal altamente desenvolvido. A posição desses pronomes e marcadores na estrutura da sentença segue regras próprias da língua, que muitas vezes não coincidem com a ordem sujeito-verbo-objeto do português. Como observa Bortoni-Ricardo (2004), o contato prolongado com o português pode provocar alterações sutis, mas persistentes, na gramática das línguas indígenas, como a simplificação de flexões verbais e a mudança na ordem dos constituintes da frase.

Do ponto de vista nominal, a língua Ticuna apresenta classificadores que acompanham os substantivos e fornecem informações sobre forma, consistência, posição ou função dos objetos referidos. Esses classificadores são parte integrante da língua e carregam significados culturais específicos, como a distinção entre objetos alongados, redondos, líquidos ou espirituais. O uso adequado dos classificadores exige conhecimento não apenas gramatical, mas também cosmológico, pois estão associados à forma como o povo Ticuna organiza e interpreta o mundo. Santos (2022) destaca que a morfologia da língua Ticuna não pode ser compreendida de forma isolada da cultura que a sustenta, uma vez que as formas gramaticais estão entrelaçadas à visão de mundo, às práticas sociais e aos saberes ancestrais.

A tabela a seguir fornece exemplos de classificadores nominais da língua ticuna, organizados pela forma linguística, função linguística e tradução aproximada no português.

**Tabela 6** – Exemplos de Classificadores Nominais da Língua Ticuna

<b>Classificador (forma em Ticuna)</b>	<b>Substantivo acompanhado</b>	<b>Glossário / Função semântica</b>	<b>Tradução aproximada para o português</b>
wa	ĩpata-wa (ĩpata = casa)	Lugar / local (refere-se a um determinado local).	Lá em / Lá no
Cü	Bu-cü (Bu = criança)	Refere-se a criança do sexo masculino.	Menino / Criança (masculino)
Gü	Nguepata-gü	Determina o plural	Escolas

	(Nguetapa = escola)		
Ra	Natcha-ra (Natcha = massa)	Refere-se qualquer tipo de massa.	Massa de / Massa do

Fonte: Jose Santos, 2025

A gramática Ticuna também se caracteriza pelo uso de partículas modais e conectores discursivos que organizam o discurso de forma muito diferente do português. Essas partículas funcionam como marcadores de foco, ênfase, contraste e direção argumentativa, sendo essenciais para a construção de sentidos em narrativas orais e interações cotidianas. A ausência de equivalentes diretos no português para muitos desses elementos linguísticos torna a tradução e o ensino da língua Ticuna uma tarefa desafiadora, que requer abordagens pedagógicas sensíveis às suas especificidades estruturais. Oliveira (2019) salienta que o desconhecimento desses elementos por parte de educadores não indígenas contribui para a invisibilização das estruturas gramaticais Ticuna no contexto escolar, reforçando a hegemonia do português e dificultando a construção de um currículo realmente bilíngue e intercultural.

A tabela abaixo fornece exemplos de partículas modais e conectores discursivos que organizam o discurso de forma muito diferente do português. Os exemplos são organizados nessa tabela conforme sua forma linguística, função discursiva e tradução aproximada para o português.

**Tabela 7** – Exemplos de Partículas Modais e Conectores Discursivos da Língua Ticuna

Forma em Ticuna	Tipo (partícula modal / conector discursivo)	Glossário / Função discursiva	Tradução aproximada para o português
Ta	Partícula Modal (Enfática)	Ngetaũ ta	“Vai sim...”, “Vamos também...”, “Também queremos...”.
Gu	Partícula Modal (Evidencial)	Nũũ i u gu	"Dizem que...", "Ouvi dizer que...", "Parece que...".

Nü	Conector Discursivo (Marcador)	Yica nü	"Depois de...", "Falando de..."
ta	Partícula Modal (Epistêmica)	Cua ta	"Será?", "Talvez", "Quem sabe?"
ũtchi	Partícula Modal (Enfática)	Aica ũtchi	"Mesmo", Verdadeiramente, "Com certeza", "Realmente".

Fonte: Jose Santos, 2025

Na prática, a convivência entre a gramática Ticuna e a gramática do português na comunidade Vila Betânia tem gerado fenômenos de simplificação e fusão morfológica, sobretudo entre as crianças e jovens que têm o português como principal língua de escolarização. Há registros de omissão de classificadores, uso incorreto de pronomes e substituição de partículas discursivas por expressões do português, o que compromete a integridade gramatical da língua e evidencia a necessidade de ações pedagógicas voltadas à valorização da morfologia Ticuna. A preservação da estrutura gramatical da língua não é apenas uma questão linguística, mas uma forma de manter vivo o pensamento, a lógica e os modos de expressão próprios de um povo. Proteger essa estrutura é, portanto, um ato de resistência cultural e um compromisso ético com a diversidade linguística e epistemológica do Brasil.

#### 4.4 Preservação da Língua e Desafios Enfrentados

As iniciativas comunitárias e escolares de valorização da língua Ticuna na comunidade de Vila Betânia têm desempenhado um papel essencial na preservação para a vitalidade do idioma, demonstrando o protagonismo dos próprios falantes na defesa de sua identidade linguística e cultural. Em um contexto marcado pela presença do português como língua de instrução e de prestígio, a atuação de professores indígenas, lideranças comunitárias, anciãos e jovens tem sido decisiva para assegurar que a língua Ticuna continue sendo usada, ensinada e respeitada. As escolas municipais indígenas da comunidade, como a Monte Sinai, a Ngewane, a Metacü e a Escola Estadual Dom Pedro I, vêm desenvolvendo projetos pedagógicos bilíngues que buscam articular os saberes tradicionais com os conteúdos escolares

exigidos pelos órgãos oficiais, respeitando a língua Ticuna como veículo legítimo de ensino e aprendizado. Segundo Santos Luciano (2017), a construção de um currículo intercultural requer o envolvimento direto da comunidade e o reconhecimento dos modos próprios de ensinar e aprender dos povos indígenas, o que implica valorizar a oralidade, os rituais, os cantos e as narrativas como fontes de conhecimento.

Entre as ações mais significativas observadas em Vila Betânia, destaca-se o uso da língua ticuna em todas as situações de diálogo principalmente quando não há presença de pessoas não indígenas, seja em diálogos formais, conversas informais, na realização de eventos, na contação de histórias, nas quais os anciãos são detentores do conhecimento e compartilham sobre mitos, cantos e ensinamentos com os jovens e até nas escolas quando convidados. Esses momentos não apenas reforçam a importância da oralidade como prática educativa, mas também criam pontes entre gerações, fortalecendo os laços comunitários e reafirmando o valor da língua como herança viva. A produção de materiais didáticos bilíngues, como cartilhas, glossários, jogos pedagógicos e livros ilustrados, é outra estratégia adotada por professores indígenas da comunidade, que buscam formas criativas de aproximar os estudantes da língua Ticuna no ambiente escolar. Oliveira (2019) aponta que a ausência de materiais adequados foi, por muito tempo, uma barreira para o ensino da língua nas escolas, mas que iniciativas locais de criação coletiva de conteúdos vêm superando esse desafio e contribuindo para uma educação mais contextualizada.

Além do ambiente escolar, a comunidade também promove eventos culturais que têm a língua Ticuna como eixo central, como festivais de cantos tradicionais, apresentações teatrais bilíngues, concursos de danças e de poesia em Ticuna, além de celebrações religiosas com a participação dos jovens. Essas atividades reforçam a presença da língua em espaços públicos, rompendo com a ideia de que o Ticuna deve estar restrito ao ambiente doméstico ou cerimonial. Conforme destaca Cazuya (2021), a presença visível da língua em eventos comunitários e escolares tem impacto direto nas atitudes linguísticas dos jovens, que passam a perceber sua língua materna como uma fonte de orgulho e de pertencimento coletivo.

A atuação dos professores indígenas é outro pilar dessas iniciativas. Muitos deles se formaram em cursos de magistério indígena e alguns em licenciatura intercultural e vêm desenvolvendo propostas pedagógicas que valorizam a língua

Ticuna como meio de instrução e como conteúdo a ser ensinado. A formação de professores bilíngues é, como argumenta Bortoni-Ricardo (2004), um dos fatores mais importantes para garantir a continuidade linguística em contextos de contato, pois possibilita o fortalecimento das competências linguísticas e pedagógicas necessárias para atuar em ambientes multilíngues e multiculturais. Em Vila Betânia, os professores indígenas atuam não apenas como mediadores do conhecimento, mas como agentes culturais comprometidos com a proteção e a difusão da língua Ticuna.

Essas iniciativas, embora enfrentem limitações estruturais e políticas, revelam a força da comunidade em resistir ao enfraquecimento linguístico e em afirmar sua identidade por meio da educação. Elas demonstram que a preservação da língua Ticuna não depende exclusivamente do Estado, mas da mobilização dos próprios falantes, que reconhecem na escola e na cultura os principais territórios de resistência e transformação. Valorizar essas ações é reconhecer que a língua é muito mais do que um código: é um modo de ser, de pensar e de viver que precisa ser protegido com máximo respeito.

A supremacia da língua Ticuna enfrenta, na comunidade de Vila Betânia, alguns desafios que se manifestam tanto de forma externa quanto interna, revelando um cenário de tensões sociolinguísticas que preocupa a totalidade da predominância do idioma. Entre os desafios externos mais evidentes está a presença hegemônica da língua portuguesa, imposta historicamente como língua de instrução escolar, de atendimento institucional e de comunicação interétnica. A inserção da comunidade em contextos formais, como os sistemas de educação e saúde, exige o domínio do português, o que reforça a sua posição de prestígio e utilidade prática em detrimento do Ticuna. Como destaca Carvalho (2017), o português é socialmente percebido como a língua do progresso, da escolarização e das oportunidades, enquanto o Ticuna é frequentemente relegado aos domínios familiares e cerimoniais, perdendo espaço nas esferas públicas e oficiais.

Essa suposta “valorização” do português está ligada a um processo histórico de colonização linguística e exclusão cultural, no qual as línguas indígenas foram por muito tempo associadas à inferioridade e ao atraso. Mesmo com os avanços legais e políticos das últimas décadas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012), o português continua exercendo forte pressão sobre os jovens falantes, que muitas vezes internalizam a ideia de que

sua língua materna é inadequada ou indesejável fora do contexto comunitário. Essa atitude resulta em um uso cada vez frequente do português, sobretudo entre os adolescentes que circulam entre a aldeia e os centros urbanos, como Santo Antônio do Içá e Manaus, ou que frequentam instituições de ensino médio e superior. Santos (2022) observa que esse deslocamento linguístico é silencioso, mas progressivo, revelando uma erosão das práticas linguísticas tradicionais em favor de uma adaptação às exigências do mundo exterior.

As ameaças internas também são significativas e dizem respeito às transformações sociais e culturais que ocorrem dentro da própria comunidade. A urbanização de parte da aldeia, a introdução de novas tecnologias de comunicação, a atuação de religiões cristãs que desvalorizam práticas rituais em Ticuna e a ruptura nos processos tradicionais de transmissão oral do conhecimento são fatores que afetam diretamente o uso e a valorização da língua. Em algumas famílias, o Ticuna já não é transmitido com a mesma intensidade às novas gerações, seja por conveniência, por falta de valorização cultural, ou por uma crença equivocada de que o português oferece mais vantagens aos filhos. Como aponta Oliveira (2019), o enfraquecimento da transmissão intergeracional é uma das principais causas do declínio de línguas indígenas em contextos bilíngues assimétricos.

Além disso, a ausência de políticas públicas eficazes para o fortalecimento da língua Ticuna, como a formação continuada de professores bilíngues, a produção sistemática de materiais didáticos em língua materna e o reconhecimento institucional da diversidade linguística, contribui para o aprofundamento dos desafios. Embora existam iniciativas locais de resistência, elas muitas vezes operam com poucos recursos e dependem do esforço voluntário de lideranças comunitárias e educadores verdadeiramente comprometidos. Cazuza (2021) enfatiza que a falta de apoio estrutural por parte do Estado desmobiliza as iniciativas de base e cria um ambiente de vulnerabilidade permanente para a língua Ticuna.

Outro fator que preocupa está ligado às atitudes linguísticas ambivalentes dos próprios falantes, sobretudo entre os jovens, que oscilam entre o orgulho de pertencer a um povo com história e cultura próprias e a vaidade ou constrangimento de falar uma língua estigmatizada fora do território indígena. Essa ambivalência, fruto do contato desigual com o português e da falta de reconhecimento social da língua Ticuna, pode levar a abstenção gradual do idioma, mesmo que ele ainda

esteja presente no repertório linguístico passivo das novas gerações (Santos Luciano, 2017).

Além disso, as perspectivas de superioridade da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia estão diretamente ligadas ao reconhecimento de seu valor como patrimônio imaterial e à implementação de políticas linguísticas efetivas, que articulem ações do Estado com o protagonismo da própria comunidade indígena. A supremacia de uma língua não pode ser entendida apenas como um esforço técnico de documentação ou ensino, mas como um processo político e cultural de reafirmação identitária, resistência epistemológica e transformação social. Nesse sentido, é fundamental que as políticas linguísticas voltadas aos povos indígenas no Brasil avancem do plano normativo para o plano prático, garantindo o direito à educação bilíngue e intercultural com infraestrutura adequada, formação docente contínua e produção de materiais pedagógicos em línguas indígenas. Como afirmam Oliveira, Oliveira e Petraglia (2021), o reconhecimento formal da diversidade linguística só produz efeitos reais quando é acompanhado de investimentos concretos na valorização das práticas comunicativas dos povos originários.

No caso específico da língua Ticuna, que conta com um número expressivo de falantes e uma vitalidade relativa preservada em comparação a outras línguas indígenas em situação crítica, as ações de fortalecimento ganham ainda mais relevância. A manutenção e ampliação do uso da língua dependem da criação de espaços públicos e institucionais em que o Ticuna seja não apenas tolerado, mas incentivado e promovido. Isso implica, por exemplo, em garantir que os Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas indígenas incluam a língua Ticuna como meio de instrução e não apenas como componente curricular complementar. Também exige que o Estado reconheça a legitimidade dos saberes locais e das práticas pedagógicas tradicionais, capacitando professores indígenas para atuarem de forma crítica e criativa em contextos bilíngues (Santos, 2022).

Entre as medidas de fortalecimento mais promissoras estão os projetos de documentação linguística realizada pela OGPTB (organização geral dos professores ticuna bilíngues), a tradução e a produção de materiais didático-pedagógicos em língua materna pelos professores da própria comunidade. Essas iniciativas envolvem o registro oral de narrativas tradicionais, a elaboração de dicionários e gramáticas descritivas, a gravação de cantos cerimoniais e a digitalização de materiais escolares em língua Ticuna. A documentação, quando feita de forma

participativa e respeitosa, fortalece a autoestima linguística dos falantes e contribui para a valorização da língua como objeto de estudo e símbolo de resistência cultural. Carvalho (2015) observa que tais projetos só alcançam impacto real quando são acompanhados por ações de formação e devolutiva à comunidade, garantindo que os registros sirvam como ferramenta de ensino e aprendizagem, e não apenas como acervo acadêmico.

Outro aspecto importante está relacionado ao uso das tecnologias digitais para a prática linguística. A criação de aplicativos, áudios educativos, plataformas bilíngues e conteúdos audiovisuais em língua Ticuna representa uma estratégia contemporânea e eficaz para atrair os jovens ticunas a ampliar o uso da língua para além da comunidade ou região. Essas ferramentas, quando produzidas em diálogo com os usuários indígenas, têm o potencial de renovar as formas de engajamento com a língua, incorporando os recursos da modernidade sem abrir mão das raízes culturais. Bortoni-Ricardo (2004) aponta que a revitalização depende não apenas da quantidade de falantes, mas da densidade de usos sociais e da diversidade de domínios em que a língua circula, o que torna fundamental sua presença em contextos multimídia, intergeracionais e institucionalizados.

Além disso, é essencial que as políticas linguísticas adotem uma abordagem ecolinguística, reconhecendo que as línguas indígenas estão inseridas em ecossistemas socioculturais próprios, nos quais a língua está intrinsecamente ligada ao território, ao corpo, à espiritualidade e às formas de organização social. Isso implica compreender a linguagem como parte de uma asserção maior pela autodeterminação dos povos indígenas, pela demarcação de seus territórios e pelo respeito aos seus modos de vida. Cazusa (2021) enfatiza que não basta salvar a língua se os espaços em que ela vive, os rios, as florestas, os corpos coletivos, forem destruídos ou negados. A política linguística, nesse sentido, deve ser também uma política de vida, de continuidade e de justiça social histórica.

Diante desse panorama, as afirmações de conservação da língua Ticuna em Vila Betânia são fatos, mas precisa que se reconheça a centralidade da comunidade no processo, o papel do Estado como garantidor de direitos e a importância da cultura como base de toda ação transformadora. A língua Ticuna não está ameaçada; mas por ela está em constante contato com a língua portuguesa existem alguns desafios para superá-los. E é a partir de esforços mútuos que se constrói um



futuro onde a diversidade linguística seja celebrada não como obstáculo, mas como riqueza, direito e potencialidade.

#### 4.5 Papel da Língua Ticuna na Identidade Cultural

A língua Ticuna exerce na comunidade de Vila Betânia, uma função central como marcador de pertencimento étnico e guardião da memória ancestral, sendo muito mais do que um meio de comunicação: é uma forma de existir, de nomear o mundo e de manter viva a herança cultural do povo Ticuna. Cada palavra, expressão ou canto em Ticuna carrega não apenas um significado literal, mas também referências simbólicas que ligam os falantes às suas origens, aos seus clãs, aos seus territórios e aos seus antepassados. A língua estrutura a visão de mundo da comunidade, codificando narrativas cosmogônicas, práticas espirituais, conhecimentos ambientais e valores coletivos que se transmitem por meio da oralidade intergeracional. Como destaca Felipe (2018), o idioma é um pilar da identidade coletiva Ticuna e constitui o fio que conecta as gerações passadas às futuras, preservando as histórias do povo e garantindo a continuidade dos modos de vida tradicionais.

Nas missas religiosas, nos cantos cerimoniais, nos rituais xamânicos e nas reuniões comunitárias, a língua Ticuna é utilizada de forma plena, expressando uma forma de saber que não pode ser dissociada do idioma em que é formulada. Muitas dessas práticas seriam incompreensíveis se traduzidas para o português, uma vez que a estrutura gramatical, os tons e os significados implícitos da língua Ticuna estão intimamente ligados ao seu universo cultural. Conforme observa Santos (2022), a língua atua como um território simbólico de pertencimento, através do qual os indivíduos se reconhecem como parte de um coletivo específico, diferenciado, que compartilha uma história comum e um sistema próprio de conhecimentos e crenças.

O pertencimento étnico não se define apenas pela ascendência biológica ou pela residência em território tradicional, mas pelo engajamento ativo com os elementos que constituem a cultura. Entre esses elementos, a língua é um dos mais potentes, pois delimita os contornos simbólicos da coletividade e reforça a coesão social por meio de práticas comunicativas compartilhadas. Em Vila Betânia, mesmo

os jovens que transitam com maior frequência entre o português e o Ticuna reconhecem que sua identidade está profundamente vinculada à capacidade de compreender e falar sua língua materna. Esse reconhecimento é reforçado pelos anciãos da comunidade, que frequentemente afirmam que “quem perde a língua, perde a identidade”, uma expressão que sintetiza o papel da língua como condutora da memória e da identidade do povo Ticuna (Pereira et al., 2022).

A língua Ticuna, ao atuar como marcador de pertencimento étnico e memória ancestral, não apenas identifica o indivíduo como parte do grupo, mas lhe confere dignidade histórica, legitimidade cultural e força para resistir às pressões assimilacionistas. Preservá-la é garantir a continuidade de um povo cuja existência está ancorada na palavra ancestral, palavra que orienta, educa, cura e transforma. A preservação da língua Ticuna, portanto, é inseparável da luta pela valorização da identidade indígena no Brasil e da afirmação dos direitos linguísticos dos povos originários como expressão de justiça histórica e reparação cultural (Braúlio, 2017).

A resistência cultural e o fortalecimento identitário por meio da língua Ticuna manifestam-se na comunidade de Vila Betânia como estratégias coletivas de enfrentamento às pressões homogeneizadoras impostas pelo avanço da língua portuguesa e pelas estruturas coloniais ainda presentes nas políticas públicas e nas instituições escolares. Falar Ticuna em espaços públicos, ensinar a língua às crianças, utilizá-la nos rituais e defendê-la nas instâncias educativas e políticas é, para o povo Ticuna, um ato de resistência e de afirmação de sua existência enquanto sujeito coletivo com direito à diferença. A língua torna-se, assim, uma forma de resistência epistêmica, um instrumento de reivindicação de território, de memória e de autonomia frente aos modelos excludentes da sociedade dominante. Como afirma Santos Luciano (2017), a língua indígena não é apenas um código linguístico, mas um campo simbólico de poder, através do qual os povos originários constroem e exercem sua soberania cultural.

Em um cenário de contato linguístico assimétrico, como o vivido em Vila Betânia, a escolha consciente de manter a língua Ticuna ativa e forte representa um posicionamento político estratégico diante das tentativas históricas de silenciamento e assimilação. Essa resistência não ocorre apenas em discursos ou em eventos formais, mas está presente nas ações cotidianas de famílias que priorizam a língua materna em casa, de professores indígenas que a integram às práticas pedagógicas mesmo diante de pressões institucionais, e de jovens que a utilizam em redes

sociais ou em produções artísticas como afirmação de identidade. Oliveira (2019) destaca que o uso da língua em espaços de visibilidade amplia sua valorização simbólica e contribui para reverter o processo de estigmatização linguística, criando condições para que os falantes a reconheçam como instrumento legítimo de expressão e protagonismo.

O fortalecimento identitário por meio da língua Ticuna é especialmente visível nas escolas indígenas que adotam currículos bilíngues e em eventos culturais organizados pela própria comunidade, nos quais o idioma é central para a articulação das atividades. Cazuza (2021) observa que, ao ouvir e usar sua língua em contextos pedagógicos e festivos, os estudantes indígenas desenvolvem uma autoestima positiva vinculada à sua origem, o que reforça a percepção de que sua cultura é válida, potente e digna de respeito. A língua, nesse sentido, atua como um dispositivo de formação identitária que ultrapassa os limites do conteúdo escolar e se projeta para o modo como os sujeitos indígenas se percebem e são percebidos na sociedade.

A resistência linguística também se articula a processos de documentação e revitalização promovidos por pesquisadores em conjunto com os falantes nativos, por meio da gravação de cantos tradicionais, da produção de dicionários bilíngues e da escrita de narrativas orais. Essas ações reafirmam o lugar central da língua Ticuna como guardião da história do povo e como ferramenta para construir futuros possíveis a partir de epistemologias próprias. Para Bortoni-Ricardo (2004), a resistência linguística em contextos de contato desigual é uma expressão clara de agência social, na qual os falantes reivindicam o direito de continuar falando e significando o mundo a partir de seus próprios referenciais.

Portanto, o fortalecimento identitário promovido pela língua Ticuna não pode ser separado da luta por justiça histórica e reconhecimento dos direitos linguísticos dos povos indígenas. Falar Ticuna é afirmar a continuidade de um povo que sobreviveu ao extermínio, à catequização e ao apagamento institucional. É resistir não apenas pela preservação de uma língua, mas pela dignidade de viver conforme seus próprios valores, ritmos e saberes. Nesse contexto, a língua torna-se território, memória, política e futuro, um ato contínuo de resistência cultural que pulsa em cada palavra dita, ensinada e cantada em Ticuna.

#### 4.6 Resultados da Pesquisa Etnográfica

Os resultados preliminares da pesquisa realizada na comunidade Vila Betânia revelam padrões distintos de uso da língua Ticuna e do português entre os diferentes grupos etários, evidenciando um pequeno processo de deslocamento linguístico, especialmente entre os mais jovens. A análise das respostas aos questionários sociolinguísticos, aliada às observações em campo e às entrevistas com membros da comunidade, indica que os anciãos e adultos mais velhos mantêm o uso predominante da língua Ticuna em situações cotidianas, especialmente no ambiente doméstico, nas práticas espirituais e nos rituais tradicionais. Para esses grupos, o Ticuna continua sendo a língua de maior prestígio simbólico, associada à memória ancestral, ao respeito à cultura e à identidade coletiva. Como destaca Felipe (2018), a preservação da língua entre os mais velhos está fortemente ligada à transmissão oral de saberes e valores comunitários, que não se dissociam do idioma em que são formulados.

Entre os adultos em idade produtiva, especialmente aqueles que atuam como professores, lideranças ou funcionários de instituições locais, observa-se uma alternância mais frequente entre os dois idiomas. O uso da língua Ticuna permanece central nas interações com a comunidade e com os familiares, mas o português ganha espaço em contextos escolares, administrativos e interétnicos. Esse grupo demonstra um bilinguismo funcional e consciente, utilizando as duas línguas de acordo com o interlocutor e o espaço de uso. Em muitos casos, os entrevistados relataram sentir-se obrigados a usar o português para garantir acesso a serviços públicos e para cumprir exigências institucionais, o que reforça a assimetria entre os dois idiomas no cotidiano da comunidade. Santos (2022) observa que essa convivência linguística, embora aparentemente equilibrada, tende a privilegiar o português como língua de prestígio, relegando o Ticuna a contextos privados ou cerimoniais.

O cenário mais reptante, mas não tão preocupante, porém, diz respeito ao grupo de crianças e adolescentes, cujos padrões revelam o contato mais frequente do português, mais também é nítido a fluência no uso protocolar da língua Ticuna. Todos os jovens afirmaram compreender muito bem o idioma, relataram que utilizam

com espontaneidade, especialmente em situações informais ou no ambiente familiar e comunitário. No entanto, há também relato de constrangimento em falar Ticuna em público quando há presença de muitas pessoas não indígenas, sobretudo nas escolas, onde o português é amplamente utilizado como língua de instrução. Como aponta Oliveira (2019), essa situação é reflexo da ausência de políticas educacionais eficazes para a valorização das línguas indígenas e da permanência de atitudes discriminatórias que ainda associam o português ao sucesso e à modernidade, e o Ticuna à marginalização e ao atraso.

Esses dados indicam que o bilinguismo na comunidade de Vila Betânia não se distribui de forma amplamente homogênea, mas obedece a um padrão geracional em que o Ticuna tende a se concentrar nos grupos de pessoas mais experientes, enquanto o português se torna um pouco mais frequente entre os mais jovens principalmente aqueles em que um de seus genitores não é indígena. Esse deslocamento linguístico não ocorre de maneira abrupta, mas por meio de uma série de escolhas cotidianas mediadas por fatores sociais, econômicos, institucionais e afetivos. A escola, ao não garantir efetivamente o ensino sistemático da língua Ticuna como instrumento de aprendizagem e como conteúdo curricular, contribui para reforçar esse processo. Conforme analisa Bortoni-Ricardo (2004), a manutenção de línguas minoritárias depende da existência de espaços sociais significativos de uso, especialmente na infância e na juventude, onde se constrói o hábito linguístico e a valorização identitária.

As percepções sobre a preservação da língua Ticuna, colhidas junto aos participantes da pesquisa na comunidade Vila Betânia, revelam um sentimento coletivo de preocupação, mas também de otimismo e mobilização em torno da continuidade da língua como patrimônio cultural e identitário. As entrevistas e respostas aos questionários demonstram que, embora exista o reconhecimento dos desafios impostos pelo avanço do português e pela mudança nos hábitos linguísticos das novas gerações, muitos membros da comunidade compreendem a preservação da língua como responsabilidade coletiva e veem nela um elemento central para a manutenção da cultura Ticuna. Essa consciência é especialmente forte entre os educadores, lideranças comunitárias e anciãos, que frequentemente associam a preservação da língua à proteção da memória ancestral e à transmissão de valores éticos, espirituais e territoriais. Para Felipe (2018), a língua, nesse

contexto, não é apenas meio de comunicação, mas fundamento da identidade, da história e da continuidade do povo Ticuna.

As percepções variam conforme a faixa etária e a posição social dos respondentes. Enquanto os mais velhos expressam preocupação diante do possível enfraquecimento da língua, caso as crianças deixem aos poucos de aprendê-la e utilizá-la ativamente, os jovens demonstram uma visão mais ambivalente, reconhecendo a importância simbólica da língua Ticuna, mas ressaltando a vontade de dominar a língua portuguesa para usá-la em espaços públicos ou institucionais. Os estudantes relataram que gostam de ler e escrever em Ticuna, mas que na escola não se sentem suficientemente incentivados, onde o português ainda predomina como língua de instrução e avaliação. Essa percepção está em consonância com as críticas feitas por Oliveira (2019), que aponta a ausência de políticas educacionais efetivas e o despreparo das instituições para lidar com a diversidade linguística indígena como barreiras à preservação das línguas originárias.

Apesar dessas dificuldades, as propostas comunitárias para a continuidade absoluta da língua Ticuna são múltiplas e demonstram um forte engajamento por parte da comunidade. Entre as sugestões mais recorrentes estão a ampliação do uso da língua nas escolas, com ênfase em uma educação verdadeiramente bilíngue e intercultural, a produção de materiais didáticos em Ticuna, a oferta de oficinas e cursos para jovens e adultos, e a valorização da oralidade tradicional por meio das interações na comunidade. Muitos participantes também enfatizaram sobre eventos culturais regulares na comunidade Vila Betânia em que a língua Ticuna é protagonista, como festivais de canto, congresso de jovens, peças teatrais, reuniões intercomunitárias onde os saberes tradicionais são prestigiados. Tais observações reforçam a ideia de que a língua ticuna é ser vivida e celebrada em diferentes esferas da vida comunitária e continuar existindo de forma plena. Conforme observa Cazuza (2021), a sobrevivência de uma língua está diretamente ligada à sua presença em domínios simbólicos significativos, e não apenas à quantidade de falantes.

Outro aspecto destacado nas percepções dos participantes é o papel do Estado na promoção da preservação linguística. Muitos entrevistados manifestaram a necessidade de maior apoio das secretarias de educação, do Ministério da Cultura e de instituições de ensino superior para a formação de professores indígenas, a

produção de materiais bilíngues e o reconhecimento legal da língua Ticuna como patrimônio cultural imaterial. Essa demanda por políticas públicas efetivas reflete o entendimento de que a preservação linguística não pode ser tratada como uma ação pontual, mas como um direito coletivo e uma estratégia de resistência cultural. Como afirma Santos (2022), é preciso compreender a língua como um bem comum, cuja proteção é responsabilidade tanto das comunidades quanto do Estado brasileiro, em consonância com os princípios da Constituição Federal e dos tratados internacionais sobre os direitos dos povos indígenas.

Assim, as percepções sobre a preservação da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia demonstram que, apesar das ameaças internas e externas, existe um forte compromisso com a valorização do idioma, fundamentado na consciência de seu valor simbólico, histórico e espiritual. As propostas comunitárias apontam a rota para essa supremacia linguística, desde que apoiado por políticas públicas coerentes e por prática ativa do uso da língua e saberes dos próprios falantes. Preservar a língua Ticuna é, em última instância, preservar a dignidade, a autonomia e a continuidade de um povo que resiste há séculos por meio da palavra.

As lideranças da comunidade concordam que é importante aprender a língua portuguesa, pois afinal é a língua oficial do nosso país, mas também ressaltaram que é importantíssimo não esquecer sua língua materna e sua cultura tradicional.

No entanto, a língua materna é a essência de um povo que carrega história e cultura, a língua ticuna conecta a ancestralidade, é através dela que os saberes são repassados de geração a geração e permite refletir sobre a história, a trajetória de luta e resistência e, nos possibilita valorizar essa herança herdada dos nossos guerreiros antepassados.

## 5 PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA DA LÍNGUA TICUNA EM VILA BETÂNIA

### 5.1 Contexto Sociolinguístico da Comunidade Ticuna

A situação atual do bilinguismo na comunidade Ticuna de Vila Betânia reflete uma convivência dinâmica, mas assimétrica entre a língua Ticuna e o português, marcada por processos de manutenção, adaptação e, em certos contextos, substituição linguística. A partir das observações em campo, dos dados coletados por meio de questionários sociolinguísticos e das entrevistas realizadas com moradores de diferentes faixas etárias, foi possível identificar que o Ticuna continua sendo amplamente utilizado na comunidade, especialmente entre os anciãos e adultos mais velhos, mas a língua portuguesa também está presente entre os jovens, sobretudo em contextos formais e institucionais. Esse cenário caracteriza um bilinguismo funcional, mas desequilibrado, no qual o português ocupa posições de prestígio social, associadas à escolarização, ao acesso a serviços públicos e à mobilidade urbana, enquanto o Ticuna tende a ser relegado aos espaços privados, afetivos e cerimoniais (Carvalho, 2017).

Entre os mais velhos, o Ticuna permanece como língua dominante e símbolo de pertencimento identitário. Muitos anciãos relatam que utilizam exclusivamente a língua materna em casa e em eventos culturais, como rituais religiosos e assembleias comunitárias. Já entre os adultos, observa-se uma alternância linguística mais frequente, com o uso do português em contextos escolares, religiosos ou administrativos, e do Ticuna nas interações familiares e comunitárias. Essa alternância revela não apenas uma adaptação pragmática às exigências dos diferentes contextos comunicativos, mas também a coexistência de dois sistemas simbólicos que se sobrepõem na experiência dos falantes. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2004), em situações de contato linguístico assimétrico, o bilinguismo tende a seguir padrões sociais marcados por hierarquias de prestígio e acesso ao poder, o que acaba por deslocar a língua minoritária para esferas menos valorizadas.

O grupo etário mais afetado por essa assimetria é o dos jovens e crianças. Os adolescentes afirmaram compreender e dominar a língua Ticuna, e que se sentem seguros ou confortáveis para utilizá-lo em diferentes situações, mas principalmente



dentro da escola o português ainda predomina como língua de instrução. Além disso, as crianças estão sendo alfabetizadas com carga horária maior em português e isso desenvolve menos fluência ativa em sua língua materna. Essa tendência evidencia uma possibilidade real de enfraquecimento linguístico nas próximas gerações, caso não sejam mudadas a política educacional e adotadas estratégias eficazes que favoreça fortalecimento do Ticuna em todos os domínios da vida comunitária. Como enfatiza Santos (2022), a ausência de políticas públicas voltadas para o bilinguismo indígena efetivo e a baixa valorização institucional das línguas originárias contribuem para o apagamento linguístico progressivo e silencioso.

Apesar desse quadro de vulnerabilidade, a presença ativa de educadores indígenas engajados na valorização da língua Ticuna e as iniciativas comunitárias voltadas à sua preservação demonstram que o bilinguismo em Vila Betânia ainda se configura como um espaço de resistência e de possibilidades. Os professores têm promovido o uso do Ticuna em sala de aula, elaborado materiais didáticos bilíngues e desenvolvido projetos culturais que incentivam os estudantes a reconhecerem sua língua como parte fundamental de sua identidade. Essas ações reafirmam que a continuidade do bilinguismo depende diretamente da criação de ambientes em que ambas as línguas sejam reconhecidas, respeitadas e utilizadas de maneira equilibrada (Mendonça et al., 2020).

As práticas linguísticas nos espaços sociais e institucionais da comunidade Vila Betânia revelam uma realidade marcada por contrastes entre o uso da língua Ticuna e a constante presença da língua portuguesa, refletindo os efeitos de um bilinguismo assimétrico que desafia diretamente a vitalidade da língua indígena. Em ambientes familiares e tradicionais, como a casa, os encontros comunitários, os rituais e as celebrações culturais, a língua Ticuna permanece como principal meio de comunicação e como elo identitário que conecta os falantes à sua ancestralidade. Nesses contextos, a oralidade em Ticuna é valorizada, e as formas de falar carregam significados que vão além do conteúdo verbal, envolvendo gestos, entonações e fórmulas narrativas próprias da cultura Ticuna. Como destaca Felipe (2018), esses espaços cotidianos são fundamentais para a manutenção da língua, pois é neles que ocorre a transmissão intergeracional de saberes, valores e modos de vida.

No entanto, quando se trata de espaços institucionais, como a escola, os postos de saúde e os órgãos administrativos, especialmente quando há presença de

não indígenas o uso do português tende a se sobrepor ao Ticuna, tornando-se a língua dominante. Na escola, apesar dos esforços de professores indígenas para desenvolver um ensino bilíngue, ainda predominam práticas pedagógicas centradas no português, tanto por exigência das políticas públicas quanto pela falta de materiais didáticos adequados em Ticuna. Essa predominância contribui para que muitos alunos assimilem a ideia de que o português é a “língua certa” para o aprendizado formal, enquanto o Ticuna é relegado ao status de língua doméstica ou “informal”. Segundo Oliveira (2019), essa dicotomia tem impactos profundos na formação linguística e identitária dos estudantes, que muitas vezes passam a sentir vergonha ou insegurança ao falar sua língua materna em ambientes escolares.

Atualmente nas igrejas existentes na comunidade, observa-se a adoção quase exclusiva do ticuna em cultos, leituras bíblicas e pregações, o que aumenta significativamente os espaços de uso da língua Ticuna no âmbito espiritual. Esse fenômeno contradiz uma lógica missionária que, historicamente, utilizou-se da evangelização para impor a língua portuguesa causando genocídios de línguas indígenas, com proposta de salvação e progresso. A inserção de religião em comunidades indígenas é um perigo muito grande, pois interfere na cultura e na língua materna. Cazuza (2021) aponta que essa substituição linguística nos contextos religiosos é uma das formas mais eficazes de silenciamento cultural, pois atinge diretamente os sistemas de crenças e os modos de expressão espiritual das comunidades.

No comércio local e nas feiras o ticuna é a língua de referência e em interações com órgãos públicos como sistema de saúde, quando não há presença de não indígena o ticuna também é a língua de referência, em espaços onde há presença apenas de indígena o diálogo é somente em sua língua materna. Mas quando há presença de não indígena o português é frequentemente utilizado. Isso se deve, em parte, às exigências legais e burocráticas, mas também à ausência de políticas linguísticas que reconheçam e promovam o uso da língua indígena nesses espaços. Como observa Santos (2022), a falta de presença institucional da língua Ticuna reforça sua marginalização simbólica, contribuindo para o enfraquecimento do prestígio social da língua e, conseqüentemente, para a diminuição de seu uso em contextos formais.

Apesar desse cenário, existem práticas linguísticas de resistência, especialmente por parte dos educadores, líderes comunitários e a população em

geral que utilizam o Ticuna em reuniões escolares, assembleias locais e projetos culturais. Essas iniciativas têm como objetivo ocupar os espaços institucionais com a presença da língua materna, demonstrando que o uso do Ticuna não deve se restringir à vida privada, mas deve ser legitimado também nas esferas públicas e organizacionais. Bortoni-Ricardo (2004) destaca que a vitalidade de uma língua depende, entre outros fatores, de sua visibilidade e funcionalidade em diversos domínios sociais, o que requer políticas educacionais, culturais e administrativas que favoreçam sua circulação.

As percepções sociais e políticas sobre as línguas em contato na comunidade Ticuna de Vila Betânia revelam uma complexa teia de significados que envolve sentimentos de pertencimento, prestígio, resistência e conflito simbólico. A convivência entre o Ticuna e o português, embora aparente equilíbrio em determinados contextos, carrega assimetrias que se manifestam nas atitudes dos falantes, nos discursos institucionais e nas práticas cotidianas. Em termos sociais, a língua Ticuna é amplamente reconhecida como um marcador de identidade étnica e um símbolo de continuidade cultural, sobretudo entre os mais velhos e entre os membros engajados na preservação das tradições. Muitos entrevistados da pesquisa afirmam que falar Ticuna é “ter raiz” ou “ser verdadeiro”, demonstrando o forte vínculo afetivo e espiritual que une os falantes à sua língua materna (Felipe, 2018).

No entanto, esse sentimento de valorização identitária convive com percepções desafiadoras associadas à língua Ticuna em contextos mais amplos, especialmente fora da comunidade ou em espaços institucionais. Para muitos jovens e crianças, o português é percebido como a língua do “sucesso”, da “conquista” e das “oportunidades”, sendo associada à escolarização, ao trabalho, à mobilidade e ao prestígio social. Essa visão, muitas vezes reforçada pelas práticas escolares e pelos discursos de agentes externos, leva à interiorização de sentimentos de inferiorização em relação à própria língua, provocando insegurança, constrangimento e, em alguns casos, redução do uso ativo do Ticuna. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), essas atitudes linguísticas são resultado de uma hierarquia social de línguas, em que o idioma da maioria dominante ocupa o topo e impõe seu valor simbólico aos demais, mesmo em territórios indígenas.

Do ponto de vista político, as percepções sobre o Ticuna e o português também revelam a insuficiência das políticas públicas de reconhecimento e

valorização das línguas indígenas. Embora a legislação brasileira, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012), reconheça a importância da educação bilíngue e intercultural, sua aplicação efetiva ainda é limitada e desigual. Muitos professores da comunidade relatam que faltam materiais didáticos em língua Ticuna, formação específica para o ensino bilíngue e apoio das secretarias de educação para implementar propostas pedagógicas que priorizem a valorização da língua materna. Essa ausência de políticas estruturantes reforça a ideia, entre parte dos falantes, de que a língua Ticuna está sendo “esquecida pelo governo”, o que gera desânimo e dificulta a mobilização coletiva para sua preservação (Araújo, 2015).

Nesse contexto, sobre as políticas públicas de legitimação e valorização das línguas indígenas, sobretudo em relação à educação escolar indígena, aqui no município no ano de 2020 a Câmara Municipal de Santo Antônio do Içá aprovou de autoria do vereador ticuna Teodorino Manduca Carvalho, a Lei nº 298/2020 de 08 de outubro de 2020 que, dispõe sobre a cooficialização da língua ticuna no município de Santo Antônio do Içá e proposta curricular diversificada, a ser aplicada pela rede municipal de ensino, essa lei representa um marco histórico na educação escolar indígena para o povo ticuna que vê uma luz no horizonte, mas essa conquista tão importante precisa ser fortalecida pelo poder público para que a mesma possa ser praticada em sua plenitude e corroborada por todos principalmente pelos ticunas para que não fique somente no papel.

Há uma percepção crescente, sobretudo entre os educadores indígenas e lideranças locais, de que a língua Ticuna pode e deve ser um instrumento de resistência política e afirmação cultural. A valorização da língua é vista como parte de um movimento maior de luta por direitos territoriais, autodeterminação e reconhecimento da diversidade dos povos originários. Segundo Santos (2022), essa consciência linguística crítica tem sido fundamental para o surgimento de projetos comunitários de revitalização linguística e de fortalecimento do protagonismo indígena nas decisões sobre a educação e a cultura. A língua, nesse sentido, é percebida não apenas como um bem simbólico, mas como um direito coletivo e um elemento estratégico na construção de autonomia.

Portanto, as percepções sociais e políticas sobre as línguas em contato em Vila Betânia revelam um campo de disputa constante, em que o Ticuna é simultaneamente valorizado e desafiado, reconhecido como essencial à identidade,

mas um pouco enfraquecido pela falta de políticas eficazes e pelo prestígio do português. Compreender essas percepções é fundamental para orientar ações de preservação linguística que partam das necessidades e expectativas da própria comunidade, garantindo que a língua Ticuna continue a ser não apenas falada, mas também respeitada como ferramenta de dignidade, resistência e transformação.

## 5.2 Variação Linguística e Fatores Socioculturais

A variação linguística observada na comunidade Ticuna de Vila Betânia reflete a riqueza e a complexidade de usos da língua Ticuna em articulação com os diferentes contextos socioculturais vivenciados pelos seus falantes. Quase que homogênea, a língua apresenta pequenas variações marcadas por fatores como idade, nível de escolarização, ocupação, mobilidade geográfica e exposição ao português, resultando em uma diversidade de formas de falar que coexistem dentro da mesma comunidade. Tais variações não indicam empobrecimento da língua, mas sim sua dinâmica e capacidade de adaptação às mudanças sociais, como destaca Bortoni-Ricardo (2004), ao afirmar que toda língua viva está sujeita a processos naturais de variação conforme o perfil dos falantes e os contextos de uso.

Entre os anciãos, a língua Ticuna é falada com maior proximidade da norma tradicional, conservando estruturas gramaticais complexas, vocabulário ritualístico e padrões fonológicos originais, especialmente os sistemas tonais e os marcadores classificatórios. Esses falantes, em geral, têm pouca ou nenhuma escolarização formal em português e vivem intensamente os valores culturais e espirituais da comunidade. No entanto, os jovens e crianças apresentam uma pequena variedade mais influenciada pelo português, marcada pela alternância de códigos, omissão de marcas tonais, simplificação morfológica e, em alguns casos, substituições lexicais. Essa diferença geracional é uma das mais acentuadas na variação linguística da comunidade e aponta para um processo em curso de deslocamento linguístico, como já identificado por Carvalho (2017) em outras comunidades Ticuna.

Além da geração, o gênero também exerce influência sobre os modos de uso da língua. As mulheres, especialmente as mais velhas e aquelas que atuam como educadoras ou mantenedoras das tradições orais, tendem a utilizar o Ticuna com maiores domínios comunicativos. Já os homens, em virtude de maior inserção no

comércio, nas instituições formais e em atividades urbanas, apresentam uso um pouco mais frequente do português, refletindo a pressão externa sobre a linguagem. Esse fator está diretamente relacionado à divisão de papéis sociais na comunidade, em que as mulheres exercem papel central na transmissão da língua e da cultura dentro dos espaços familiares e educativos, conforme aponta Santos (2022).

Outro elemento relevante da variação linguística diz respeito ao contexto de uso. Em situações formais em que o português está presente quando há presença de não indígenas, como reuniões escolares, celebrações religiosas ou eventos políticos e esportivos, há uma tendência de uso do português, mesmo por falantes fluentes em Ticuna. Já em contextos íntimos, como nas interações familiares, em momentos de lazer e nas práticas espirituais, prevalece o uso pleno da língua Ticuna, ainda que com variações nos registros. Essa adaptação linguística aos contextos também evidencia o bilinguismo funcional da comunidade, ainda que permeado por tensões simbólicas e hierarquias de prestígio, nas quais o português é associado à escolarização e ao progresso, enquanto o Ticuna é, por vezes, limitado a espaços considerados tradicionais ou informais (Oliveira, 2019).

A variação também se manifesta entre falantes que migraram temporariamente para centros urbanos e retornaram à comunidade, trazendo consigo traços do português urbano que influenciam sua forma de falar Ticuna. Essa realidade de circularidade entre aldeia e cidade tem gerado um fenômeno de hibridização linguística, no qual os falantes passam a construir discursos bilíngues marcados por interferências recíprocas entre os dois idiomas. Embora esse fenômeno possa ser interpretado como ameaça à integridade da língua indígena, ele também pode ser visto como uma estratégia adaptativa e criativa dos falantes, que buscam se afirmar em múltiplos contextos de pertencimento (Silva Filho, 2020).

Assim, a variação linguística na comunidade de Vila Betânia deve ser compreendida à luz dos fatores socioculturais que moldam as práticas de fala, reconhecendo que a diversidade interna da língua Ticuna é reflexo de sua vitalidade, mas também dos desafios impostos pelas desigualdades sociolinguísticas e pela presença do português. Entender essa variação é essencial para a formulação de políticas linguísticas e educacionais que respeitem as formas legítimas de expressão dos falantes e que fortaleçam a língua em sua pluralidade, reconhecendo que sua preservação passa, necessariamente, pela valorização de todas as suas vozes.

### 5.3 Língua Ticuna e Relações de Poder

A relação entre a língua Ticuna e as estruturas de poder na comunidade de Vila Betânia evidencia os efeitos da desigualdade linguística em contextos de contato, nos quais línguas originárias são historicamente colocadas em posição de subalternidade frente à língua dominante, neste caso, o português. A língua Ticuna, embora reconhecida internamente como um importante marcador de identidade cultural e veículo de saberes ancestrais, enfrenta, fora da comunidade ou em instituições oficiais, um ambiente simbólico e político que a deslegitima, reduzindo seu uso a espaços informais e negando-lhe o mesmo prestígio conferido à língua nacional. Essa desvalorização está diretamente relacionada a dinâmicas coloniais ainda presentes nas práticas estatais e educacionais, que privilegiam a homogeneização linguística em detrimento da diversidade. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), o poder simbólico das línguas se constrói historicamente, e no caso das línguas indígenas, ele se estrutura a partir de um processo de silenciamento imposto por instituições religiosas, escolares e administrativas.

Na comunidade, as relações de poder são evidenciadas pelo fato de que o português está presente em praticamente todos os trâmites burocráticos, como atendimentos de saúde, eventos oficiais, atividades escolares e acesso a benefícios sociais. O domínio do português torna-se, assim, uma ferramenta de inclusão nos sistemas oficiais, enquanto o Ticuna é limitado a contextos locais e familiares, sendo raramente reconhecido como legítimo pelos agentes externos. Isso gera uma assimetria linguística que afeta diretamente os falantes monolíngues Ticuna, especialmente os idosos, que muitas vezes enfrentam barreiras no acesso a direitos básicos por não dominarem o português. Santos (2022) ressalta que a ausência de políticas linguísticas inclusivas reforça a marginalização das línguas indígenas e perpetua um ciclo de exclusão que vai além do idioma, alcançando a negação de cidadania plena aos povos originários.

Na escola, esse desequilíbrio de poder também se expressa. Embora as diretrizes da educação escolar indígena prevejam o uso da língua materna como meio de ensino e aprendizado (Brasil, 2012), o que se observa na prática é a hegemonia do português como língua de avaliação, de currículo e de legitimação do conhecimento. A língua Ticuna, também está presente, mas muitas vezes de forma periférica, tratado como conteúdo complementar ou restrito à oralidade. Essa

configuração impõe aos estudantes Ticuna a necessidade de adaptar-se à lógica linguística ocidental, desvalorizando sua língua de origem e contribuindo para o enfraquecimento de sua autoestima linguística. Oliveira (2019) afirma que a imposição do português como única língua válida no espaço escolar é uma forma de violência simbólica que impacta diretamente o desempenho, o pertencimento e o bem-estar dos alunos indígenas.

No campo político do município, a sub-representação da língua Ticuna em instâncias decisórias também revela seu lugar marginalizado nas esferas de poder. As reuniões com gestores, as audiências públicas e os espaços de formulação de políticas não contam com tradução ou reconhecimento da língua Ticuna, o que impede que os próprios falantes participem plenamente dos processos que dizem respeito à sua vida e ao seu território. Essa exclusão reforça o controle do Estado sobre as vozes indígenas, invisibilizando suas demandas e desestimulando a participação política efetiva. Cazuya (2021) observa que a língua não é apenas meio de expressão, mas também instrumento de ação política, e sua exclusão dos espaços de decisão compromete a autonomia dos povos indígenas e o exercício de sua autodeterminação.

Apesar desse cenário de desigualdade, a comunidade de Vila Betânia vem demonstrando formas de resistência e de reversão parcial dessas relações de poder. Professores, lideranças e agentes culturais vêm promovendo a inserção da língua Ticuna em projetos pedagógicos, em eventos públicos e em processos de documentação linguística, buscando legitimar o idioma não apenas no plano simbólico, mas também no institucional. Essas ações apontam para a possibilidade de reverter, ao menos parcialmente, a subordinação da língua Ticuna às estruturas de poder dominantes, abrindo caminho para sua valorização como língua de saber, de gestão e de cidadania (Alcântara Ferreira; Zitokoski, 2017).

Assim, a relação entre a língua Ticuna e o poder é marcada por uma assimetria histórica, mas também por tensões e resistências que desafiam as estruturas impostas. Compreender essa relação é fundamental para propor políticas públicas verdadeiramente interculturais, capazes de garantir o direito linguístico como parte integrante da justiça social e do reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos plenos de direitos.



#### 5.4 A Língua Ticuna no Ensino e na Educação Formal

A presença da língua Ticuna no ensino e na educação formal na comunidade de Vila Betânia é marcada por tensões entre os princípios legais que regem a educação escolar indígena no Brasil e a realidade prática vivida nas instituições locais. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012) prevejam a utilização da língua materna como meio de instrução e como disciplina a ser ensinada, o que se observa, na prática, é a hegemonia do português como língua principal do processo educativo. Esse predomínio ocorre não apenas nas avaliações e conteúdos didáticos, mas também nas avaliações externas, na formação de professores, nos materiais pedagógicos disponíveis e nas relações institucionais com os órgãos educacionais. Como destaca Oliveira (2019), a escola indígena continua, em muitos casos, a reproduzir o modelo de ensino ocidental, que privilegia o português como única língua legítima de produção e transmissão de conhecimento.

Apesar desse cenário histórico, atualmente a língua Ticuna ganhou espaços significativos nas escolas da comunidade, com o aumento de professores ticunas atuando ativamente e o engajamento desses professores comprometidos com a valorização do idioma e da cultura local. Em instituições como a Escola Municipal Indígena Monte Sinai, a Escola Municipal Indígena Metacü e a Escola Municipal Indígena Ngewane, as práticas pedagógicas bilíngues são constantes, assim como aulas de oralidade em Ticuna, produção e tradução de textos em língua materna, cantos, contação de histórias tradicionais e realização de eventos culturais que têm o idioma materno como eixo central. Essas ações demonstram que, mesmo com recursos limitados, é possível integrar a língua Ticuna ao cotidiano escolar, desde que haja vontade política, autonomia pedagógica e reconhecimento institucional. Santos Luciano (2017) argumenta que a escola indígena só cumpre verdadeiramente seu papel de instrumento de emancipação quando rompe com os padrões homogêneos da educação convencional e passa a dialogar com os modos próprios de ensinar e aprender de cada povo.

Entretanto, os desafios permanecem. Muitos professores relatam dificuldades na tradução para elaboração de planos de aula que contemplem a língua Ticuna, pois as Diretrizes Curriculares, como por exemplo, o Referencial Curricular

Amazonense RCA e a Proposta Curricular e Pedagógica PCP, são escritas em português e geralmente tem uma linguagem muito técnica, outra dificuldade é falta de livros didáticos bilíngues e escassez de formações continuadas voltadas especificamente para a realidade linguística e cultural da comunidade. A ausência de uma política de Estado que assegure o uso sistemático da língua indígena nas escolas gera insegurança pedagógica e limita a atuação docente, levando, muitas vezes, à priorização do português em função das exigências externas. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), a permanência de uma língua no ambiente escolar depende de sua legitimidade social e política; quando essa legitimidade é negada ou ignorada, a língua tende a ser substituída progressivamente, mesmo em contextos onde há número expressivo de falantes.

Além das dificuldades estruturais, há também o desafio de lidar com a atitude linguística dos alunos, muitos dos quais chegam à escola já influenciados pela ideia de que o português é a língua do futuro, da cidade e das oportunidades. Esse imaginário, construído ao longo de décadas de imposição cultural, precisa ser desconstruído por meio de práticas pedagógicas que reforcem o valor da língua Ticuna como ferramenta de conhecimento, expressão e orgulho identitário.

Embora se refira à realidade do povo Akwen, a reflexão proposta por Xerente (2018) é pertinente para compreender contextos indígenas marcados por relações assimétricas entre línguas. Ao analisar o contato entre a língua Akwen e a língua portuguesa, a autora evidencia como a associação do português ao progresso e à mobilidade social impacta negativamente a valorização das línguas indígenas no espaço escolar. Nesse sentido, suas considerações ajudam a iluminar situações semelhantes vivenciadas pela comunidade Ticuna. Assim, Xerente (2018, p. 389) enfatiza:

Apesar disso, as crianças estão aprendendo cada vez mais cedo a língua portuguesa, pois, mesmo sem sair de casa, já tem o contato com ela, através de desenhos que passam na televisão, jogos no computador, e, quando entram na escola, e se deparam com o material didático que ainda é a maior parte pautada nos moldes da educação ocidental.

A educação formal, nesse sentido, deve ser espaço de ressignificação da língua indígena, e não de seu apagamento. Projetos de valorização linguística que envolvam a comunidade, os anciãos e os saberes tradicionais podem contribuir

significativamente para mudar a percepção dos alunos sobre sua própria língua, fortalecendo o vínculo entre escola, cultura e identidade (Cazuza, 2021).

Assim, a presença da língua Ticuna na educação formal de Vila Betânia é marcada por avanços pontuais e desafios estruturais. Para que a escola cumpra seu papel de aliada na preservação e no fortalecimento da língua, é necessário um esforço conjunto entre comunidade, educadores e poder público. A língua Ticuna deve ser vista não apenas como objeto de ensino, mas como meio legítimo de transmissão de saberes e formação integral dos estudantes indígenas. Nesse contexto, a escola pode deixar de ser um instrumento de assimilação e tornar-se um território de resistência, valorização e continuidade cultural.

### 5.5 Práticas Linguísticas no Cotidiano

A inserção da língua Ticuna no ensino e na educação formal representa um dos aspectos mais desafiadores e, ao mesmo tempo, fundamentais para a valorização da identidade cultural da comunidade indígena de Vila Betânia. Apesar do reconhecimento legal do direito à educação bilíngue e intercultural, garantido por dispositivos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 2012), na prática, a língua portuguesa ainda domina o ambiente escolar. A prevalência do português nas avaliações, nos materiais didáticos e na formação de professores contribui para a marginalização da língua Ticuna como instrumento de ensino, restringindo um pouco o seu uso em sala de aula e colocando-a em momentos pontuais. Essa realidade evidencia uma assimetria linguística institucionalizada, que reforça a ideia de que o português é a língua do saber formal e da ascensão social, enquanto o Ticuna permanece confinado aos espaços domésticos e tradicionais (Lopes, 2022).

Mesmo diante dessas limitações, há esforços coletivos significativos por parte de professores e lideranças locais para promover o uso da língua Ticuna nas escolas. Gestores escolares, coordenadores e educadores indígenas, conscientes da importância da língua como elemento de afirmação cultural e resistência, desenvolvem atividades que valorizam a oralidade tradicional, a escrita em língua materna e a produção de conteúdos didáticos bilíngues. Iniciativas como tradução de textos e músicas do português para o ticuna, planos de aula em língua materna,

elaboração de vocabulários temáticos e realização de projetos pedagógicos voltados à cultura Ticuna são exemplos de práticas que buscam integrar a língua ao cotidiano escolar. Como destaca Santos Luciano (2017), essas ações não apenas fortalecem a autoestima dos alunos, como também criam um ambiente de aprendizagem mais significativo, ao conectar o conteúdo escolar às vivências da comunidade.

Nesse cenário, a produção de materiais didáticos em língua Ticuna pelos próprios professores ocupa um papel central. Entre os recursos elaborados localmente, destacam-se cartilhas de alfabetização em Ticuna, construídas a partir de palavras do cotidiano, nomes de plantas, animais e termos culturais relevantes para as aldeias. Muitos docentes também produzem livretos e cadernos de histórias tradicionais, registrados em versão bilíngue, que preservam narrativas orais transmitidas pelos mais velhos e possibilitam que as crianças tenham acesso à memória coletiva de seu povo.

Outra iniciativa recorrente é a criação de glossários temáticos — como listas de partes do corpo, unidades de parentesco, alimentos, objetos da casa e elementos da natureza — acompanhados de ilustrações feitas pelos próprios alunos ou por artistas da comunidade. Esses materiais são utilizados tanto nas aulas de língua Ticuna quanto nas atividades multidisciplinares, auxiliando a ampliar o vocabulário e a promover o uso funcional da língua em diferentes contextos.

Professores também têm desenvolvido sequências didáticas bilíngues, incluindo jogos pedagógicos, atividades de leitura e escrita, exercícios de memória e reconto de histórias, além de atividades de música e dramatização em Ticuna, que aproximam as crianças da língua de forma lúdica e afetiva. Em algumas escolas, foram produzidos ainda posters e murais temáticos para exposição nas salas de aula e nos corredores, valorizando expressões e frases do cotidiano escolar em língua materna.

Esses materiais, elaborados em diálogo com a comunidade e com o apoio dos sábios e lideranças espirituais, constituem um acervo pedagógico fundamental para o fortalecimento da língua Ticuna na escola. Ao priorizar conhecimentos próprios e promover o uso ativo da língua nas práticas escolares, os professores atuam como agentes de resistência linguística e cultural, contribuindo para que as novas gerações desenvolvam competência comunicativa em sua língua ancestral e reconheçam seu valor no mundo contemporâneo.

Figura 11 – Materiais didáticos produzidos por professores ticuna



Fonte: Jose Santos, 05/11/2025

Entretanto, a implementação de uma educação verdadeiramente bilíngue exige políticas públicas mais robustas e sensíveis à realidade local. A escassez de materiais didáticos em língua Ticuna, a ausência de formação continuada para professores indígenas e a falta de reconhecimento institucional efetivo das práticas pedagógicas diferenciadas são obstáculos recorrentes. Oliveira (2019) observa que, sem apoio efetivo do Estado, os esforços comunitários acabam sobrecarregando os educadores, que precisam improvisar recursos e lidar com exigências curriculares que muitas vezes ignoram a especificidade linguística dos alunos. Essa situação contribui para a desvalorização da língua Ticuna dentro da própria escola indígena, reproduzindo um ciclo de invisibilização que mina sua legitimidade como meio de instrução.

No entanto, as atitudes linguísticas de professores influenciam diretamente o uso da língua na educação formal. Alguns estudantes internalizam também desde cedo a ideia de que o português é necessário para “vencer na vida”, enquanto o Ticuna seria útil apenas dentro da aldeia. Essa percepção, fruto de um processo histórico de desqualificação das línguas indígenas, precisa ser combatida por meio de práticas pedagógicas eficazes que reafirmem o valor da língua materna como expressão de conhecimento, cultura e pertencimento. Cazuzu (2021) ressalta que a escola deve assumir um papel ativo na desconstrução do preconceito linguístico, promovendo atividades que estimulem o uso criativo e reflexivo da língua Ticuna, não apenas como conteúdo, mas como linguagem de ensino em todas as áreas do saber.

Portanto, a presença da língua Ticuna no ensino e na educação formal em Vila Betânia é marcada por avanços significativos, impulsionados pela resistência e dedicação dos educadores indígenas, mas também por desafios estruturais que demandam ações institucionais concretas. Para que a escola cumpra sua função de promotora da diversidade linguística e cultural, é necessário assegurar recursos, formação adequada e autonomia pedagógica aos povos indígenas. Valorizar a língua Ticuna na educação é valorizar o próprio direito dos Ticuna de serem sujeitos condutores de sua história, de sua cultura e de sua aprendizagem. É, sobretudo, um compromisso ético com a justiça linguística e com a dignidade de um povo que resiste, ensina e transforma por meio da palavra ancestral.

## 5.6 Mudanças Linguísticas e Contato com Outras Línguas

As mudanças linguísticas observadas na comunidade Ticuna de Vila Betânia são resultado direto do contato prolongado e intensificado com outras línguas, especialmente o português, que se consolidou como língua dominante nas esferas institucionais, escolares e administrativas. Esse processo de contato não ocorre de maneira neutra, mas carrega implicações profundas para a estrutura e o uso da língua Ticuna, afetando desde aspectos lexicais e fonológicos até práticas discursivas e escolhas sociolinguísticas cotidianas. A interferência do português na língua Ticuna pode ser percebida, por exemplo, na inserção de empréstimos lexicais em campos como tecnologia, administração pública e escolarização, com

adaptações fonéticas que facilitam sua incorporação ao repertório linguístico local. Segundo Carvalho (2015), esse tipo de contato é comum em contextos de bilinguismo assimétrico, nos quais uma das línguas exerce maior prestígio social e institucional, influenciando a outra em diversos níveis.

No caso da comunidade de Vila Betânia, o contato com o português também tem provocado alterações na fonologia e na morfossintaxe do Ticuna, especialmente entre as gerações mais jovens. Pode-se observar, entre algumas crianças e adolescentes a simplificação de traços tonais, que são essenciais para a distinção de significado na língua Ticuna, bem como a adoção de estruturas sintáticas mais próximas às do português, em detrimento das construções originais da língua indígena. Esse fenômeno é um indicativo do que Bortoni-Ricardo (2004) define como acomodação linguística, em que os falantes ajustam seu modo de falar às exigências de comunicação com falantes de outra língua dominante, muitas vezes de forma inconsciente, mas com efeitos cumulativos sobre a estrutura da língua materna.

Além do português, há contato também com o espanhol, pois trata-se de uma região de tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, e no entanto, existem o constante contato com ticuna que moram nesses dois países e isso implica em uma variação linguística ainda maior já que os ticunas estrangeiros principalmente peruano falam a língua ticuna com algumas diferenças léxicas do ticuna brasileiro e isso contribui para a diversidade e a mudança linguística no interior da comunidade. Em contextos de mobilidade intercomunitária, como casamentos entre ticunas brasileiros e ticunas estrangeiros, entre ticunas brasileiros e não indígenas, trocas comerciais ou participação em encontros interétnicos, os falantes Ticuna entram em contato com outros sistemas linguísticos que influenciam suas práticas de fala. Essas interações podem enriquecer o léxico, gerar novas expressões ou mesmo provocar ajustes fonológicos e sintáticos, contribuindo para o dinamismo e a pluralidade da língua. No entanto, quando tais influências se sobrepõem à língua Ticuna sem o devido equilíbrio, há o risco de erosão linguística e perda de elementos estruturais fundamentais, principalmente quando acompanhadas pela desvalorização simbólica da língua materna (Pereira; Silva, 2022).

Outro fator de mudança linguística é o uso crescente de meios digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas audiovisuais, onde o português é amplamente predominante. Muitos jovens Ticuna, ainda que falantes

ativos da língua, preferem se expressar em português principalmente na escrita nesses espaços, tanto por facilidade quanto por pressão social. Essa mudança de domínio, do uso do Ticuna em ambientes familiares para o uso do português nos espaços virtuais e públicos, altera significativamente os padrões de transmissão da língua, deslocando o Ticuna para um lugar de uso restrito e, por vezes, cerimonial. Como alerta Santos (2022), quando a língua perde sua funcionalidade cotidiana, principalmente entre os mais jovens, ela corre o risco de se tornar apenas um símbolo cultural, sem vitalidade comunicativa.

Apesar desse panorama de desafios, é importante reconhecer que a comunidade Ticuna Vila Betânia tem demonstrado formas ativas de resistência linguística, como a conservação e o uso pleno do vocabulário tradicional, a produção de materiais bilíngues, a realização de reuniões intercomunitária sobre a política linguística ticuna, a valorização dos anciãos e o fortalecimento da oralidade em projetos pedagógicos. Tais iniciativas indicam que a língua Ticuna, embora com desafios, não está em processo passivo de enfraquecimento, mas em constante negociação com as condições socioculturais impostas pelo contato com outras línguas. A mudança linguística, nesse sentido, não deve ser vista apenas como perda, mas também como expressão de criatividade e adaptação, desde que acompanhada de ações de fortalecimento e reconhecimento institucional (Santos, 2022).

Assim, as mudanças linguísticas provocadas pelo contato com outras línguas, especialmente o português, configuram um fenômeno inevitável, mas não preocupante. A língua Ticuna continua viva, forte e resistente, ainda que em transformação, e sua vitalidade dependerá da capacidade da comunidade e das políticas públicas de promoverem prestígio simbólico e transmissão intergeracional para a sua plenitude. Preservar a língua Ticuna em sua diversidade e complexidade é, portanto, preservar a história e o futuro de um povo que resiste às mudanças sem abrir mão de sua essência.



## **6 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO CONTATO DA LÍNGUA TICUNA COM A LÍNGUAS PORTUGUESA**

A análise sociolinguística do contato da língua Ticuna com a língua portuguesa na comunidade de Vila Betânia evidencia um cenário complexo de bilinguismo assimétrico, marcado por tensões históricas, sociais e culturais, cujos efeitos repercutem diretamente sobre as práticas linguísticas, as relações de poder e os processos identitários da população indígena local. O Ticuna, reconhecido pelos próprios falantes como elemento fundamental de sua identidade étnica, espiritualidade e memória coletiva, convive cotidianamente com o português, que se impõe como língua de prestígio institucional e de funcionalidade nos âmbitos da educação, da saúde, da burocracia e da mídia. Essa convivência, longe de configurar um bilinguismo equilibrado, manifesta-se por meio de processos de deslocamento linguístico, variação, interferência e, sobretudo, de reconfiguração do papel simbólico de cada língua na vida da comunidade.

Do ponto de vista da distribuição funcional das línguas, observa-se que o Ticuna permanece predominante em situações em que não há presença de não indígenas, seja em contextos afetivos e culturais, como nas interações familiares, rituais, assembleias comunitárias e atividades conduzidas por anciãos ou lideranças comunitárias, seja mesmo em determinadas interações institucionais internas à comunidade. Nesses espaços, a língua é utilizada como instrumento de socialização e de transmissão intergeracional de saberes.

Por outro lado, o português ocupa lugar central nos espaços institucionais quando há a presença de não indígenas, especialmente nas escolas e repartições públicas, sendo percebido como idioma necessário para a inserção social, o acesso a direitos e a resolução de demandas burocráticas. Essa configuração atribui ao português um status de língua de poder, associado ao progresso, à escolarização e à mobilidade social, enquanto o Ticuna tende a ser interpretado como língua da comunidade, da tradição e da intimidade doméstica.

Essa distribuição funcional desigual caracteriza uma situação de diglossia, entendida como a coexistência de duas línguas (ou variedades linguísticas) em uma mesma comunidade, às quais são atribuídas funções sociais distintas e

hierarquizadas, sendo uma associada a contextos formais e de prestígio e a outra a contextos informais e de menor valorização social. Conforme aponta Bortoni-Ricardo (2004), esse tipo de diglossia é recorrente em contextos de contato entre línguas dominantes e línguas minorizadas, podendo resultar, na ausência de políticas linguísticas ativas de valorização, em processos de enfraquecimento e erosão das línguas indígenas.

As práticas linguísticas observadas em Vila Betânia também revelam variações importantes relacionadas à idade, ao gênero e à ocupação dos falantes. Os mais velhos conservam formas linguísticas mais próximas da norma tradicional, com domínio pleno da fonologia tonal, da morfologia aglutinante e do léxico ancestral. Em contrapartida, os jovens tendem a adotar formas híbridas de comunicação, marcadas por alternância, simplificação gramatical e substituições lexicais oriundas do português. A presença da língua portuguesa entre as crianças e adolescentes é um indicativo que possibilita mudança linguística, auxiliada pela escolarização com carga majoritária do português, pela exposição midiática e pelo uso do português nos espaços públicos e digitais. Essa tendência desafia a plena proficiência linguística ativa em Ticuna, como também a continuidade dos modos tradicionais de transmissão cultural, fortemente enraizados na oralidade e na linguagem ritual.

A seguir apresentam-se exemplos ilustrativos de variação entre formas linguísticas produzidas pelos mais velhos e pelos mais jovens. Os exemplos são apresentados a partir da forma linguística produzida pelos falantes mais velhos, seguida da forma linguística produzida pelos falantes mais jovens, da observação linguística pertinente e, por fim, da tradução aproximada para o português.

**Tabela 8** – Exemplos de Variação Linguística entre Falantes Mais Velhos e Mais Jovens da Comunidade Ticuna

<b>Categoria analisada (léxico, morfologia, sintaxe, discurso)</b>	<b>Forma produzida por falantes mais velhos (Ticuna)</b>	<b>Forma produzida por falantes mais jovens (Ticuna / híbrida)</b>	<b>Glossário / Observação linguística</b>	<b>Tradução aproximada</b>
Léxico (Simplificação / Adaptação Fonológica)	Tchira'ũ	Tchacora	Refere-se à sacola de plástico que contém alças que é geralmente usado para carregar algo	Sacola

			pouco pesado; os jovens usam a palavra com aproximação do português.	
Léxico (Variação / Adaptação Fonológica)	Wii	Wüi	Representa quantidade, que equivale a uma unidade; para os jovens há uma variação linguista ou neologismo.	Um / uma
Fonologia (Simplificação / aproximação)	Wüataeruũ	Rapi	Instrumento utilizado para escrever, riscar ou desenhar; os jovens utilizam esse termo com aproximação do português.	Lápis
Léxico (Simplificação / Aproximação)	Ugütaeruũ	Liburu	Refere-se genericamente a livro; os jovens preferem o termo aproximado do português.	Livro

Além dos aspectos linguísticos propriamente ditos, o contato entre o Ticuna e o português deve ser analisado à luz das relações de poder que estruturam a sociedade brasileira e que se reproduzem nos espaços indígenas por meio da imposição de uma língua oficial como símbolo de autoridade e racionalidade. A ausência de políticas linguísticas eficazes, a escassez de materiais pedagógicos em Ticuna, a precariedade da formação docente para a educação bilíngue e a invisibilidade institucional da língua indígena refletem um projeto histórico de silenciamento cultural, que se sustenta em práticas coloniais ainda presentes nas estruturas estatais. Como ressalta Santos (2022), a negação do direito ao uso pleno da língua materna é uma forma de violência simbólica que compromete o desenvolvimento educacional, emocional e político dos povos originários.

No entanto, a análise sociolinguística não se limita à descrição dos impactos negativos do contato, mas também identifica formas de resistência e de reafirmação cultural promovidas pela própria comunidade. Projetos pedagógicos bilíngues, a valorização dos anciãos, produção de materiais educativos em Ticuna, eventos culturais e intercomunitários para mobilizações políticas em defesa do idioma são

iniciativas que demonstram ações efetivas dos falantes na construção de estratégias para continuidade da vitalidade linguística. A língua Ticuna, nesse contexto, é não apenas um objeto desafiado, mas um campo de luta, resistência e de produção de sentidos, no qual se disputa o direito de existir segundo uma lógica própria, enraizada na ancestralidade e aberta à contemporaneidade.

Dessa forma, a análise sociolinguística do contato entre o Ticuna e o português em Vila Betânia revela um campo de contradições, onde coexistem luta e resistência, desafio e superação, deslocamento e recriação. A continuidade plena da língua Ticuna dependerá, sobretudo, da capacidade da comunidade de manter vivas suas práticas linguísticas e culturais, da atuação dos educadores indígenas como agentes de transformação e da implementação de políticas públicas que reconheçam a diversidade linguística como patrimônio nacional. Em última instância, preservar o Ticuna é garantir o direito dos povos indígenas de falarem com sua própria voz, em sua própria língua, e de construírem seus próprios caminhos a partir da palavra ancestral.

## 6.1 Análise e Interpretação dos Dados Sociolinguísticos

A pesquisa teve como foco compreender a situação linguística da comunidade Vila Betânia, investigando o contato entre a língua Ticuna e o português. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico e sociolinguístico, articulando observação participante, aplicação de questionários sociolinguísticos e realização de entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade. Essa combinação de métodos permitiu capturar não apenas o uso das línguas nos diferentes contextos sociais, mas também as percepções e atitudes dos participantes em relação ao Ticuna e ao português.

O primeiro passo na análise consiste na caracterização dos **participantes**, sendo que, para esta etapa, foram considerados os(as) professores(as) atuantes na comunidade. A Tabela 9 apresenta informações sobre pertencimento étnico, faixa etária, sexo e escolaridade dos(as) participantes.

**Tabela 9** – Identificação do(a) Professor(a)

Questão	Alternativas	Frequência (n)	Percentual (%)
Pertence à etnia Ticuna?	Sim	30	100,0
Pertence à etnia Ticuna?	Não	0	0,0
Idade	18–25	0	0,0
Idade	26–35	12	40,0
Idade	36–45	11	36,7
Idade	46–55	7	23,3
Idade	56–60	0	0,0
Idade	+61	0	0,0
Sexo	Masculino	15	50,0
Sexo	Feminino	15	50,0
Escolaridade	Ensino Médio (não prof.)	18	60,0
Escolaridade	Ensino Médio (magistério)	2	6,7
Escolaridade	Ensino Superior	10	33,3

A análise dos dados revela algumas características importantes sobre o corpo docente da comunidade:

1. **Pertencimento étnico:** Todos os(as) professores(as) entrevistados(as) pertencem à etnia Ticuna, o que reforça a relevância de uma perspectiva interna na compreensão do contato linguístico e das práticas socioculturais locais.
2. **Faixa etária:** A maior parte dos(as) professores(as) encontra-se entre 26 e 45 anos (76,7%), indicando um grupo predominantemente adulto-jovem e maduro, com potencial experiência prática na comunidade, mas ainda em fase ativa de atuação pedagógica.

3. **Distribuição por sexo:** A proporção equilibrada entre homens e mulheres (50% cada) sugere diversidade de perspectivas de gênero na percepção e uso da língua Ticuna e do português.
4. **Escolaridade:** Observa-se que 60% possuem ensino médio não profissionalizante, 6,7% ensino médio com magistério e 33,3% ensino superior. Esse perfil reflete um corpo docente com formação variada, o que pode influenciar tanto as práticas pedagógicas quanto as estratégias de manutenção da língua Ticuna no contexto escolar.

Esses dados fornecem uma base sólida para compreender o contexto sociolinguístico em que o contato entre Ticuna e português ocorre, permitindo analisar como fatores como idade, escolaridade e gênero influenciam as práticas linguísticas e as atitudes em relação às duas línguas.

A Tabela 7 apresenta informações sobre o tempo de docência, a modalidade de ensino e a língua mais utilizada pelos(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia. Esses dados permitem compreender melhor como o contato entre a língua Ticuna e o português se manifesta no contexto escolar e quais fatores influenciam as práticas linguísticas.

**Tabela 7 – Atuação Profissional**

Questão	Alternativas	Frequência (n)	Percentual (%)
Tempo de docência	01–02 anos	6	20,0
Tempo de docência	03–05 anos	5	16,7
Tempo de docência	06–10 anos	5	16,7
Tempo de docência	+11 anos	14	46,7
Modalidade de Ensino	EI	0	0,0
Modalidade de Ensino	EF iniciais	22	73,3
Modalidade de Ensino	EF finais	3	10,0
Modalidade de Ensino	EM	5	16,7
Língua mais utilizada	Ticuna	8	26,7
Língua mais utilizada	Português	1	3,3
Língua mais utilizada	Ambas	21	70,0
Língua mais utilizada	Outra	0	0,0

A análise dos dados permite observar os seguintes aspectos:

1. **Tempo de docência:** Quase metade dos(as) professores(as) (46,7%) possui mais de 11 anos de experiência, indicando um corpo docente consolidado, com conhecimento aprofundado sobre as práticas educacionais e a dinâmica linguística da comunidade. Os demais professores(as) possuem entre 1 e 10 anos de experiência, garantindo diversidade de trajetórias e perspectivas pedagógicas.
2. **Modalidade de ensino:** A maioria atua nos **Ensinos Fundamentais iniciais (73,3%)**, enquanto uma menor parcela atua nos finais (10%) e no ensino médio (16,7%). Nenhum(a) professor(a) atua na Educação Infantil. Essa distribuição sugere que o contato entre Ticuna e português é mais frequente nos anos iniciais, o que pode influenciar os processos de aquisição e manutenção da língua indígena entre as crianças.
3. **Língua mais utilizada:** Observa-se que **70% dos(as) professores(as) utilizam ambas as línguas**, Ticuna e português, de forma alternada, enquanto 26,7% utilizam predominantemente o Ticuna e apenas 3,3% utilizam o português. Esse dado evidencia a prática de **bilíngüismo funcional** na escola, com predominância da alternância de código como estratégia comunicativa, seja para garantir compreensão dos conteúdos ou para valorizar a língua indígena.

Esses resultados indicam que o corpo docente da comunidade Vila Betânia desempenha um papel central na manutenção e no uso do Ticuna, articulando a língua indígena e o português conforme as necessidades pedagógicas e sociais. A presença de professores(as) com longa experiência sugere maior conhecimento das estratégias adequadas para lidar com o contato linguístico e para promover práticas de ensino bilíngue que respeitem a cultura e a língua da comunidade.

A Tabela 8 apresenta informações sobre a frequência e a forma de planejamento pedagógico, a orientação recebida, o uso do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e a consideração das necessidades dos alunos pelos(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia. Esses dados permitem compreender como a organização escolar e as práticas pedagógicas influenciam o contato entre Ticuna e português na escola.



Tabela 11 – Planejamento e Organização Pedagógica

Questão	Alternativas	Frequência (n)	Percentual (%)
Planejamento pedagógico	Semanal	20	66,7
Planejamento pedagógico	Mensal	0	0,0
Planejamento pedagógico	Bimestral	10	33,3
Planejamento pedagógico	Trimestral	0	0,0
Planejamento pedagógico	Semestral	0	0,0
Orientação no planejamento	Sim	23	76,7
Orientação no planejamento	Não	1	3,3
Orientação no planejamento	Às vezes	6	20,0
Uso do PPP	Sim	16	53,3
Uso do PPP	Não	2	6,7
Uso do PPP	Algumas vezes	12	40,0
Uso do PPP	Escola não tem	0	0,0
Considera necessidades	Sim	29	96,7
Considera necessidades	Não	1	3,3
Considera necessidades	Algumas vezes	0	0,0

A análise dos dados revela os seguintes aspectos relevantes:

1. **Frequência do planejamento pedagógico:** A maioria dos(as) professores(as) realiza o planejamento de forma **semanal (66,7%)**, enquanto uma parcela significativa planeja **bimestralmente (33,3%)**. O planejamento

semanal pode refletir a necessidade de ajustar constantemente as estratégias pedagógicas conforme a dinâmica de uso do Ticuna e do português em sala de aula.

2. **Orientação no planejamento:** A maior parte dos(as) docentes (76,7%) afirma receber orientação para o planejamento, enquanto 20% a recebem ocasionalmente e apenas 3,3% não recebem orientação. Isso sugere que há suporte institucional ou pedagógico, o que contribui para práticas educacionais mais consistentes e adaptadas ao contexto bilíngue da comunidade.
3. **Uso do Projeto Político-Pedagógico (PPP):** Mais da metade dos(as) professores(as) utiliza o PPP (53,3%), enquanto 40% o utilizam ocasionalmente e apenas 6,7% não o utilizam. O uso do PPP demonstra a preocupação em alinhar a prática docente às diretrizes institucionais, garantindo coerência com objetivos pedagógicos, incluindo aspectos relacionados à manutenção do Ticuna.
4. **Consideração das necessidades dos alunos:** Praticamente todos(as) os(as) professores(as) (96,7%) afirmam considerar as necessidades dos alunos no planejamento, o que evidencia sensibilidade pedagógica e atenção às características sociolinguísticas da comunidade, especialmente no que se refere ao bilinguismo e à diversidade linguística presente na Vila Betânia.

Esses resultados indicam que os(as) professores(as) da comunidade apresentam práticas pedagógicas organizadas e orientadas, com atenção às necessidades linguísticas dos alunos. A integração entre planejamento semanal, orientação recebida e uso do PPP favorece estratégias que articulam o Ticuna e o português de forma funcional e adaptada ao contexto escolar, fortalecendo o **contato bilíngue** e a valorização da língua indígena no ambiente educacional.

A Tabela 9 apresenta informações sobre a forma como os(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia resolvem problemas pedagógicos, promovem a participação dos alunos, utilizam estratégias de ensino e adotam metodologias de ensino. Esses dados permitem compreender como as práticas pedagógicas influenciam o contato entre Ticuna e português na escola e como favorecem a aprendizagem bilíngue.

**Tabela 12 – Prática Pedagógica e Estratégias de Ensino**

Questão	Alternativas	Frequência (n)	Percentual (%)
Resolução de problemas	Sala com envolvidos	4	13,3
Resolução de problemas	Equipe pedagógica	23	76,7
Resolução de problemas	Família	2	6,7
Resolução de problemas	Lideranças	1	3,3
Promoção da participação	Individual	17	56,7
Promoção da participação	Coletiva	13	43,3
Uso de estratégias	Sim	21	70,0
Uso de estratégias	Não	2	6,7
Uso de estratégias	Às vezes	7	23,3
Metodologia de Ensino	Ativas	26	86,7
Metodologia de Ensino	Passivas	3	10,0
Metodologia de Ensino	Outra	1	3,3

A análise dos dados evidencia os seguintes aspectos:

1. **Resolução de problemas pedagógicos:** A maior parte dos(as) professores(as) (76,7%) recorre à **equipe pedagógica** para resolução de problemas, enquanto apenas 13,3% resolvem diretamente na sala de aula, 6,7% envolvem a família e 3,3% recorrem às lideranças locais. Isso indica uma prática colaborativa e coletiva, refletindo a valorização de decisões

compartilhadas e a importância do suporte institucional para lidar com desafios, inclusive na mediação do contato entre Ticuna e português.

2. **Promoção da participação dos alunos:** Observa-se que 56,7% dos(as) professores(as) promovem a participação de forma **individual**, enquanto 43,3% promovem participação **coletiva**. Essa variação sugere flexibilidade nas estratégias pedagógicas, permitindo tanto atenção personalizada quanto interação grupal, o que pode favorecer a prática de bilinguismo funcional, por exemplo, estimulando a alternância de código conforme as necessidades do aluno ou do grupo.
3. **Uso de estratégias pedagógicas:** A maioria dos(as) professores(as) (70%) utiliza estratégias de ensino de forma planejada, 23,3% o fazem ocasionalmente e apenas 6,7% não utilizam estratégias. O uso consistente de estratégias pedagógicas indica preocupação com metodologias que facilitem a aprendizagem e a compreensão de conteúdos em contextos bilíngues, promovendo maior eficácia no ensino do Ticuna e do português.
4. **Metodologia de ensino:** Predominam as metodologias **ativas (86,7%)**, enquanto 10% utilizam métodos passivos e 3,3% adotam outras abordagens. A predominância de metodologias ativas reflete a busca por práticas participativas, centradas no aluno e voltadas para a interação social, fatores que favorecem a inserção do Ticuna no processo de aprendizagem e a prática de alternância de código com o português.

Em síntese, os resultados indicam que os(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia adotam práticas pedagógicas colaborativas, participativas e ativas, com atenção às estratégias que promovem a aprendizagem bilíngue. A articulação entre resolução de problemas em equipe, promoção da participação e uso de metodologias ativas sugere um ambiente educativo dinâmico, em que o contato entre Ticuna e português é mediado de forma planejada e reflexiva.

A Tabela 10 apresenta informações sobre os instrumentos de avaliação utilizados pelos(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia, bem como sobre a forma como os resultados são compartilhados. Esses dados fornecem indicações sobre como a prática avaliativa pode influenciar o uso e a valorização das línguas Ticuna e Português no ambiente escolar.

**Tabela 10 – Avaliação e Compartilhamento de Resultados**

Questão	Alternativas	Frequência (n)	Percentual (%)
Instrumentos de avaliação	Oral	6	20,0
Instrumentos de avaliação	Exercício escrito	8	26,7
Instrumentos de avaliação	Avaliação escrita	15	50,0
Instrumentos de avaliação	Outros	1	3,3
Compartilhamento dos resultados	Sim	3	10,0
Compartilhamento dos resultados	Não	0	0,0
Compartilhamento dos resultados	Às vezes	1	3,3
Compartilhamento dos resultados	Equipe pedagógica	20	66,7
Compartilhamento dos resultados	Famílias	6	20,0
Compartilhamento dos resultados	Comunidade	0	0,0

A análise dos dados permite observar os seguintes aspectos:

1. **Instrumentos de avaliação:** Predominam as avaliações **escritas (50%)**, seguidas de exercícios escritos (26,7%) e avaliações orais (20%). Essa predominância sugere uma ênfase em formas de avaliação estruturadas, que podem favorecer a prática do português escrito, mas também indicam oportunidades de integrar a língua Ticuna, principalmente em avaliações orais ou atividades bilíngues.
2. **Compartilhamento dos resultados:** A maior parte dos(as) professores(as) compartilha os resultados com a **equipe pedagógica (66,7%)**, enquanto 20%

compartilham com as famílias e apenas uma pequena parcela (3,3%) o faz ocasionalmente de forma individual. Nenhum resultado é compartilhado diretamente com a comunidade em geral. Esses dados revelam uma cultura de **trabalho colaborativo dentro da escola**, mas também indicam que os resultados avaliativos não circulam amplamente na comunidade, o que pode limitar a visibilidade do desempenho dos alunos e a valorização do Ticuna como língua de ensino.

3. **Implicações sociolinguísticas:** A forma de avaliação e o compartilhamento restrito dos resultados sugerem que o contato entre Ticuna e português ocorre principalmente dentro da sala de aula e entre profissionais da escola, com menor impacto na comunidade externa. No entanto, a diversidade de instrumentos avaliativos oferece oportunidades para integrar práticas bilíngues e valorizar a língua indígena, especialmente em atividades orais, produção escrita em Ticuna ou projetos colaborativos com famílias.

Em síntese, os resultados indicam que os(as) professores(as) da comunidade Vila Betânia utilizam **instrumentos avaliativos diversificados** e compartilham os resultados de maneira **colaborativa**, principalmente com a equipe pedagógica. Essas práticas refletem preocupações pedagógicas alinhadas com o contexto bilíngue, embora ainda haja espaço para fortalecer a participação da comunidade no acompanhamento dos resultados e na valorização do Ticuna como língua de ensino.

## 6.2 Perfil Sociolinguístico e Pedagógico dos Professores Ticuna de Vila Betânia

A análise dos dados obtidos por meio do questionário aplicado a 30 professores Ticuna de Vila Betânia revela um panorama significativo sobre as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados no contexto educacional indígena. A totalidade dos participantes pertence à etnia Ticuna, o que confere ao estudo uma perspectiva profundamente enraizada na realidade sociocultural local. A faixa etária predominante entre os docentes situa-se entre 26 e 45 anos, com destaque para os grupos de 26 a 35 anos (40%) e de 36 a 45 anos (36,7%), indicando uma força de trabalho relativamente jovem e, possivelmente, em processo de consolidação profissional. A distribuição por sexo é equitativa, com 50% de homens e 50% de mulheres, o que sugere uma paridade de gênero na atuação docente.

No que diz respeito à formação profissional, observa-se que a maioria possui apenas o ensino médio não profissionalizante (60%), enquanto 33,3% têm ensino superior e apenas 6,7% possuem formação específica em magistério. Esse dado levanta reflexões importantes sobre a qualificação dos professores e os impactos dessa formação na qualidade do ensino oferecido. A predominância de docentes com formação básica pode indicar limitações no domínio de metodologias pedagógicas mais complexas ou na capacidade de lidar com a diversidade linguística e cultural presente nas escolas da referida comunidade.

A atuação profissional dos professores revela que quase metade (46,7%) possui mais de 11 anos de experiência, o que demonstra um vínculo duradouro com a docência e, possivelmente, um acúmulo de saberes práticos relevantes. A maioria leciona nos anos iniciais do Ensino Fundamental (73,3%), o que reforça a importância da alfabetização e do desenvolvimento das habilidades básicas nesse contexto. A língua mais utilizada em sala de aula é uma combinação entre o ticuna e o português (70%), evidenciando uma prática bilíngue que busca respeitar a língua materna dos alunos sem negligenciar o ensino da língua oficial. Apenas 3,3% utilizam exclusivamente o português, o que reforça o compromisso com a valorização da cultura local.

Quanto ao planejamento pedagógico, a maioria dos professores realiza essa atividade semanalmente (66,7%), o que pode indicar uma tentativa de manter a organização e a coerência das ações educativas. Além disso, 76,7% afirmam contar com orientação profissional nesse processo, o que demonstra a presença de apoio institucional, embora 20% relatem que essa orientação ocorre apenas ocasionalmente. O uso do Projeto Político-Pedagógico (PPP) como ferramenta de orientação é adotado por 53,3% dos docentes, enquanto 40% o utilizam apenas algumas vezes. Esse dado sugere que, embora o PPP esteja presente, sua aplicação ainda não é plenamente consolidada como instrumento norteador das práticas pedagógicas.

A preocupação com as necessidades e interesses dos alunos é evidente, com 96,7% dos professores afirmando considerar esses aspectos em seus planejamentos. Essa postura revela uma sensibilidade pedagógica voltada para a construção de uma educação mais significativa e contextualizada. No enfrentamento de situações-problema em sala de aula, a maioria recorre à equipe pedagógica (76,7%), o que pode indicar uma cultura de colaboração e busca por soluções

coletivas. No entanto, apenas 13,3% resolvem os conflitos diretamente com os envolvidos, o que levanta questões sobre a autonomia docente e a capacidade de mediação.

A promoção da participação ativa dos alunos ocorre majoritariamente de forma individual (56,7%), embora 43,3% adotem estratégias coletivas. Esse dado pode refletir uma tendência à personalização do ensino, mas também aponta para a necessidade de fortalecer práticas colaborativas que estimulem o protagonismo dos estudantes. A diversidade de estratégias de ensino é reconhecida por 70% dos professores, enquanto 23,3% afirmam utilizá-las apenas às vezes. A predominância das metodologias ativas (86,7%) demonstra uma valorização do envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, em contraposição às abordagens passivas, que representam apenas 10%.

No campo da avaliação, os instrumentos mais utilizados são a avaliação escrita (50%) e os exercícios escritos (26,7%), seguidos pelos exercícios orais (20%). A baixa utilização de outros instrumentos (3,3%) pode indicar uma limitação na diversificação das formas de avaliação, o que merece atenção, especialmente em contextos que demandam abordagens mais flexíveis e adaptadas às especificidades culturais. O compartilhamento dos resultados de aprendizagem ocorre principalmente com a equipe pedagógica (66,7%) e, em menor escala, com as famílias (20%). A ausência de compartilhamento com a comunidade (0%) revela uma lacuna importante na articulação entre escola e sociedade, especialmente em contextos indígenas, onde a participação comunitária é um elemento fundamental para a construção de uma educação intercultural.

Esses dados, ao serem interpretados de forma reflexiva, apontam para avanços e desafios nas práticas pedagógicas dos professores Ticuna. A valorização da língua materna, o uso de metodologias ativas e a preocupação com os interesses dos alunos são aspectos positivos que devem ser fortalecidos. Por outro lado, a formação profissional limitada, a pouca diversificação dos instrumentos de avaliação e a frágil articulação com a comunidade indicam pontos que exigem atenção e investimento. A continuidade dessa análise poderá aprofundar a compreensão sobre os impactos dessas práticas na aprendizagem dos alunos e na construção de uma educação escolar indígena de qualidade, respeitosa e transformadora.

Além disso, é possível perceber que o contexto educacional dos professores Ticuna está profundamente entrelaçado com aspectos culturais, linguísticos e



estruturais que influenciam diretamente suas práticas pedagógicas. A predominância do uso das metodologias ativas, por exemplo, revela um esforço consciente dos docentes em promover uma aprendizagem significativa, centrada no aluno e em suas experiências. Essa escolha metodológica está alinhada com os princípios da educação intercultural, que valoriza o protagonismo dos sujeitos e reconhece os saberes tradicionais como parte do processo educativo.

Entretanto, a prática pedagógica ainda enfrenta desafios importantes, especialmente no que diz respeito à avaliação e ao compartilhamento dos resultados de aprendizagem. A concentração nos instrumentos tradicionais, como a avaliação escrita, pode limitar a compreensão integral do desenvolvimento dos alunos, sobretudo em contextos bilíngues e multiculturais, onde outras formas de expressão e comunicação são igualmente relevantes. A baixa utilização de instrumentos alternativos de avaliação sugere a necessidade de formação continuada que amplie o repertório dos professores e os capacite para práticas mais inclusivas e contextualizadas.

Outro ponto que merece atenção é o compartilhamento dos resultados de aprendizagem. Embora a maioria dos professores compartilhe essas informações com a equipe pedagógica, a comunicação com as famílias e, especialmente, com a comunidade, ainda é incipiente. Essa articulação é fundamental, pois fortalece os vínculos entre escola e comunidade, promove o reconhecimento dos saberes locais e contribui para a construção de uma educação mais democrática e participativa. A ausência de diálogo com a comunidade pode indicar uma fragilidade na gestão escolar ou uma falta de estratégias que favoreçam essa aproximação.

A análise também revela que, apesar das limitações na formação inicial, os professores demonstram um forte compromisso com a educação de seus alunos. A busca por considerar as necessidades e interesses dos estudantes no planejamento pedagógico é um indicativo de sensibilidade e responsabilidade profissional. Esse aspecto é ainda mais relevante quando se considera que a maioria dos docentes atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa crucial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças.

A presença de orientação pedagógica para a maioria dos professores é um fator positivo, pois contribui para a qualificação das práticas e para o fortalecimento da cultura colaborativa nas escolas. No entanto, o fato de que uma parcela significativa recebe essa orientação apenas ocasionalmente aponta para a

necessidade de consolidar mecanismos de apoio contínuo, que garantam a qualidade do ensino e favoreçam o desenvolvimento profissional dos docentes.

A prática bilíngue, adotada por 70% dos professores, é um dos aspectos mais ricos e desafiadores do contexto educacional Ticuna. Ela exige dos docentes não apenas domínio linguístico, mas também sensibilidade cultural e competência pedagógica para transitar entre diferentes sistemas simbólicos. Essa realidade reforça a importância de políticas públicas que valorizem e apoiem a educação escolar indígena, garantindo formação específica, materiais didáticos adequados e condições de trabalho que respeitem as singularidades desses profissionais.

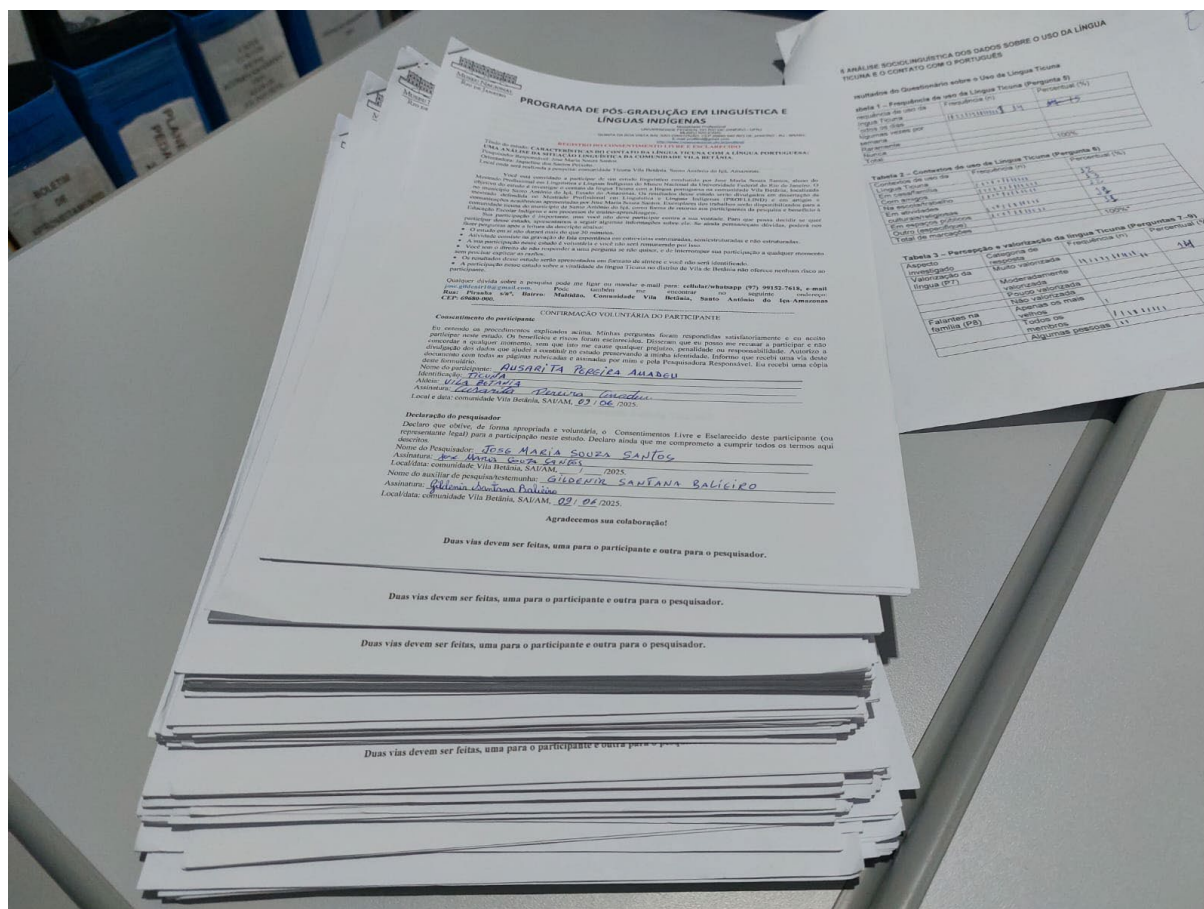
Diante desse cenário, torna-se evidente que a intervenção pedagógica e as práticas profissionais dos professores Ticuna de Vila Betânia estão em constante construção, permeadas por avanços, tensões e possibilidades. É nesse movimento que se desenha uma educação verdadeiramente transformadora, capaz de dialogar com a diversidade e de promover a equidade no acesso ao conhecimento.

### 6.3 Percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna

Nesta seção, analisamos os dados coletados por meio do **Questionário Sociolinguístico sobre o uso da Língua Ticuna na comunidade da Vila de Betânia** e as características de seu contato com a Língua Portuguesa. As informações foram organizadas em cinco tabelas, que sistematizam as respostas fornecidas pelos moradores da comunidade. Esses dados permitem compreender como os indivíduos percebem, utilizam e valorizam a língua Ticuna em diferentes contextos, bem como identificar os impactos sociolinguísticos decorrentes do contato com o português.

A imagem abaixo, que registra parte do conjunto de formulários preenchidos pelos participantes, ilustra o volume e a materialidade do processo de coleta de dados, evidenciando o caráter documental, formal e cuidadosamente conduzido da pesquisa de campo.

**Figura 14** – Arquivo da pesquisa — formulários preenchidos:



Fonte: Jose Santos, 11/10/2025

Esses documentos representam a participação ativa dos moradores de Betânia e reforçam o compromisso coletivo com a preservação e compreensão da língua Ticuna em seu contexto sociolinguístico atual. A partir deles, buscamos compreender como a comunidade percebe, utiliza, valoriza e projeta o futuro de sua língua ancestral, especialmente diante do contato crescente com o português.

A partir da sistematização, a seguir, torna-se possível traçar um panorama detalhado da vitalidade linguística na Vila de Betânia e dos desafios enfrentados para a manutenção e transmissão da língua Ticuna.

A Tabela 14 apresenta os resultados referentes à frequência de uso da língua Ticuna entre os participantes da pesquisa. Esses dados são fundamentais para compreender o grau de vitalidade da língua no cotidiano da comunidade Vila Betânia e para avaliar em que medida ela permanece presente nos diferentes domínios sociais. A partir das respostas obtidas no **Questionário Sociolinguístico sobre o uso da Língua Ticuna na comunidade da Vila de Betânia e as características de seu contato com a Língua Portuguesa**, é possível observar padrões de manutenção linguística e identificar nuances no comportamento linguístico dos(as) moradores(as). A seguir, são descritos e analisados os indicadores de uso cotidiano da língua Ticuna.

**Tabela 14** – Frequência de uso da Língua Ticuna entre os(as) moradores(as) da comunidade Vila Betânia

Frequência de uso da Língua Ticuna	Frequência (n)	Percentual (%)
Todos os dias	35	97.22
Algumas vezes por semana	01	2.78
Raramente	-	-
Nunca	-	-
<b>Total</b>		100%

A Tabela 14 apresenta informações sobre a frequência de uso da língua Ticuna entre os(as) participantes da comunidade Vila Betânia. Os resultados mostram um cenário de forte vitalidade linguística no cotidiano comunitário.

1. **Uso diário da língua Ticuna:** A grande maioria dos participantes (97,22%) declara utilizar a língua Ticuna **todos os dias**. Esse dado reforça o papel central da língua indígena nas interações cotidianas, tanto em contextos familiares quanto comunitários, evidenciando sua relevância como língua de convivência e socialização.
2. **Uso parcial ou ocasional:** Apenas um(a) participante (2,78%) afirma usar a língua Ticuna **algumas vezes por semana**, o que indica pequenos graus de variação individual, possivelmente relacionados a atividades profissionais, deslocamentos ou presença de interlocutores não falantes da língua.
3. **Ausência de uso reduzido ou inexistente:** Não foram registrados casos de participantes que usam a língua Ticuna **raramente** ou **nunca**. Isso destaca a continuidade da transmissão intergeracional e demonstra que a língua permanece viva e funcional em diferentes domínios sociais.

No conjunto, os dados revelam que a língua Ticuna mantém um espaço sólido e recorrente na vida dos moradores da comunidade Vila Betânia. A predominância do uso diário reforça a vitalidade linguística local e indica que, apesar do contato intenso com o português, a língua Ticuna segue desempenhando papel fundamental na organização social, cultural e identitária da comunidade.

A Tabela 15 apresenta os resultados referentes aos contextos de uso da língua Ticuna, conforme informado pelos(as) participantes da pesquisa. Essa dimensão é fundamental para compreender não apenas com que frequência a língua é utilizada, mas **onde e em quais situações sociais** ela permanece ativa. A análise desses dados permite identificar a amplitude de circulação da língua Ticuna nos diferentes domínios da vida comunitária — familiar, social, institucional, cultural e pública — oferecendo uma visão abrangente sobre sua vitalidade e seu papel nas interações cotidianas.

**Tabela 15** – Contextos de uso da Língua Ticuna (Pergunta 6)

Contextos de uso da Língua Ticuna	Frequência (n)	Percentual (%)
Em casa/família	32	22.22
Com amigos	33	22.92
Na escola/trabalho	30	20.83
Em atividades	25	17.36

culturais/religiosas		
Em espaços públicos	24	16.67
Outro (especifique)	0	0.0
<b>Total</b>		100%*

A Tabela 15 evidencia que a língua Ticuna circula de maneira ampla e diversificada nos diferentes espaços da comunidade, reforçando sua vitalidade como língua de uso cotidiano.

1. **Uso em casa e em família:** O uso da língua Ticuna no contexto familiar aparece com alta expressividade (22,22%), indicando que a transmissão intergeracional ocorre de maneira consistente. A casa se confirma como um espaço privilegiado para a manutenção linguística.
2. **Interações entre amigos:** O maior percentual de uso (22,92%) ocorre em interações com amigos, sugerindo que a língua é amplamente utilizada em situações informais e afetivas, fortalecendo laços sociais e identitários entre os membros da comunidade.
3. **Escola e trabalho:** O uso significativo da língua Ticuna em contextos institucionais (20,83%) revela que, apesar da presença consolidada do português nesses ambientes, o Ticuna mantém um papel relevante, especialmente em interações internas e práticas escolares bilíngues.
4. **Atividades culturais e religiosas:** A presença expressiva da língua em atividades culturais e religiosas (17,36%) demonstra sua centralidade na realização de práticas tradicionais, rituais, celebrações e eventos comunitários.
5. **Espaços públicos:** O uso em espaços públicos (16,67%) indica que, mesmo em ambientes de maior circulação e contato com falantes de português, a língua Ticuna continua a ser utilizada, revelando seu estatuto socialmente legítimo dentro da comunidade.
6. **Outros contextos:** Não foram registrados usos em contextos não especificados pelos participantes, o que sugere que os principais domínios de circulação da língua foram adequadamente contemplados nas opções do questionário.

De modo geral, os dados mostram que a língua Ticuna está presente de forma consistente em diferentes esferas da vida social, com circulação equilibrada

entre contextos formais e informais. Essa distribuição demonstra não apenas sua vitalidade linguística, mas também sua relevância sociocultural na manutenção da identidade Ticuna na comunidade Vila Betânia.

A Tabela 16 apresenta os dados referentes à percepção e à valorização da língua Ticuna entre os(as) participantes, com base nas respostas às Perguntas 7, 8 e 9 do questionário sociolinguístico. Essa etapa da investigação busca compreender como os moradores avaliam o prestígio de sua língua materna, quem a utiliza dentro do núcleo familiar e quais são as intenções relacionadas à transmissão linguística às gerações futuras. Esses aspectos são essenciais para analisar o grau de vitalidade da língua, suas perspectivas de continuidade e os fatores socioculturais que influenciam sua manutenção na comunidade.

**Tabela 16** – Percepção e valorização da língua Ticuna (Perguntas 7–9)

Aspecto investigado	Categoria de resposta	Frequência (n)	Percentual (%)
Valorização da língua (P7)	Muito valorizada	35	97,22%
	Moderadamente valorizada	0	0%
	Pouco valorizada	01	2,78%
	Não valorizada	-	-
<b>Total</b>			100%
Falantes na família (P8)	Apenas os mais velhos	01	2,78%
	Todos os membros	32	88,89%
	Algumas pessoas	03	8,33%
	Ninguém fala	-	-
<b>Total</b>			100%
Ensina/pretende ensinar (P9)	Sim	29	80,56%
	Não	-	-

	Não tem filhos/netos	07	19,44%
<b>Total</b>			100%

A análise da Tabela 13 revela uma forte valorização da língua Ticuna entre os(as) moradores(as) da comunidade, acompanhada de uma ampla presença da língua no ambiente familiar e de significativa intenção de transmissão às gerações futuras.

### 1. Percepção de valorização da língua (P7)

A grande maioria dos participantes (97,22%) considera a língua Ticuna **muito valorizada**, evidenciando um forte prestígio social e simbólico atribuído à língua na comunidade. Apenas um(a) participante (2,78%) a percebe como **pouco valorizada**, e nenhum participante avaliou a língua como moderadamente valorizada ou não valorizada. Esses dados reforçam que a língua Ticuna é vista como elemento essencial da identidade cultural e é amplamente respeitada no convívio comunitário.

### 2. Distribuição dos falantes no núcleo familiar (P8)

A presença da língua no ambiente doméstico aparece de forma extremamente robusta:

- **88,89%** afirmam que **todos os membros da família** falam Ticuna;
- **8,33%** relatam que apenas **algumas pessoas** na família utilizam a língua;
- **2,78%** indicam que apenas **os mais velhos** são falantes;
- Não há casos de famílias nas quais ninguém fale a língua.

Esse resultado confirma que a transmissão intergeracional da língua está amplamente consolidada, com circulação cotidiana no interior das casas, o que fortalece o uso ativo do Ticuna e sua continuidade ao longo das gerações.

### 3. Transmissão da língua às gerações futuras (P9)

Quanto à intenção de ensinar a língua aos filhos ou netos:

- **80,56%** dos participantes afirmam **ensinar ou pretender ensinar** a língua;
- **19,44%** não se enquadram nessa questão por não terem filhos ou netos;
- Nenhum participante respondeu "não".

Esse dado é particularmente relevante, pois indica um forte compromisso comunitário com a preservação da língua. O ensino da língua dentro da família aparece como uma prática amplamente compartilhada, garantindo sua vitalidade e fortalecendo o vínculo entre língua, cultura e identidade Ticuna.



Os resultados evidenciam um cenário sociolinguístico altamente favorável à manutenção da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia. A elevada valorização da língua, sua forte presença nos lares e a intenção expressiva de transmiti-la às novas gerações constituem indicadores claros de vitalidade linguística. Juntos, esses fatores apontam para a continuidade do Ticuna como língua viva, socialmente prestigiada e culturalmente central no cotidiano comunitário.

A Tabela 17 reúne informações referentes ao contato dos(as) participantes com a língua portuguesa e aos impactos percebidos desse contato no uso da língua Ticuna. As Perguntas 10 a 20 do questionário sociolinguístico investigam aspectos como a língua principal utilizada fora da comunidade, a percepção de mudanças na fala decorrentes do contato com o português, a presença de português em conversas entre falantes de Ticuna e a influência percebida do português entre os jovens. A análise desses dados permite compreender como o bilinguismo se manifesta no cotidiano da comunidade e de que maneira o português influencia — ou não — práticas linguísticas e dinâmicas intergeracionais.

**Tabela 17** – Contato com o Português e impactos percebidos (Perguntas 10–20)

Tema	Categoria de resposta	Frequência (n)	Percentual (%)
Língua principal fora da comunidade (P10)	Português	35	97,22%
	Outra língua indígena	01	2,78%
	Outra língua estrangeira	-	-
<b>Total</b>			100%
Mudança na fala por contato (P11)	Muitas mudanças	05	13,89%
	Algumas mudanças	26	72,22%
	Nenhuma	03	8,33%

	mudança		
	Não sabe	2	5,56%
<b>Total</b>			100%
Uso de português em conversas Ticuna (P12)	Com frequência	01	2,78%
	De vez em quando	34	94,44%
	Nunca	01	2,78%
	Não sabe	-	-
<b>Total</b>			100%
Influência nos jovens (P13)	Muita influência	05	13,89%
	Um pouco	27	75%
	Não influencia	04	11,11%
	Não sabe	-	100%

A Tabela 17 evidencia padrões importantes sobre o contato dos participantes com o português e sobre as percepções de mudança linguística, alternância de códigos e influência geracional.

### 1. Língua principal utilizada fora da comunidade (P10)

Os dados mostram que **97,22%** dos participantes utilizam o português como **língua principal** quando estão fora da comunidade, o que reflete a forte presença do português nos domínios institucionais, urbanos e administrativos. Apenas um(a) participante (2,78%) relatou usar outra língua indígena, o que reforça que, fora do território sociocultural Ticuna, o português é a língua de circulação hegemônica.

Esse padrão confirma a situação de bilinguismo assimétrico típica de comunidades indígenas em contato intenso com a sociedade envolvente.

## 2. Percepção de mudanças na fala decorrentes do contato com o português (P11)

A maioria dos participantes (72,22%) percebe **algumas mudanças** na própria fala devido ao contato com o português.

- **13,89%** percebem **muitas mudanças**,
- **8,33%** não percebem nenhuma alteração,
- **5,56%** não souberam responder.

Esse resultado indica que os falantes reconhecem a influência do português sobre o Ticuna, o que pode envolver mudanças lexicais, fonéticas, morfossintáticas ou variações de uso. A percepção de mudança é um indicador importante das dinâmicas de contato linguístico e da consciência metalinguística dos participantes.

## 3. Uso de português durante conversas em Ticuna (P12)

Os dados revelam que a alternância entre idiomas ocorre com frequência variável, mas quase sempre presente:

- A maioria (94,44%) afirma utilizar português **de vez em quando** durante conversas em Ticuna.
- Em casos mais extremos, **2,78%** usam português **com frequência** mesmo durante interações em Ticuna.
- Apenas 2,78% afirmam **nunca** misturar português.

Esses números evidenciam que a alternância de códigos (*code-switching*) é uma prática cotidiana e socialmente aceita, funcionando como estratégia comunicativa típica em comunidades bilíngues. Ao mesmo tempo, o baixo número de participantes que “nunca” usam português durante conversas em Ticuna mostra que a mistura linguística é parte integrante da performance verbal na comunidade.

## 4. Influência do português entre os jovens (P13)

A percepção geral é a de que o português exerce influência significativa sobre os jovens:

- **75%** afirmam que o português influencia **um pouco**,
- **13,89%** acreditam que influencia **muito**,
- **11,11%** avaliam que **não** há influência.

A predominância da categoria “um pouco” sugere que a comunidade reconhece um processo de mudança, mas ainda o percebe como controlado ou

gradual. A ausência de respostas em “não sabe” reforça que esse é um tema socialmente visível e discutido dentro da comunidade.

Esses dados confirmam que o português, por ser língua dominante nos meios externos, continua a impactar de maneira mais intensa as gerações mais jovens, o que é típico em contextos de bilinguismo e contato prolongado.

Os resultados da Tabela 4 demonstram um cenário de forte contato com o português, especialmente fora da comunidade, mas também revelam que o Ticuna permanece funcional e ativo dentro da comunidade. A alternância entre português e Ticuna, bem como a percepção de mudanças na fala, mostra que o bilinguismo está enraizado nas práticas sociolinguísticas locais. A influência maior sobre os jovens sugere um ponto de atenção para políticas de fortalecimento linguístico, mas não indica um processo avançado de substituição. Pelo contrário: os dados das Tabelas anteriores mostram vitalidade e continuidade linguística, o que se confirma mesmo diante do contato intenso com o português.

A Tabela 18 apresenta os resultados referentes ao ensino da língua Ticuna nas escolas da comunidade, à importância atribuída à língua para as futuras gerações, aos desafios percebidos pelos participantes para sua manutenção e às perspectivas sobre o futuro da língua. As respostas correspondem às Perguntas 25 a 31 do questionário sociolinguístico. Esta etapa da análise é fundamental para compreender como a comunidade avalia o papel da escola, quais obstáculos se colocam à continuidade da língua e como os moradores percebem sua vitalidade a longo prazo. Esses dados articulam dimensões educacionais, socioculturais e intergeracionais, oferecendo uma visão abrangente das condições de manutenção e fortalecimento da língua Ticuna.

**Tabela 18** – Ensino, desafios e perspectivas da Língua Ticuna (Perguntas 25–31)

Tema	Categoria de resposta	Frequência (n)	Percentual (%)
Ensino nas escolas (P25)	Regularmente	36	100%
	Esporadicamente	-	-
	Não	-	-
	Não sabe	-	-

<b>Total</b>			100%
Importância para futuras gerações (P26)	Muito importante	33	91,67%
	Importante, mas não essencial	01	2,78%
	Não necessário	01	2,78%
	Não sabe	01	2,78%
<b>Total</b>			100%
Principais desafios (P28)	Influência do português	11	20,37%
	Falta de educação formal	18	33,33%
	Falta de interesse das novas gerações	04	7,41%
	Falta de recursos	21	38,89%
	Perda de falantes nativos	-	-
<b>Total</b>			100%
Futuro da língua (P23)	Vai se perder	-	-
	Vai se manter com menos falantes	02	5,56%
	Vai se manter forte	34	94,44%
	Não sabe	-	-
<b>Total</b>			100%

A Tabela 18 sintetiza percepções essenciais sobre a vitalidade atual da língua Ticuna e suas projeções para o futuro. Os dados revelam um cenário de forte valorização comunitária, ao mesmo tempo em que apontam desafios estruturais

relacionados principalmente ao ambiente escolar e às condições materiais de ensino.

### **1. Ensino da língua Ticuna nas escolas (P25)**

Todos os(as) participantes (100%) afirmam que a língua Ticuna é ensinada regularmente nas escolas da comunidade. Esse dado confirma a presença institucionalizada da língua no contexto educacional, o que constitui um importante mecanismo de fortalecimento linguístico. A inexistência de respostas em “esporadicamente”, “não” ou “não sabe” reforça que o ensino da língua é uma prática consolidada e amplamente reconhecida pelos moradores.

A escola, portanto, cumpre um papel central na transmissão formal da língua, complementando o uso doméstico e comunitário já evidenciado nas tabelas anteriores.

### **2. Importância atribuída à língua para as futuras gerações (P26)**

A grande maioria dos participantes (91,67%) considera a língua Ticuna muito importante para as próximas gerações. Esse resultado evidencia a forte consciência cultural e a centralidade da língua na identidade coletiva. Apenas três respostas (2,78% cada) se distribuem entre “importante, mas não essencial”, “não necessário” e “não sabe”, o que representa uma minoria pouco significativa.

Esse padrão destaca que o valor simbólico, social e cultural da língua está profundamente enraizado na comunidade, sendo percebido como essencial para a continuidade das práticas e saberes tradicionais.

### **3. Principais desafios para a manutenção da língua (P28)**

A comunidade identifica quatro grandes desafios, com distribuições distintas:

- **Falta de recursos** – 38,89%

É o desafio mais mencionado. Pode envolver ausência de materiais didáticos, infraestrutura inadequada, falta de livros, tecnologia ou apoio institucional.

- **Falta de educação formal estruturada** – 33,33

Refere-se à necessidade de formação docente, currículos mais consistentes ou políticas educacionais mais efetivas.

- **Influência do português** – 20,37%

Embora relevante, aparece em terceiro lugar — mostrando que, apesar do contato intenso com o português, a comunidade percebe desafios estruturais como mais críticos.

- **Falta de interesse das novas gerações – 7,41%**

Embora presente, é percebido como um desafio relativamente menor, o que condiz com os dados da Tabela 13, que apontaram forte transmissão da língua no ambiente familiar.

Não houve indicação de “perda de falantes nativos”, o que se alinha ao cenário de vitalidade já observado nas tabelas anteriores.

Esse conjunto de respostas mostra que o maior obstáculo para o fortalecimento da língua não é a atitude dos falantes, mas sim condições estruturais e materiais do ensino.

#### 4. Perspectivas sobre o futuro da língua (P23)

Os dados indicam um otimismo quase unânime em relação ao futuro do Ticuna:

- **94,44%** acreditam que a língua **vai se manter forte**;
- **5,56%** acreditam que ela **vai se manter, mas com menos falantes**;
- Não houve respostas indicando que a língua “vai se perder”.

Essa percepção coletiva confirma que a comunidade enxerga a língua como viva, ativa e em pleno funcionamento, mesmo diante dos desafios identificados. A expectativa de continuidade está diretamente associada à forte presença da língua no cotidiano, à transmissão intergeracional e ao ensino regular nas escolas.

A Tabela 15 revela que a comunidade Vila Betânia demonstra forte compromisso com a manutenção da língua Ticuna. O ensino regular nas escolas, aliado a uma percepção de alta importância para as futuras gerações e a um otimismo significativo quanto ao futuro da língua, aponta para um cenário de vitalidade sustentável. Apesar dos desafios — sobretudo falta de recursos e necessidade de maior formalização educacional — a comunidade reconhece a língua como elemento central de sua identidade e trabalha para garantir sua continuidade. Esses dados, articulados às informações das Tabelas 1 a 4, reforçam a compreensão de que a língua Ticuna permanece robusta e amplamente utilizada, ainda que em contexto de contato constante com o português.

#### 6. 4 Análise Integrada dos Resultados Quantitativos da Percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna

A análise conjunta dos dados sociolinguísticos apresentados nas Tabelas 14 a 18 permite compreender de forma ampla o cenário de uso, transmissão, percepção e manutenção da língua Ticuna na comunidade Vila Betânia. Os resultados revelam um panorama complexo, marcado por forte vitalidade linguística em contextos internos à comunidade, mas também pela presença constante do português e pelos desafios associados ao contato interlinguístico.

De modo geral, observa-se que a língua Ticuna permanece amplamente utilizada no cotidiano comunitário, especialmente nos espaços familiares e nas interações entre moradores, demonstrando que ainda ocupa papel central como língua de comunicação e identidade (Tabela 14). Os contextos de uso reforçam essa constatação, evidenciando que o Ticuna circula de maneira significativa em ambientes domésticos, entre amigos e em práticas culturais, religiosas e comunitárias (Tabela 15). Essa distribuição aponta para uma língua viva, funcional e socialmente relevante, que estrutura boa parte das relações sociais na Vila Betânia.

A percepção positiva e a valorização da língua constituem outro aspecto fundamental desse cenário. Conforme observado na Tabela 16, a imensa maioria dos participantes considera o Ticuna “muito valorizado”, e a grande proporção de famílias nas quais todos os membros falam a língua reforça sua centralidade na transmissão intergeracional. O fato de um número elevado de entrevistados afirmar que ensina ou pretende ensinar a língua às futuras gerações indica um forte compromisso comunitário com a continuidade da tradição linguística.

Entretanto, apesar desse quadro favorável de uso e valorização, os dados também evidenciam desafios impostos pelo contato intensivo com a língua portuguesa (Tabela 18). O português predomina como língua principal fora da comunidade e exerce influência perceptível na fala dos moradores, especialmente entre jovens, que são percebidos como mais suscetíveis a mudanças linguísticas decorrentes do bilinguismo. Esse ponto revela uma tensão sociolinguística típica de comunidades indígenas em contato contínuo com centros urbanos, instituições governamentais, redes de comunicação e práticas escolares.

Ainda assim, a presença do português no cotidiano não impede que os moradores reconheçam a importância do ensino do Ticuna nas escolas e reafirmem



seu valor sociocultural (Tabela 18). Há um entendimento claro de que a manutenção da língua requer esforço institucional e comunitário, assim como recursos didáticos e apoio pedagógico. Entre os desafios apontados, destaca-se a falta de recursos adequados — um problema recorrente em contextos escolares indígenas — seguida pela necessidade de fortalecer a educação bilíngue e combater a influência crescente do português. Apesar dessas dificuldades, o otimismo da comunidade se sobressai: a maior parte dos participantes acredita que a língua Ticuna tem futuro forte e continuará sendo transmitida às próximas gerações.

Em síntese, os dados revelam um quadro de vitalidade linguística robusta, sustentado pelo uso cotidiano, pela transmissão familiar e pela percepção positiva da língua. Contudo, também indicam a necessidade de ações pedagógicas e sociocomunitárias que garantam a continuidade da língua diante das pressões externas e da influência crescente do português. A análise aponta, portanto, para a importância da escola indígena como espaço estratégico de fortalecimento linguístico e cultural, reforçando o papel dos professores, lideranças e famílias na preservação da língua Ticuna.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou a profundidade e a complexidade do contato entre a língua Ticuna e a língua portuguesa na comunidade indígena de Vila Betânia, evidenciando um cenário sociolinguístico em constante dinamismo, permeado por assimetrias históricas, disputas simbólicas e formas diversas de resistência cultural. A convivência entre as duas línguas não se dá de forma equilibrada, mas é marcada por uma relação de resistência, na qual o português se impõe como língua de prestígio institucional, escolar e social, enquanto o Ticuna, mesmo reconhecido internamente como fundamento da identidade étnica, enfrenta processos de desafios constantes e simbólicos atrelados a sua essência linguística.

Ao longo da pesquisa, foi possível identificar padrões de uso linguístico um pouco diferenciado entre as faixas etárias, revelando que a língua Ticuna permanece viva intacta entre os anciãos e adultos, mas tende a ser um pouco confrontada entre as novas gerações, sobretudo nos contextos institucionais e públicos quando há presença de pessoas não indígenas. A escola, apesar de reconhecida como espaço estratégico para o fortalecimento linguístico, ainda apresenta fragilidades estruturais, como a ausência de materiais didáticos bilíngues, a predominância do português como língua de instrução e a carência de formação docente voltada à realidade intercultural. O distanciamento entre o discurso oficial de valorização da diversidade e a prática pedagógica cotidiana contribui para reforçar a ideia, entre muitos alunos, de que o português é a língua de instrução no contexto escolar, enquanto o Ticuna é mais utilizado aos espaços informais ou tradicionais.

Contudo, o estudo também evidencia formas importantes de resistência, protagonizadas por professores indígenas, lideranças comunitárias, anciãos e jovens engajados na defesa de sua língua materna. Projetos escolares, atividades culturais e eventos comunitários em que a língua ticuna é dominante demonstram que a comunidade de Vila Betânia não está submetida ao enfraquecimento linguístico, mas vem construindo alternativas de valorização da língua Ticuna, ancoradas na memória, no território e na solidariedade coletiva. Essas ações, embora muitas vezes fragilizadas pela falta de apoio institucional, representam sementes de continuidade e reafirmação cultural, capazes de transformar a escola, os espaços públicos e a própria política linguística do Estado.

Portanto, as reflexões aqui apresentadas apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que não apenas reconheçam a existência das línguas indígenas, mas que fortaleça e garantam seu uso efetivo em todos os âmbitos da vida social, com investimento em formação, materiais, infraestrutura e escuta ativa dos anseios das comunidades. A preservação da língua Ticuna não é apenas uma questão linguística, mas um direito coletivo, um ato de justiça e uma afirmação de existência. Falar Ticuna, ensinar Ticuna, cantar e escrever em Ticuna é, sobretudo, resistir e mostrar sua vitalidade assegurando o lugar de um povo que continua a tecer sua história por meio da palavra viva. A continuidade plena dessa língua dependerá do fortalecimento dos laços intergeracionais, do compromisso político com a diversidade e da valorização das epistemologias próprias que sustentam o modo de ser Ticuna.

#### 7.1 Análise Unificada das Práticas Pedagógicas e do Contato Linguístico na Comunidade Vila Betânia

A triangulação da análise dos cinco conjuntos de dados obtidos junto aos 30 professores Ticuna da comunidade Vila Betânia revela um panorama consistente sobre a **situação educacional e linguística local**, destacando tanto avanços quanto desafios no contexto do ensino bilíngue. Para facilitar a visualização dos principais resultados, os dados foram sintetizados na Tabela 19, que apresenta os indicadores mais relevantes de perfil, atuação, planejamento, práticas pedagógicas e avaliação.

**Tabela 19** – Perfil e Práticas Pedagógicas dos Professores Ticuna de Vila Betânia

Dimensão	Principais Indicadores
<b>Perfil dos Professores</b>	100% Ticuna; Idade predominante 26–45 anos; Gênero equilibrado (50% M / 50% F); Formação: 60% ensino médio, 33% superior, 7% magistério
<b>Experiência Docente</b>	46,7% com mais de 11 anos de docência; maioria atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental (73,3%)
<b>Uso da Língua em Sala de Aula</b>	70% utilizam Ticuna e Português alternadamente; 27% usam predominantemente Ticuna; 3% usam apenas Português

<b>Planejamento Organização</b>	<b>e</b>	Planejamento semanal (66,7%); orientação pedagógica presente (76,7%); uso do PPP frequente (53,3%); quase todos consideram necessidades dos alunos (96,7%)
<b>Práticas Pedagógicas Estratégias</b>	<b>e</b>	Resolução de problemas principalmente em equipe pedagógica (76,7%); promoção da participação individual (56,7%) e coletiva (43,3%); metodologias ativas predominantes (86,7%); uso planejado de estratégias (70%)
<b>Avaliação Compartilhamento</b>	<b>e</b>	Avaliações predominantemente escritas (50%) e exercícios escritos (26,7%); avaliações orais (20%); resultados compartilhados principalmente com equipe pedagógica (66,7%) e famílias (20%); não há compartilhamento com a comunidade
<b>Aspectos Sociolinguísticos</b>		Educação bilíngue funcional; valorização do Ticuna; alternância de código como estratégia pedagógica; práticas pedagógicas sensíveis às necessidades linguísticas e culturais

### 1. Perfil dos Professores e Experiência Docente

Os professores(as) são integralmente da etnia Ticuna, garantindo uma perspectiva enraizada na realidade sociocultural da comunidade. A faixa etária predominante (26–45 anos) indica um corpo docente relativamente jovem, mas com experiência consolidada: 46,7% possuem mais de 11 anos de docência. A distribuição equilibrada por gênero (50% homens e 50% mulheres) sugere diversidade de perspectivas na abordagem pedagógica. Quanto à formação, a maioria possui ensino médio (66,7%), enquanto 33,3% possuem ensino superior, e apenas 6,7% têm formação específica em magistério, apontando para limitações na formação inicial, que podem afetar a aplicação de metodologias mais complexas ou o manejo de situações bilíngues em sala de aula.

### 2. Atuação Profissional e Uso da Língua

A maior parte dos docentes atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental (73,3%), etapa crucial para alfabetização e aquisição linguística. A língua mais utilizada em sala de aula é a combinação Ticuna–Português (70%), evidenciando

uma prática de bilinguismo funcional, na qual os professores articulam a língua materna e a língua oficial para facilitar a aprendizagem sem negligenciar a cultura local. Apenas 26,7% utilizam predominantemente o Ticuna e 3,3% exclusivamente o português, reforçando o compromisso com a valorização da língua indígena.

### **3. Planejamento e Organização Pedagógica**

Os dados indicam que a maioria dos professores realiza planejamento semanal (66,7%), com orientação profissional (76,7%) e uso frequente do PPP (53,3%), evidenciando organização e alinhamento com diretrizes institucionais. Quase todos os docentes consideram as necessidades e interesses dos alunos (96,7%), demonstrando sensibilidade pedagógica e atenção às características sociolinguísticas da comunidade.

### **4. Práticas Pedagógicas e Estratégias de Ensino**

A resolução de problemas ocorre majoritariamente com a equipe pedagógica (76,7%), refletindo uma cultura colaborativa. A promoção da participação dos alunos é realizada tanto individualmente (56,7%) quanto coletivamente (43,3%), evidenciando flexibilidade nas estratégias pedagógicas. A maioria dos professores utiliza estratégias ativas (86,7%) e planejadas (70%), reforçando o engajamento do aluno e a construção de aprendizagem significativa, favorecendo a alternância de código e o contato entre as línguas.

### **5. Avaliação e Compartilhamento de Resultados**

As avaliações são predominantemente escritas (50%) ou em forma de exercícios escritos (26,7%), seguidas de avaliações orais (20%). O compartilhamento de resultados ocorre principalmente com a equipe pedagógica (66,7%) e em menor medida com famílias (20%), enquanto não há comunicação direta com a comunidade. Isso evidencia uma prática colaborativa interna, mas também uma lacuna no envolvimento da comunidade na educação bilíngue.

### **6. Integração Sociolinguística e Pedagógica**

A síntese desses dados revela um contexto educativo em que a prática bilíngue é central, mediada por professores com experiência consolidada e sensibilidade às necessidades linguísticas e culturais dos alunos. As metodologias ativas e a preocupação com a participação do aluno demonstram esforços para uma educação significativa, enquanto a limitação na formação inicial, a baixa diversificação dos instrumentos de avaliação e o compartilhamento restrito dos

resultados apontam desafios que demandam políticas de formação continuada, suporte institucional e maior articulação com a comunidade.

### **7. Implicações para a Educação Escolar Indígena**

Os resultados indicam que, embora haja avanços significativos na valorização da língua Ticuna e na aplicação de metodologias centradas no aluno, é necessário fortalecer:

- A formação profissional dos professores, ampliando competências pedagógicas e bilíngues;
- A diversificação das estratégias avaliativas, incorporando instrumentos que considerem a expressão oral e cultural;
- O compartilhamento de resultados com a comunidade, fortalecendo a participação social e a valorização do saber indígena.

Em conclusão, o conjunto das cinco tabelas evidencia que a educação escolar na Vila Betânia é marcada por práticas pedagógicas conscientes e bilíngues, mas ainda enfrenta desafios estruturais e formativos. A continuidade e o fortalecimento dessas práticas têm potencial para consolidar uma educação escolar indígena transformadora, respeitosa das línguas e culturas locais, e efetivamente integradora da comunidade no processo educativo.

#### **7.2 Análise unificada da percepção da comunidade de Betânia sobre o uso da língua Ticuna**

Este estudo revela a profundidade e a complexidade do contato entre a língua Ticuna e a língua portuguesa na comunidade indígena de Vila Betânia, evidenciando um cenário sociolinguístico dinâmico, historicamente assimétrico e marcado por disputas simbólicas que atravessam a vida cotidiana, a escola e as relações intergeracionais. A convivência entre as duas línguas não ocorre de forma equilibrada: o português ocupa posição de prestígio institucional e escolar, enquanto o Ticuna, embora amplamente reconhecido como núcleo da identidade étnica, enfrenta tensões e pressões simbólicas que desafiam sua vitalidade.

Os resultados sistematizados nas cinco tabelas da seção 6.3 permitem compreender com maior precisão as percepções da comunidade sobre o uso, a transmissão e o ensino da língua Ticuna. Observou-se que:

- o Ticuna permanece amplamente falado no ambiente familiar, especialmente entre adultos e anciãos;
- as novas gerações apresentam maior oscilação linguística, sobretudo em interações com pessoas não indígenas e em espaços institucionalizados;
- a escola é reconhecida como espaço importante de fortalecimento linguístico, mas a efetividade dessa função ainda é limitada pela falta de materiais didáticos bilíngues, pela predominância do português nas instruções e por lacunas na formação docente intercultural;
- a comunidade atribui alto valor simbólico e cultural ao Ticuna, considerando-o essencial para a continuidade da identidade Ticuna;
- os principais desafios apontados envolvem a influência crescente do português, a falta de recursos, a ausência de políticas consistentes de educação bilíngue e a necessidade de maior engajamento das novas gerações.

Esses elementos revelam que, apesar das pressões externas e institucionais, a vitalidade do Ticuna não está ameaçada de forma homogênea: ela se manifesta de modo forte no cotidiano doméstico e comunitário, mas fragiliza-se nos domínios escolares e públicos formais, onde as políticas linguísticas não acompanham a realidade sociocultural da comunidade.

Para facilitar uma visão consolidada desses achados, apresenta-se a seguir uma síntese geral dos resultados das cinco tabelas da seção 6.3:

**Tabela 20** – Síntese dos Resultados Sociolinguísticos da Comunidade de Vila Betânia (Seção 6.3)

<b>Dimensão Investigada</b>	<b>Principais Resultados</b>
<b>Frequência de uso da língua Ticuna</b> (Tabela 14)	O Ticuna apresenta uso cotidiano altamente consolidado: 97,22% dos participantes afirmam utilizá-lo diariamente, sem registros de uso raro ou inexistente, evidenciando forte vitalidade linguística.
<b>Contextos de uso da língua Ticuna</b> (Tabela 15)	A língua circula amplamente em diferentes domínios sociais: família, amizades, escola/trabalho, atividades culturais e espaços públicos,

	demonstrando presença equilibrada entre contextos formais e informais.
<b>Valorização e percepção da língua</b> (Tabela 16 – P7)	O Ticuna é altamente valorizado pela comunidade: 97,22% dos participantes o consideram muito valorizado, sendo reconhecido como elemento central da identidade cultural.
<b>Uso familiar e transmissão intergeracional</b> (Tabela 16 – P8 e P9)	A língua está presente de forma robusta no ambiente doméstico (88,89% indicam que todos os membros da família falam Ticuna) e há forte intenção de transmissão às gerações futuras (80,56%).
<b>Contato com o português fora da comunidade</b> (Tabela 17 – P10)	Fora da comunidade, o português é a língua principal para 97,22% dos participantes, confirmando um quadro de bilinguismo assimétrico em domínios institucionais e urbanos.
<b>Percepção de mudanças linguísticas e alternância de código</b> (Tabela 17 – P11 e P12)	A maioria percebe mudanças na fala decorrentes do contato com o português (72,22%) e relata uso ocasional do português em conversas em Ticuna (94,44%), indicando alternância de códigos como prática recorrente.
<b>Influência do português entre os jovens</b> (Tabela 17 – P13)	O português é percebido como influente sobre os jovens (88,89% indicam influência “um pouco” ou “muita”), apontando maior vulnerabilidade geracional ao contato linguístico.
<b>Ensino da língua Ticuna na escola</b> (Tabela 18 – P25)	Todos os participantes (100%) afirmam que a língua Ticuna é ensinada regularmente nas escolas da comunidade, reforçando seu papel institucional no fortalecimento linguístico.
<b>Desafios para a manutenção da língua</b> (Tabela 18 – P28)	Os principais desafios identificados são a falta de recursos (38,89%), a necessidade de maior estrutura educacional (33,33%) e a influência do português (20,37%), indicando entraves mais estruturais do que atitudinais.
<b>Perspectivas sobre o futuro</b>	Predomina uma visão amplamente otimista: 94,44%



<b>da língua</b> (Tabela 18 – P23 e P26)	acreditam que a língua vai se manter forte, e 91,67% a consideram muito importante para as futuras gerações.
--	--

A seção 6.4, por sua vez, amplia essa análise ao examinar as práticas pedagógicas, estratégias de ensino e formas de avaliação realizadas pelos professores Ticuna da comunidade, sintetizadas na Tabela 6. Os dados revelam um corpo docente experiente, enraizado nas práticas culturais locais e comprometido com a manutenção da língua. Entre os achados mais relevantes, destacam-se:

- 70% dos professores praticam bilinguismo funcional, alternando Ticuna e português conforme a necessidade pedagógica;
- metodologias ativas e estratégias planejadas são amplamente utilizadas, promovendo a participação dos alunos e favorecendo a aprendizagem significativa;
- há grande sensibilidade às necessidades linguísticas dos estudantes, com 96,7% dos professores afirmando considerar interesses e repertórios dos alunos no planejamento;
- ao mesmo tempo, persistem desafios estruturais: formação inicial limitada, pouca diversificação dos instrumentos avaliativos e quase ausência de compartilhamento de resultados com a comunidade.

A integração desses resultados permite afirmar que o ensino na Vila Betânia é atravessado por esforços reais de valorização cultural e linguística, mas ainda depende de condições institucionais mais sólidas para alcançar sua plena potencialidade.

Apesar das fragilidades documentadas, o estudo evidencia também formas de resistência cultural e linguística protagonizadas por professores, lideranças comunitárias, anciãos e jovens engajados na defesa de sua língua materna. Projetos escolares, produções culturais, rituais, cantos e atividades comunitárias em que o Ticuna é dominante demonstram que o processo de fortalecimento linguístico está em movimento, ancorado em práticas de memória, território e solidariedade coletiva. Considerando esse conjunto de resultados, as reflexões finais apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que ultrapassem o reconhecimento simbólico das línguas indígenas e promovam:

- investimento consistente em formação docente, voltada às práticas bilíngues e interculturais;
- produção e distribuição de materiais didáticos em Ticuna;
- infraestrutura escolar compatível com a realidade sociolinguística local;
- participação ativa da comunidade na tomada de decisões educacionais;
- políticas linguísticas que assegurem o uso do Ticuna nos espaços institucionais, administrativos e escolares.

Em síntese, preservar e fortalecer a língua Ticuna não é apenas um ato linguístico, mas um direito coletivo, uma afirmação de existência e um gesto de justiça histórica. Falar, ensinar, cantar e escrever em Ticuna significa resistir, reconstruir e projetar futuros possíveis para o povo Ticuna. A continuidade plena da língua dependerá do fortalecimento dos laços intergeracionais, do compromisso político com a diversidade e da valorização das epistemologias próprias que sustentam o modo de ser Ticuna.

Nesse cenário, em que a comunidade expressa tanto o desejo de continuidade da língua quanto as tensões que atravessam seu uso cotidiano, torna-se fundamental compreender como esses mesmos desafios e expectativas se manifestam no interior da escola e, especialmente, no trabalho dos professores Ticuna. Afinal, são eles que atuam na linha de frente do ensino bilíngue, mediando saberes tradicionais, exigências institucionais e práticas pedagógicas situadas. Assim, ao articular as percepções comunitárias com as práticas docentes, é possível observar de que maneira o compromisso com a língua Ticuna se traduz — ou encontra limites — no cotidiano escolar. É nesse ponto que os dados provenientes da avaliação das práticas pedagógicas e estratégias de ensino dos professores (Seção 6.2) ampliam a compreensão do quadro sociolinguístico de Betânia, revelando como os profissionais da educação experienciam, respondem e ressignificam os desafios identificados pela própria comunidade.

### 7.3 Síntese e Encerramento das Considerações Finais

Este estudo evidencia a complexidade e a riqueza do contato entre a língua Ticuna e a língua portuguesa na comunidade de Vila Betânia, mostrando um cenário sociolinguístico em constante dinamismo, permeado por desafios históricos, simbólicos e culturais. A convivência entre as duas línguas não ocorre de maneira

equilibrada: o português assume papel de prestígio institucional, escolar e social, enquanto o Ticuna, embora reconhecido como fundamento da identidade étnica, enfrenta tensões e pressões simbólicas que desafiam sua transmissão e uso cotidiano.

A análise etnográfica e sociolinguística revelou que a língua Ticuna permanece viva, especialmente entre os anciãos e adultos, mas sofre influências nas novas gerações, sobretudo em espaços institucionais e públicos. A escola, reconhecida como espaço estratégico para a valorização linguística, ainda apresenta fragilidades, como a ausência de materiais didáticos bilíngues, predomínio do português como língua de instrução e carência de formação docente voltada para a realidade intercultural. Esse distanciamento entre discurso oficial e prática pedagógica contribui para a percepção de que o português é a língua dominante no contexto escolar, enquanto o Ticuna se mantém mais presente nos espaços informais e tradicionais.

Apesar desses desafios, o estudo também evidencia formas significativas de resistência linguística e cultural, protagonizadas por professores indígenas, lideranças comunitárias, anciãos e jovens engajados na valorização da língua materna. Projetos escolares, atividades culturais e eventos comunitários em que o Ticuna predomina demonstram que a comunidade de Vila Betânia constrói alternativas concretas de preservação e fortalecimento da língua, ancoradas na memória coletiva, no território e na solidariedade intergeracional.

A análise unificada das práticas pedagógicas (Tabela 9) reforça que os professores Ticuna atuam de maneira consciente e bilíngue, utilizando metodologias ativas, estratégias planejadas e promovendo a participação dos alunos, enquanto enfrentam limitações estruturais, como formação inicial restrita, avaliação pouco diversificada e baixo compartilhamento de resultados com a comunidade. Esses achados destacam a necessidade de **políticas públicas consistentes**, voltadas para:

- **Fortalecimento da formação docente**, ampliando competências pedagógicas e bilíngues;
- **Diversificação das estratégias avaliativas**, incorporando instrumentos que contemplem a expressão oral, cultural e comunitária;
- **Articulação efetiva com a comunidade**, promovendo a participação social e a valorização dos saberes locais.

Em síntese, a pesquisa demonstra que a preservação e promoção da língua Ticuna vão além de um fenômeno linguístico: representam direito coletivo, resistência cultural e afirmação de identidade. Falar, ensinar, cantar e escrever em Ticuna é afirmar a vitalidade de um povo que continua a construir sua história por meio da palavra viva. A continuidade plena da língua dependerá do fortalecimento dos laços intergeracionais, do compromisso político com a diversidade e da valorização das epistemologias próprias que sustentam o modo de ser Ticuna.

## BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA FERREIRA, W. A. da; ZITKOSKI, J. J. Educação escolar indígena na perspectiva da educação popular: em defesa da pedagogia cosmo-antropológica. **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 4–20, 2017.

ALMEIDA, A. R. de. **Da unicidade virtual à polifonia real: micropolíticas Ticuna no Alto Solimões (AM/Brasil)**. 2015. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. **[confirmar programa]**

AMAZONAS. **Novo Ensino Médio Indígena – NEMI a partir de 2023**. Manaus: Secretaria de Estado de Educação e Desporto, Secretaria Executiva Adjunta Pedagógica, Departamento de Políticas e Programas Educacionais, Gerência de Educação Escolar Indígena, 2023.

AMAZONAS. **Matriz Curricular Intercultural de Referência para o Ensino Fundamental e Médio das Escolas Indígenas do Estado do Amazonas**. Resolução nº 02/2014 – CEEI-AM. Manaus: Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino, 2015.

APINAJÉ, J. K. R. Processo de educação intercultural: possíveis reflexões. In: LANDA, M. B.; HERBETTA, A. F. (coords.). **Educação indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político**. [Local]: [Editora], 2017. p. 74–81. **[confirmar local/editora]**

ARAÚJO, J. V. de S. **Centro cultural Tikuna: práticas pedagógicas e identidade étnica no contexto urbano**. 2015. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. **[confirmar programa]**

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor de línguas na perspectiva sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 14/1999**, de 14 de setembro de 1999. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 1999.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 13/2012**, de 10 de maio de 2012. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 jun. 2012. Seção 1, p. 18.

BRAÚLIO, O. B. **Educação escolar Ticuna: uma descrição do universo educacional e cultural na Escola Ebenezer, em Filadélfia – Benjamin Constant**

(AM). 2017. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. **[confirmar programa]**

CARVALHO, A. L. F. Atitudes linguísticas de universitários Tikuna: uma análise da situação do contato português/Tikuna. In: **Anais do VIII SAPPIL – Estudos de Linguagem**. [Local]: [Instituição], 2017.

CARVALHO, A. L. F. Estudo sociolinguístico em situação de contato em contexto escolar: os alunos indígenas Ticuna na Universidade do Estado do Amazonas – UEA. In: **Anais do VI SAPPIL – Estudos de Linguagem**. [Local]: [Instituição], 2015. p. 35–52.

CATACHUNGA, E. L.; SCHWARTZ, R. M. P. B.; SILVA, R. A. da. O povo Ticuna sob uma perspectiva histórica: de suas origens mitológicas à perda de sua identidade. **Revista Sem Aspas**, v. 10, p. e021006, 2021.

CAVIEDES, M. É possível fazer uma etnografia das escolas? O caso da fronteira amazônica Brasil–Colômbia e dos povos Ticuna e Murui-Muina. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 14–44, 2017.

CAZUZA, R. da S. **A língua portuguesa na comunidade indígena Tikuna São José I, Ilha do Camaleão, município de Anamã (AM)**. 2021. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. **[confirmar programa]**

DIAS, L. B. **De escola e to'cü: dois conselhos Ticuna e quatro políticas**. 2021. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. **[confirmar programa]**

FELIPE, I. da C. **Histórias contadas em Mecürane: um estudo sobre a organização social e o território dos Tikuna**. 2018. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. **[confirmar programa]**

FREITAS, N. T. Estudo etnográfico dos clãs e subclãs da etnia Ticuna do Alto Solimões. **Tecné, Episteme y Didaxis**, Bogotá, p. 1–6, 2018.

GARCIA, E. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica: uma discussão necessária. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 17, n. 35, 2016.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2004.

LOPES, E. Identidade, política e relações interétnicas entre indígenas Kokama e Ticuna na região do Alto Solimões (AM). **ANINC – Anuário do Instituto de Natureza e Cultura**, v. 5, n. 1, p. 274–281, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente, segundo a situação do domicílio e condição de indígena – Brasil (1991–2010)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2022: população indígena residente no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MAROLDI, A. M.; LIMA, L. F. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise de citações presentes em teses e dissertações em educação indígena. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 177–201, 2018.

MEDEIROS, J. S. História da educação escolar indígena no Brasil: alguns apontamentos. In: **XIV Encontro Estadual de História – ANPUH-RS**. Porto Alegre: PUCRS, 2018. p. 1–19.

MENDONÇA, D. G.; OLIVEIRA, R. M. da S. R. Educação indígena no Brasil: entre legislações, formação docente e tecnologias. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

OLIVEIRA, E. R. de. **O ensino mediado por tecnologia em comunidade indígena Ticuna: desafios linguísticos no processo ensino-aprendizagem**. 2019. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. [confirmar programa]

OLIVEIRA, S. R. de; OLIVEIRA, F. F. A. M. de; PETRAGLIA, I. C. Índios Ticuna e a complexidade para uma educação no século XXI. **Cadernos de Educação**, v. 20, n. 40, p. 83–106, 2021.

PEREIRA, D. D.; SILVA, T. C. Educação escolar indígena. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 22, n. 235, p. 25–33, 2022.

ROCHA, S. da S. **O ensino da língua portuguesa como L2 na Escola Estadual Indígena Almirante Tamandaré: as políticas públicas sob o olhar Ticuna na Comunidade Umariáçu II**. 2019. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. [confirmar programa]

SANTOS LUCIANO, G. J. dos. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 295–310, 2017.

SANTOS LUCIANO, G. J. dos. Educação intercultural: direitos, desafios e propostas de descolonização e de transformação social no Brasil. **Cadernos CIMEAC**, v. 7, n. 1, p. 12–31, 2017.

- SANTOS, R. A. P. dos. **Políticas linguísticas no ensino bilíngue: uma reflexão ecolinguística das línguas em contato em território escolar no Alto Solimões**. 2022. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022. **[confirmar programa]**
- SILVA COELHO, F. da; MARTINS, S. A. “Tua língua e a minha língua”: a questão linguística dos estudantes Ticuna da Escola Normal Superior da UEA. **Extensão em Revista**, n. 8, p. 69–88, 2021.
- SILVA FILHO, E. G. da. **A educação Tikuna na cidade de Manaus a partir de uma experiência associativista**. 2020. Dissertação (Mestrado em [Área]) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. **[confirmar programa]**
- SILVA, G. J. da; COSTA, A. M. R. F. M. da. **Histórias e culturas indígenas na educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- SOUZA ARAÚJO, J. V.; RUBIM, A. C.; SANTOS, G. S. dos. Por entre o silenciamento e o protagonismo: um olhar sobre os estudantes Tikuna da escola diferenciada Wotchimaücü em Manaus. **Interfaces da Educação**, v. 11, n. 33, p. 638–656, 2020.
- SOUZA ARAÚJO, J. V.; MEDEIROS WEIGEL, V. A. C. de; RUBIM, A. C. Estudantes Tikuna em Manaus: entre o protagonismo na escola indígena e o silenciamento de identidades na escola não indígena. **Tellus**, p. 193–218, 2021.
- XERENTE, S. L. G. da S. A língua Akwen e a língua portuguesa em contato: ameaça ou enriquecimento linguístico. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 378–419, 2018.





## **APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES SOBRE ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

### **I – IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR (A):**

1º) – Você pertence a etnia ticuna?

- ☐ ( ) sim
- ☐ ( ) não

2º) – Qual a sua idade?

- ☐ ( ) entre 18 e 25 anos
- ☐ ( ) entre 26 e 35 anos
- ☐ ( ) entre 36 e 45 anos
- ☐ ( ) entre 46 e 55 anos
- ☐ ( ) entre 56 e 60 anos
- ☐ ( ) mais de 61 anos

3º - Sexo:

- ☐ ( ) masculino
- ☐ ( ) feminino
- ☐ ( ) prefiro não responder

4º - Qual a sua escolaridade ou formação profissional?

- ☐ ( ) ensino médio (não profissionalizante)
- ☐ ( ) ensino médio (magistério)
- ☐ ( ) ensino superior

### **II – ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

5º) - Quantos anos você atua na docência?

- ☐ ( ) entre 01 a 02 anos
- ☐ ( ) entre 03 a 05 anos
- ☐ ( ) entre 06 a 10 anos
- ☐ ( ) mais de 11 anos

6º) – Em que modalidade de ensino você leciona atualmente?

- ☐ ( ) Educação Infantil
- ☐ ( ) Ensino Fundamental (anos iniciais)
- ☐ ( ) Ensino Fundamental (anos finais)

- ( ) Ensino Médio

7º) – Que língua você mais utiliza em sala de aula?

- ( ) ticuna
- ( ) português
- ( ) ambas as línguas
- ( ) outra. Qual? \_\_\_\_\_

### **III – PRÁTICA PROFISSIONAL / INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

8º) – Como você realiza seu planejamento pedagógico? Marque os que se aplicam.

- ( ) semanal
- ( ) mensal
- ( ) bimestral
- ( ) trimestral
- ( ) semestral

9º) – Na escola que você atua, existe um profissional que te orienta ou acompanha em seus planejamentos pedagógicos?

- ( ) sim
- ( ) não
- ( ) as vezes

10º) – Em seu planejamento, você utiliza o PPP da escola como ferramenta de orientação pedagógica?

- ( ) sim
- ( ) não
- ( ) algumas vezes
- ( ) a escola não tem PPP

11º) – Para elaboração de seu planejamento, você busca conhecer as necessidades e interesses de cada aluno?

- ( ) sim
- ( ) não
- ( ) algumas vezes

12º) – Quando surge uma situação problema em sala de aula, como você procura resolver? Marque as opções que se aplicam.

- ( ) em sala de aula com os envolvidos

- ☐ ( ) peço ajuda a equipe pedagógica
- ☐ ( ) peço ajuda a família do envolvido
- ☐ ( ) peço ajuda as lideranças da comunidade

13º) – Como você promove a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem?

- ☐ ( ) individualmente
- ☐ ( ) coletivamente

14º) – Você utiliza diferentes estratégias de ensino para atender à diversidade dos alunos?

- ☐ ( ) sim
- ☐ ( ) não
- ☐ ( ) as vezes

15º) – Qual metodologia de ensino você utiliza com mais frequência?

- ☐ ( ) ativas
- ☐ ( ) passivas
- ☐ ( ) outra. Qual? \_\_\_\_\_

16º) – Quais instrumentos de avaliação você utiliza para avaliar o aprendizado dos alunos? Marque as opções que se aplicam.

- ☐ ( ) exercício oral
- ☐ ( ) exercício escrito
- ☐ ( ) avaliação escrita
- ☐ ( ) outros. Quais? \_\_\_\_\_

17º) – Os resultados de aprendizagem são compartilhados? Como? Marque as opções que se aplicam.

- ☐ ( ) sim
- ☐ ( ) não
- ☐ ( ) às vezes
- ☐ ( ) com a equipe pedagógica
- ☐ ( ) com as famílias dos alunos
- ☐ ( ) com a comunidade

## APÊNDICE II - Questionário Sociolinguístico sobre o uso da Língua Ticuna na Comunidade da Vila de Betânia e as características de seu contato com a língua portuguesa

A seguir, apresento o **Questionário Sociolinguístico** voltado para investigar as características do contato da língua Ticuna com a língua portuguesa na comunidade de Vila Betânia, localizada no município de Santo Antônio do Itá, alto Solimões, estado do Amazonas. Este questionário busca explorar fatores sociais, culturais e linguísticos que possam indicar o uso, o valor e os desafios da língua Ticuna na comunidade.

---

**Questionário Sociolinguístico sobre o uso da Língua Ticuna na Comunidade da Vila de Betânia e as características de seu contato com a língua portuguesa.**

**Objetivo:** Este questionário visa entender o uso da língua Ticuna na comunidade de Vila Betânia, investigando o papel da língua no cotidiano social, as práticas linguísticas e os fatores que influenciam a sua manutenção e as consequências do contato com a língua portuguesa.

### I. Dados Pessoais (Para Contextualizar as Respostas)

1. **Nome:** \_\_\_\_\_
2. **Idade:** \_\_\_\_\_
  - ☐ ( ) Menos de 10 anos
  - ☐ ( ) 10 a 19 anos
  - ☐ ( ) 20 a 29 anos
  - ☐ ( ) 30 a 39 anos
  - ☐ ( ) 40 a 49 anos
  - ☐ ( ) 50 anos ou mais
3. **Sexo:**
  - ☐ ( ) Masculino
  - ☐ ( ) Feminino
  - ☐ ( ) Outro
  - ☐ ( ) Prefiro não responder
4. **Você se identifica como pertencente à etnia Ticuna?**
  - ☐ ( ) Sim
  - ☐ ( ) Não
  - ☐ ( ) Prefiro não responder
5. **Qual é sua principal língua de comunicação?**
  - ☐ ( ) Ticuna

- ☐ ( ) Português
- ☐ ( ) Outras (especifique): \_\_\_\_\_

## II. Uso da Língua Ticuna

5. Com que frequência você usa a língua Ticuna no seu dia a dia?
  - ☐ ( ) Todos os dias
  - ☐ ( ) Algumas vezes por semana
  - ☐ ( ) Raramente
  - ☐ ( ) Nunca
6. Em quais contextos você usa a língua Ticuna? (Marque todas as opções que se aplicam)
  - ☐ ( ) Em casa/família
  - ☐ ( ) Com amigos
  - ☐ ( ) Na escola/trabalho
  - ☐ ( ) Em atividades culturais ou religiosas
  - ☐ ( ) Em espaços públicos (mercados, ruas, etc.)
  - ☐ ( ) Outro (especifique): \_\_\_\_\_
7. Você sente que a língua Ticuna é valorizada na sua comunidade?
  - ☐ ( ) Sim, muito valorizada
  - ☐ ( ) Moderadamente valorizada
  - ☐ ( ) Pouco valorizada
  - ☐ ( ) Não é valorizada
8. Quem na sua família fala a língua Ticuna?
  - ☐ ( ) Apenas os mais velhos
  - ☐ ( ) Todos os membros da família
  - ☐ ( ) Apenas algumas pessoas
  - ☐ ( ) Ninguém fala
9. Você ensina ou pretende ensinar a língua Ticuna para seus filhos ou netos?
  - ☐ ( ) Sim
  - ☐ ( ) Não
  - ☐ ( ) Não tenho filhos/netos

### III. Contato com a língua Portuguesa

10. Qual é a principal língua que você usa para se comunicar fora da sua comunidade?

- ☐ ( ) Português
- ☐ ( ) Outra língua indígena
- ☐ ( ) Outra língua estrangeira (especifique): \_\_\_\_\_

11. Você percebe alguma mudança na forma de falar da sua comunidade devido ao contato com o português?

- ☐ ( ) Sim, houve muitas mudanças
- ☐ ( ) Sim, algumas mudanças
- ☐ ( ) Não, não houve mudanças
- ☐ ( ) Não sei/Não percebo

12. Você já ouviu alguém usar palavras ou expressões em português durante uma conversa em Ticuna?

- ☐ ( ) Sim, com frequência
- ☐ ( ) Sim, de vez em quando
- ☐ ( ) Não, nunca
- ☐ ( ) Não sei

13. Você acredita que o uso do português está afetando a forma como os mais jovens falam Ticuna?

- ☐ ( ) Sim, está influenciando muito
- ☐ ( ) Sim, está influenciando um pouco
- ☐ ( ) Não, não está influenciando
- ☐ ( ) Não sei

14. Quais são as principais situações em que você usa o português?

- ☐ ( ) No trabalho/estudo
- ☐ ( ) Com amigos ou familiares fora da comunidade
- ☐ ( ) Em interações formais (governo, saúde, etc.)
- ☐ ( ) Em ambientes de mídia (TV, rádio, internet)
- ☐ ( ) Outro (especifique): \_\_\_\_\_

15. Você já sentiu alguma dificuldade ao tentar falar ou entender o português?

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, de vez em quando
- ☐ Não, nunca
- ☐ Não sei

16. Como você acha que a mistura de português com Ticuna (como o uso de palavras do português) afeta a comunicação na sua comunidade?

- ☐ Melhora a comunicação
- ☐ Complica a comunicação
- ☐ Não tem impacto significativo
- ☐ Não sei

17. Você já percebeu alguma mudança no vocabulário do Ticuna devido ao contato com o português?

- ☐ Sim, muitos termos do português foram incorporados
- ☐ Sim, alguns termos foram incorporados
- ☐ Não, o vocabulário não mudou
- ☐ Não sei

18. Qual língua você considera mais importante para o futuro da sua comunidade?

- ☐ Ticuna
- ☐ Português
- ☐ Ambas as línguas igualmente
- ☐ Não sei

19. Você acredita que o português está contribuindo para a mudança da língua Ticuna entre os mais jovens?

- ☐ Sim, está contribuindo bastante
- ☐ Sim, está contribuindo um pouco
- ☐ Não, não está contribuindo
- ☐ Não sei

20. Quando você escuta uma conversa em português, você entende o que está sendo falado?

- ☐ Sim, perfeitamente
- ☐ Sim, mais ou menos



- ☐ Não, tenho dificuldade
- ☐ Não sei

**21. Você percebe algum tipo de estigma relacionado ao uso do Ticuna ou do português na sua comunidade?**

- ☐ Sim, há estigma em relação ao uso do Ticuna
- ☐ Sim, há estigma em relação ao uso do português
- ☐ Não, não há estigma relacionado a nenhuma das línguas
- ☐ Não sei

**22. Você acha que a presença do português nas escolas e nas administrações públicas influencia a forma como a comunidade usa o Ticuna?**

- ☐ Sim, influencia de maneira negativa
- ☐ Sim, influencia de maneira positiva
- ☐ Não, não influencia
- ☐ Não sei

**23. Na sua opinião, qual é o futuro da língua Ticuna em relação ao uso do português?**

- ☐ A língua Ticuna vai se perder com o tempo
- ☐ A língua Ticuna vai se manter, mas com menos falantes
- ☐ A língua Ticuna vai se manter forte ao lado do português
- ☐ Não sei

**24. Como você se sente ao falar Ticuna em comparação com o português?**

- ☐ Sinto mais conforto e identidade ao falar Ticuna
- ☐ Sinto mais conforto ao falar português
- ☐ Sinto igual conforto nas duas línguas
- ☐ Não sei

#### **IV. Ensino e Transmissão da Língua**

**25. A língua Ticuna é ensinada nas escolas de Vila Betânia?**

1. ☐ Sim, com regularidade
2. ☐ Sim, mas de forma esporádica

- 3. ☐ Não
- 4. ☐ Não sei

**26. Você considera importante que as futuras gerações da comunidade falem a língua Ticuna?**

- 1. ☐ Sim, é muito importante
- 2. ☐ Sim, é importante, mas não essencial
- 3. ☐ Não, não vejo necessidade
- 4. ☐ Não sei/Não tenho opinião

**27. Você participaria ou incentivaria programas de ensino da língua ticuna para crianças e jovens da comunidade?**

- 1. ☐ Sim, participaria e incentivaria
- 2. ☐ Sim, participaria, mas não incentivaria
- 3. ☐ Não, não participaria nem incentivaria
- 4. ☐ Não sei

#### **V. Desafios e Perspectivas para a Língua Ticuna**

**28. Quais são os principais desafios para a preservação da língua Ticuna na comunidade? (Marque todos os que se aplicam)**

- 1. ☐ Influência do português
- 2. ☐ Falta de educação formal em Ticuna
- 3. ☐ Falta de interesse das novas gerações
- 4. ☐ Falta de recursos para ensinar a língua
- 5. ☐ Perda de falantes nativos
- 6. ☐ Outros (especifique): \_\_\_\_\_

**29. Você acredita que a língua Ticuna corre algum risco na comunidade devido ao uso do português?**

- 1. ☐ Sim, está em risco sério
- 2. ☐ Sim, mas há tempo para salvar
- 3. ☐ Não, está segura
- 4. ☐ Não sei

**30. O que você acha que deveria ser feito para garantir a preservação da língua Ticuna?**

- 1. ☐ Ensinar a língua nas escolas

2. ☐ Criar materiais de aprendizagem (livros, vídeos, etc.)
3. ☐ Incentivar as pessoas a falar mais Ticuna em casa
4. ☐ Realizar eventos culturais que promovam o uso da língua
5. ☐ Outros (especifique): \_\_\_\_\_

#### VI. Considerações Finais

31. Na sua opinião, qual é a maior importância da língua Ticuna para sua comunidade?

1. ☐ Preservação da identidade cultural
2. ☐ Comunicação com os mais velhos
3. ☐ Prática religiosa/tradicional
4. ☐ Outra (especifique): \_\_\_\_\_

32. Se tem mais algum comentário ou sugestão sobre a língua ticuna na comunidade de Vila Betânia que gostaria de falar?

1. \_\_\_\_\_
  2. \_\_\_\_\_
- 

#### Instruções:

- Este questionário deve ser aplicado de forma anônima e confidencial, garantindo que os participantes se sintam à vontade para expressar suas opiniões.
- A análise dos resultados pode fornecer uma visão clara sobre a língua Ticuna na comunidade e as características do seu contato com a língua portuguesa.

A estrutura do questionário cobre aspectos linguísticos fundamentais sobre o contato da língua ticuna com a língua portuguesa, como o uso da língua, a transmissão para as novas gerações, e os desafios enfrentados pela língua Ticuna, ajudando a compreender melhor a situação sociolinguística da comunidade de Vila Betânia.

## ANEXO – COOFICALIZAÇÃO DA LÍNGUA TICUNA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTONIO DO IÇÁ



ESTADO DO AMAZONAS  
CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTONIO DO IÇÁ  
RUA MIZUEL TEIXEIRA Nº11 CENTRO  
CNPJ: 04.819.798/0901-20 FONE FÁX: (97) 3461-1140

LEI N.º 298 / 2020 – DE 08 DE OUTUBRO 2020.



DISPÕE SOBRE A COOFICALIZAÇÃO DA LÍNGUA TIKUNA/TICUNA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ E PROPOSTA CURRICULAR DIVERSIFICADA, A SER APLICADA PELA REDE MUNICIPAL DE ENSINO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Presidente da Câmara Municipal de Santo Antonio do Içá – AM., no uso de suas atribuições legais. Faço saber a todos os habitantes que a Câmara Municipal aprovou e eu **PROMULGO** a presente

### LEI:

Art. 1º. Fica o Município de SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ-AM autorizado a cooficializar a língua Tikuna como primeira língua da etnia Ticuna do Município de Santo Antonio do Içá/AM.

Art. 2º. A cooficialização da língua Tikuna como primeira língua, obriga o Município a:

- I. Ofertar a disciplina da língua Tikuna na Rede Municipal de Ensino;
- II. Produzir todo material de ensino a ser utilizado pela Rede Municipal de Ensino, na língua Tikuna;
- III. Incentivar o uso da língua Tikuna em todos os órgãos da administração municipal.

Art. 3º. São válidos e eficazes, todos os atos da administração pública, editados na língua Tikuna e na língua portuguesa.

Art. 4º. Fica facultado as pessoas jurídicas estabelecidas no Município de Santo Antonio do Içá-AM, a adoção de atendimento e mensagens ao público, na língua referenciada nesta Lei.

Art. 5º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTONIO DO IÇÁ, 08 DE OUTUBRO DE 2020.

*Guilherme F. L. Ferreira*

Guilherme Fernando Lasmar Ferreira